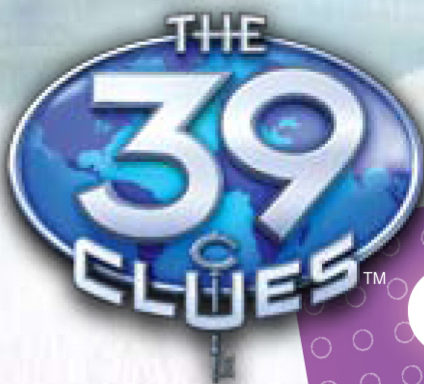


O CÓDIGO DO IMPERADOR

GORDON KORMAN



LIVRO 8

editora ática

01 de Janeiro de 2014



A



Por meio de seu



A mafia dos Livros respeitosamente apresenta o 8º livro da série: The 39 Clues. Graças à Colaboração de Junior Heyder, que fez a digitalização do livro.

Capítulo 1

Os espirros começaram no instante em que a gaiolinha do gato passou perto do nariz do passageiro.

Atchim!... atchim!... atchim!

Parados no corredor do avião de uma companhia inglesa, Amy e Dan Cahill esperaram o acesso de espirro terminar. Mas não acabava nunca. Em vez disso, foi ficando mais intenso. Cada pequena explosão sacudia o corpo inteiro do pobre homem.

— Não pode ser *tão* grave! — disse Dan, impaciente.

Dentro da gaiolinha, Saladin olhou em volta ansioso, irritado com a barulheira:

— *Prrr?*

Nellie Gomez, a *au pair* dos irmãos Cahill, surgiu atrás deles. Com o iPod tocando Ramones no último volume, ela só viu o homem se contorcendo aflito e com lágrimas nos olhos.

— Eu avisei que os tacos daquela barraquinha tinham pimenta-malagueta! — ela anunciou alto demais.

Sua voz estridente atraiu a presença da aeromoça, que, em chinês, falou com o homem dos espirros e então se virou para Amy e Dan:

— Parece que o senhor Lee é alérgico a pelo de gato. O animalzinho de vocês vai ter de viajar no compartimento de carga.

— Mas deixaram a gente ficar com ele no voo de Madagascar para cá — protestou Amy.

A esta altura, Nellie tinha desligado o iPod.

— O senhor Lee não pode mudar de assento? — ela perguntou.

— Sinto muito. O voo está lotado.

Saladin não partiu em silencio. Os *prrrs* indignados do Mau Egípcio ressoaram pela cabine até a porta de embarque fechar.

O senhor Lee assoava o nariz enquanto Amy e Dan se espremiam para passar por ele e sentar nas poltronas. Nellie se acomodou na fileira de trás, novamente absorta em seu iPod.

— Que droga, né? — reclamou Dan, já irrequieto, embora o avião ainda estivesse parado. — É o segundo voo de um milhão de horas seguido e nós nem temos o Saladin. O que podia ser pior que isso?

Os dois se encararam por cerca de meio segundo e depois desviaram o olhar. Era uma pergunta imbecil e Dan sabia disso. O que podia ser pior? Aquela era a *definição*de pior, o verdadeiro motivo para o humor de Dan estar péssimo e para a falta de paciência de Amy com o irmão. Não tinha nada a ver com voos demorados e gatos.

Os Madrigal!

Depois de todas aquelas semanas, Amy e Dan tinham finalmente solucionado o mistério e descoberto a qual clã da família Cahill pertenciam. Não eram os ardilosos e brilhantes Lucian, mestres da estratégia. Não eram Janus, gênios criativos. Nem brutamontes Tomas, descendentes de guerreiros. Nem mesmo inovadores Ekaterina, os maiores inventores da que o mundo já conheceu.

Não. Durante todas aquelas semanas percorrendo o planeta em busca das 39 pistas, Amy e Dan haviam sido Madrigal.

Madrigal. O pior dentre os piores. Os Madrigal massacraram a família real russa em uma serie de homicídios que atravessou o continente. Suas ferramentas de trabalho: dissimulação, sabotagem, truques, assassinato e, acima de tudo, terror. Até os Lucian temiam os Madrigal, e *todo mundo* tinha medo dos Lucian.

É como viver a vida inteira sem nunca se olhar no espelho, pensou Amy, *e de repente ver o próprio reflexo e descobrir que é um monstro*.

Como poderiam ser Madrigal sem saber disso? Eles tinham passado toda a viagem desde a África repetindo essa pergunta, torturando-se com ela, na vã esperança de que, se a fizessem várias vezes, a resposta talvez mudasse de repente e ficasse diferente da terrível verdade.

Porém os Madrigal eram tão misteriosos que escondiam seus segredos até deles mesmos. Grace, a avó de Amy e Dan, devia ter sido Madrigal também. Após a morte dos pais das crianças, ela era a parente mais próxima deles. E, entretanto, jamais mencionara esse fato.

Grace também se foi, refletiu Amy com tristeza. Ela e Dan estavam sozinhos, a não ser por Nellie. E é claro, Saladin, o querido bicho de estimação da avó.

Eles mal haviam acostumado à ideia de que eram membros da ilustre família Cahill. A busca das 39 pistas ainda parecia irreal – uma chance de dois órfãos de Boston se tornarem as pessoas mais poderosas da historia da humanidade! E, no entanto, aquela era a revelação mais chocante de todas. Os pais de Amy e Dan deviam ter sido Madrigal também. Isso queria dizer que *eles* eram do mal?

Ultimamente, Amy estava olhando muito para dentro de si, tentando ver com clareza o que havia em seu coração. Nem tudo era um mar de rosas. Ela sentia raiva dos truques sujos daquela competição. Isabel... O mero nome da assassina de seus pais alimentava um fogo que distorcia sua visão.

Isabel, que a tinha segurado no colo quando criança. Que tinha chamado Amy de*querida* e feito papel de tia amorosa.

Isabel, que transformara em órfãs duas crianças felizes...

Vingança!! Era mais uma explosão de emoções que um pensamento racional, como se fosse um motor superaquecido. Aquilo era tão automático, tão puro, que só podia ter vindo da Madrigal que havia em seu âmago.

Quando uma pessoa é do mal, consegue reconhecer isso em si mesma?

Em voz alta, Amy disse para o irmão:

— Tente dormir. O fuso horário na China é completamente diferente.

— Eu dormi a viagem inteira desde a África — resmungou Dan.

O avião se afastou do portão e teve início a demonstração dos procedimentos de segurança.

— *Logo após a decolagem, convidamos vocês a apreciarem as opções de entretenimento na tela em frente aos assentos* — anunciou uma voz — *nosso primeiro filme é* O exterminador do futuro: A salvação.

— Oba! — Dan tirou os fones de ouvido do compartimento do assento. — Finalmente alguma coisa dá certa pra nós!

— Sua idiotice será estudada por gerações futuras — Amy declarou num tom solene.

— Não zica — ele censurou a irmã, ajustando os fones nos ouvidos. — Sorte é que nem coceira: se espalha rapidinho. Quem sabe é o começo de uma maré boa.

O avião taxiou entre o trânsito do aeroporto, correu ressoando pela pista e levantou voo. Londres foi sumindo embaixo deles... Mais uma cidade. O senhor Lee segurava com tanta força o braço do assento que os nós dos seus dedos ficavam brancos a cada tranco e sacudidela. Mas agora Amy e Dan eram passageiros experientes e mal notavam a turbulência. No espaço de semanas, aquelas duas crianças que nunca tinham saído da Nova Inglaterra haviam visitado mais de dez países em cinco continentes diferentes.

Dan reclinou o assento e se concentrou na tela de vídeo a sua frente. Porém, quando ela se iluminou, não mostrou a emocionante abertura de *O exterminador do futuro*, e sim cenas de um palácio decorado.

— Mas que... — Dan foi mudando de canal. O palácio aparecia em todos.

— Qual é o problema? — chiou Amy.

— Cadê *O exterminador do futuro?*

Amy ligou a própria tela e olhou atentamente a cena do palácio.

— Eu conheço esse filme... — A expressão em seu rosto abrandou. — É *O último imperador*. Eu vi duas ou três vezes... com a Grace.

Um nó se formou em sua garganta. No calor da busca pelas pistas, era fácil esquecer que Grace Cahill falecera havia menos de dois meses.

Grace... Madrigal... Não era um mal-entendido. Eles até tinham visto o esconderijo Madrigal dela.

Não me importo! Eu a amava... ainda amo...

Dan não estava com humor para sentimentalismos.

— Cara, eles puseram o filme errado! — reclamou.

Ao estender o braço para apertar o botão e chamara a aeromoça, Dan viu de relance a tela de seu vizinho alérgico. Lá estava *O exterminador do futuro*, em todo seu esplendor futurista.

Abismado, Dan se debruçou por sobre o encosto do assento e espiou o *cyborg* de cabeça para baixo na tela de Nellie.

— Todo mundo está vendo *O exterminador do futuro* menos a gente!

— Por que só dois assentos estariam recebendo um filme diferente? — disse Amy, franzindo a testa.

— É uma conspiração internacional pra me entediar — protestou o irmão.

* * *

O movimento era intenso nos terminais de passageiros do aeroporto de Heathrow, em Londres. Na pista de decolagem, um exército de mecânicos e carregadores de bagagem mantinha em ação um dos aeroportos mais movimentados do mundo.

Vários funcionários da manutenção faziam uma pausa para o chá quando notaram um recém-chegado no vestiário. Era mais velho que os outros, provavelmente na casa dos 60. Quando o homem tirou o sobretudo, eles observavam que estava muito bem-vestido num blazer de caxemira, suéter com gola rulê e calças sociais, tudo na cor preta. Um exame mais atento teria revelado que seu crachá era falsificado. Ele não trabalhava ali. Não trabalhava em lugar algum.

Embora nenhum dos funcionários identificasse o homem de preto, Amy e Dan o teriam reconhecido. Ele vinha percorrendo mais da metade do planeta para seguir os passos deles.

Capítulo 2

Para Dan, *O último imperador* era tão chato quanto um voo de dez horas para Pequim.

— Você devia prestar atenção — advertiu Amy — vai ser uma boa preparação para nossa viagem à China.

— Mmm — ele murmurou, com as pálpebras pesadas.

A única vantagem de não poder assistir *O Exterminador do futuro* era a possibilidade de que aquele filme podre o fizesse dormir. Ele tinha acabado de cair no sono quando de repente Amy cravou as unhas no braço dele.

— Dan!

— O que é? — Seus olhos embaçados focaram a irmã, que estava apontando para a tela. — Droga, Amy. Eu dormi para escapar do *Último imperador!*

— Olha! — Insistiu Amy. — Naquela parede!

Dan espremeu os olhos. A cena mostrava Pu Yi, imperador da China aos 3 anos de idade, brincando na Cidade Proibida, o vasto complexo imperial. Havia centenas de palácios, estátuas e templos suntuosamente decorados. E lá, pintado na lateral de uma pequena construção...

— O brasão dos Janus! — ele exclamou assombrado.

Amy franziu a testa:

— Por que isso está no *Último imperador*?

— Muitas pessoas do show business são Janus — sugeriu Dan. — Vai ver o cara que fez esse filme era um deles.

— Talvez — disse Amy com relutância. — Mas duvido. O *último imperador* foi filmado na década de 1980. A pintura nessa parede parece muito mais velha que isso.

— Quem mais poderia ter...? — ele arregalou os olhos. — Você quer dizer... ele? — Dan apontou para o garotinho em trajes de realeza na tela. — Pi Ui?

Amy ficou nervosa:

— O nome dele é Pu Yi e ele era imperador da China. Não um maquinista de trem. Presta atenção!

— E você acha que ele vem de um dos ramos asiáticos da família Cahill?

— Não precisa ser o Pu Yi — argumentou Amy. — A Cidade Proibida existe há séculos. E muitas pessoas já moraram lá além dos imperadores. Não se esqueça da corte imperial, dos criados, dos monges, dos eunucos...

— O que é um eunuco? — interrompeu Dan.

— Bom... — Amy ficou vermelha, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Lembra quando Saladin foi castrado para não ter filhotes...

— Ahã, mas eles não fazem isso com pessoas... — O rosto de Dan perdeu toda a cor. — Ou fazem?

— Na China de antigamente, faziam — respondeu a irmã.

Dan ficou apreensivo:

— Mas eles pararam, né?

Ela revirou os olhos:

— Várias culturas costumavam fazer coisas que consideramos bizarras hoje. Incluindo a nossa. E, de qualquer modo, a China é o lugar para onde nossos pais foram depois que saíram da África e a Grace também viajou para lá. Esse filme é mais uma prova de que estamos no caminho certo. Nossos assentos são os únicos em que está passando *O último imperador*. Alguém queria que a gente visse o brasão dos Janus.

— Pois é, mas e ser for a concorrência tentando fazer a gente perder tempo? — perguntou Dan. — Ou os Madrigal, tentando...

A pele ao redor de seus lábios se enrugou num meio sorriso.

— Temos que correr esse risco — decidiu Amy. — Pelo menos sabemos qual é nossa primeira parada em Pequim: a Cidade Proibida, que já era o lar dos governantes da China meio século antes de o próprio Gideon Cahill nascer.

De olho no prêmio. Aquilo fazia sentido.

Também era um jeito de pensar típico de um Madrigal.

* * *

O novo terminal do aeroporto de Pequim era um dos mais avançados do mundo. Era ultramoderno e no entanto extremamente chinês, com cores e desenhos antigos incorporados às curvas de seu teto de vidro alto.

— De acordo com o guia, o prédio inteiro foi inspirado na forma do dragão chinês – Amy disse a seus companheiros de viagem.

Os olhos de Dan estavam fixos nas placas que levavam à retirada de bagagens:

— Vamos torcer para não terem mandado o Saladin para a Antártida.

A gaiolinha do gato estava rodando numa esteira de bagagens, parcialmente encoberta por malas, caixas e baús muito maiores. Os miados de indignação podiam ser ouvidos do outro lado do saguão de desembarques internacionais.

Dan pescou a gaiolinha de trás de uma sacola cheia de tacos de golfe. Espiou o gato lá dentro.

— Relaxa, amigo.

Em resposta, ele recebeu um *prr* agudo de advertência.

Quando saíram da área das esteiras, a agitação do gato cresceu. Ele não parava de arranhar a grade da gaiolinha.

Amy estava preocupada:

— Aconteceu alguma coisa com o Saladin, Dan? Ele está doente?

— Provavelmente enlouqueceu depois de ficar tanto tempo preso — respondeu Dan. — Vou soltá-lo, deixar ele esticar as pernas.

— Você não pode fazer isso — protestou Nellie. — Estamos no meio de um aeroporto lotado.

Porém Dan já tinha aberto a porta.

Saladin pulou da gaiolinha como um foguete e patinou pelo piso. Ele deu uma volta em sim mesmo para se recompor. Então, diante dos olhos horrorizados de seus donos, o gato se atirou em cima de um homem mais velho, alto e magro, que estava lendo jornal num banco ali perto.

— Saladin! — exclamou Amy. — Não!

A vítima soltou um grito e ficou de pé num pulo, derrubando seu chapéu no chão.

Dan agarrou o gato. Amy recolheu o chapéu caído e o entregou para o dono.

— Desculpa, senho... — Seus olhos pousaram na bengala com cabo de diamante que ele trazia.

O homem aceitou o chapéu com um sorriso sem graça. Era Alistair Oh, primo Cahill e concorrente na busca pelas 39 pistas.

— Ah, olá crianças. Vocês parecem bem.

Nos braços de Dan, o Mau Egípcio chiou para ele.

— Você estava nos espionando! — acusou Amy.

— Espionando? — repetiu o tio Alistair. — Não. Só estou aqui para lhes dar as boas vindas à Ásia e oferecer minha assistência. A questão do idioma pode ser um grande obstáculo na China e meu mandarim é excelente.

Os olhos de Nellie se estreitaram, como sempre acontecia quando ela suspeitava que estavam tentando fazê-la de trouxa:

— E você está oferecendo isso só porque tem bom coração?

— É claro! Se bem que... — O sorriso gentil de Alistair começou a parecer levemente forçado — … seria uma excelente oportunidade para nos atualizarmos sobre o progresso que obtivemos na busca pelas pistas.

— Ahá! — Dan explodiu. — Você só quer ajudar a gente pra poder roubar nossas pistas, porque você sabe que está *perdendo!*

O sorriso desapareceu e Amy e Dan notaram os olhos exaustos e avermelhados de seu primo distante.

— Receio, crianças, que todos nós estejamos perdendo — ele admitiu. — Já faz vários dias que Ian e Natalie Kabra estão na China. E o que é ainda mais preocupante, os Holt sumiram completamente da tela do radar.

— Procura no concurso Mister Universo — sugeriu Dan.

— Todos nós subestimamos os Holt. Entre os Ekat, corre o rumor de que eles fizeram uma grande descoberta. Não é tarde demais para alcançá-los... isso se trabalharmos juntos.

Os olhos de Amy se fixaram nos do irmão. De todos os adversários na competição, tio Alistair era o único que parecia um parente. Era verdade que ele os traíra... e mais de uma vez. Porém, dentre tantos primos Cahill, apenas Alistair parecia se importar com o que acontecia com eles.

A imagem do tio Alistair se dissipou da mente de Amy e foi substituída por uma cena muito mais sombria. Aquela noite terrível, anos atrás; o incêndio que matara seus pais. Alistair estava lá.

Os olhos de Amy se encheram de lágrimas. *Pare de pensar nisso!*

Alistair não era um assassino. No máximo, tinha sido cúmplice involuntário de Isabel. Mesmo assim, ela precisaria fazer muito esforço para confiar nele. Quanto a Dan...

— Por que não você não pode apenas mentir e trapacear como os outros? — disse Dan, ríspido. — Você não vê que isso é melhor que ser legal uma hora e depois dar as costas e entregar a gente? Talvez isso seja muito típico de um Cahill, mas é *podre!* A Grace tinha um ditado: “Quem me engana uma vez leva uma bronca; quem me engana duas vezes leva cacetada na cabeça com a gaiola do gato!”.

— Vocês precisam reconsiderar — começou Alistair num tom de urgência.

Nellie se pronunciou:

— Eles já disseram que não vai rolar.

— Sim, mas...

Dan soltou Saladin e o Mau Egípcio pulou nos tornozelos de Alistair. Ouviu-se o som de um rasgo quando as garras do animal arrancaram boa parte da barra da elegante calça de Alistair. Com o tecido estraçalhado, ele se encaminhou depressa para a saída.

— Se vocês mudarem de ideia, estou hospedado no Hotel Imperial — ele disse por cima do ombro e desapareceu.

Nellie abraçou as duas crianças:

— Espero que vocês dois tenham um plano, seus cabeças-ocas, agora que mandaram o Alistair pastar.   Amy forçou um sorriso nervoso:

— Próxima parada: Portão da Paz Celestial.

Capítulo 3

As 39 pistas podiam ser uma disputada caça ao tesouro que tinha como prêmio a dominação mundial. Porém, mais cedo ou mais tarde, eles sempre iam parar em algum museu imbecil.

É triste, mas é verdade, pensou Dan enquanto o sorridente guia turístico conduzia-os por vastos saguões repletos de vitrines que iam do chão ao teto. O Museu do Palácio, dentro da Cidade Proibida, abrigava mais de trezentas mil peças só de cerâmica e porcelana.

— Dava pra tomar sopa numa tigela diferente todo dia por, tipo, uns mil anos — ele sussurrou para Amy.

— Essa é a coleção de arte mais legal que eu já vi na vida — ela disse maravilhada, ignorando a piadinha do irmão. — Muito melhor que a base secreta dos Janus em Veneza!

— Esses imperadores eram Cahill, com certeza — concluiu Dan. — Totalmente cheios de grana... como todo mundo na família, tirando a gente.

Amy franziu a testa:

— Os imperadores viveram aqui durante seis séculos. Como vamos saber qual geração estava envolvida na busca pelas pistas?

— Nossos pais deviam saber alguma coisa — disse Dan. — Senão, por que teriam vindo para cá depois da África?

Ela assentiu:

— Tem razão. Vamos ouvir o guia. Talvez a gente aprenda algo importante.

Dan resmungou. Até parece que iam topar com uma pista na estampa de borboletas de um penico velho. Eles já sabiam o que estavam procurando: o brasão que tinham visto em *O último imperador*. Estava ali, em algum lugar, meio apagado, porém ainda visível, na parede de uma daquelas construções.

Ele conferiu o relógio de pulso. Ainda faltavam mais de três horas para encontrarem Nellie, que tinha saído com Saladin para procurar um hotel. E desta vez eles não podiam demorar. Nenhum dos telefones que compraram funcionava ali na China. Eles estavam presos no museu com trezentos mil pratos.

— Esta coleção começou na dinastia Ming, mas o tamanho aumentou substancialmente durante a Qing — o guia falava. — Os imperadores Qing eram célebres por sua dedicação obsessiva às artes...

— É isso! — sussurrou Amy.

— Isso o quê?

— Obcecados por arte? Não parece familiar?

Dan estava começando a entender:

— Os Janus! Esses caras trocariam a mãe por um quadro!

Os olhos de Amy se iluminaram de entusiasmo:

— Dan, tudo está se encaixando. Eu não sei o que trouxe nossos pais até a China, mas tem alguma coisa a ver com o clã dos Janus. Alguma coisa grande.

Dan concordou com a cabeça.

— Mas como vamos descobrir o brasão dos Janus se estamos presos aqui olhando esses pratos?

Amy notou o *walkie-talkie* no cinto do guia.

— Se esse cara vir a gente saindo de fininho, vai chamar a segurança. Além disso, não sabemos onde procurar. A Cidade Proibida é o maior complexo de palácios do mundo. Tem mais de novecentos prédios!

Dan abriu o folheto no mapa da Cidade Proibida com seus mais de setecentos mil metros quadrados.

— Acho que me lembro do filme. Seu eu conseguir descobrir em que sentido virar esse mapa... — Ele começou a girar a folha, estudando-a com atenção. Dan tinha memória fotográfica, mas coordenar cenas de um filme com um diagrama impresso era complicado. — Vejamos, o troço do supremo não sei o quê fica ali...

— Salão da Suprema Harmonia – corrigiu Amy.

— ... então eu aposto que o brasão dos Janus está em algum lugar nesta área, perto do não sei o quê lá da tranquila alguma coisa.

— Palácio da Tranquila Longevidade – disse Amy.

— Vou achar — decidiu Dan. — Certo, você dá um jeito de distrair eles...

— Distrair como? — A irmã estava nervosa. — Não posso sair correndo que nem louca por aqui. Eu ia acabar quebrando alguma coisa.

— Ah, é. Você não ia querer que esses caras ficassem sem pratos — disse Dan. — Não precisa quebrar a cabeça, Amy. Basta ir até o outro lado do grupo e começar a fazer perguntas chatas. E, enquanto ele estiver te dando respostas ainda mais chatas, eu saio de fininho.

— Tá bom — ela respondeu, um pouco ofendida com a escolha de palavras de Dan. Ela levantou a mão. — Li-li... — *Pare,* ela ordenou a si mesma. Sua gagueira muitas vezes surgia em momentos de tensão, mas aquilo era *importante.* — Licença, qual a idade destas peças... Não, estas aqui...

Amy escolhera bem. Uma fileira de mostruários altos de vidro separava Dan do grupo. Ele não teve dificuldade em sair discretamente da sala. Sua irmã era irritante, mas ele precisava admitir que formavam um belo time.

Nada mau para dois Madrigal, ele refletiu, e imediatamente se arrependeu de ter pensado aquilo.

Não era piada. Na África, eles descobriram que os nomes falsos nos passaportes dos pais – senhor e senhora Nudelman – eram iguais aos nomes de uma famosa dupla de assassinos e ladrões. Será que a mãe e o pai dele eram a Bonnie e o Clyde do hemisfério sul? Ridículo. Uma coincidência. E, no entanto...

Marido e mulher... Assassinos impiedosos... Madrigal...

Aquela simples ideia o deixava desanimado.

Ele se perdeu algumas vezes ao tentar sair do prédio, vagando pelo labirinto de salas decoradas. Por fim, conseguiu encontrar uma porta que o conduziu até a Cidade Proibida. Era um complexo imenso, com cinco palácios gigantescos e outros 17 que eram “apenas” enorme; isso sem falar nas quase mil construções menores de diversos formatos e tamanhos. Os templos, monumentos e jardins pareciam se estender até o infinito. Era realmente uma *cidade*, como se metade do centro de Boston tivesse sido construído para abrigar um só morador. Mas aquilo era muito mais colorido do que qualquer parte de Boston: um caleidoscópio de amarelo imperial, vermelho intenso e detalhes brilhantes folheados a ouro. Tudo anunciava riqueza e luxo além da imaginação. Mas, apesar do tamanho do lugar, Dan não conseguia evitar a sensação de enclausuramento – os quatro imensos portões externos, os muros altos, as torres de vigia nos cantos. Ele tentou imaginar Pu Yi, o imperador-mirim do filme, desfrutando tudo aquilo como seu parquinho pessoal. De acordo com o guia turístico, Pu Yi tinha abdicado oficialmente aos 6 anos de idade, mas o governo chinês deixou que ele ficasse ali até a juventude.

Usando o Portão da Paz Celestial como ponto de referência, Dan se recompôs e seguiu em direção à área presente na cena de *O último imperador*. Ele teve um momento de incerteza: será que estava procurando na China um brasão que na verdade estava a dez mil quilômetros de distância, num estúdio de Hollywood?

Tarde demais pra me preocupar com isso...

Em pouco tempo ele chegou a uma zona de construções menores e mais baixas. Muito embora a Cidade Proibida tivesse sido o lar do imperador, inúmeros criados, monges e (ai!) eunucos também viveram ali. Talvez aquele fosse o bairro deles. Enquanto passava pelas casas, vasculhando as paredes em busca do brasão dos Janus, Dan se perguntou qual seria o tamanho da encrenca caso fosse pego ali. Não havia turistas por perto nem seguranças. Todo mundo parecia estar na Pratolândia, olhando pratos ou tomando conta deles.

Dan continuou andando. Obras de arte, estampas e caligrafia o rodeavam em pilastras, placas e paredes. Um lugar muito Janus, com certeza. Então onde estava o brasão?

Um medo intenso se instalou no fundo de seu estômago. Aquela era a única dica que tinham. São não conseguissem encontrar a pista, ficariam à deriva num país enorme com mais de um bilhão de habitantes, sem a mínima ideia do que estavam procurando.

A frustação se transformou em susto. De algum modo, ele havia calculado errado. Talvez sua memória fotográfica não fosse tão fotográfica assim. Ele se virou desesperado. Nada! Exceto...

Dobrando a esquina, na parede de um pequeno templo, seus olhos deram com um desenho que não combinava com o lugar. A letra S.

Todo o resto está escrito em chinês. O que esse S está fazendo aí?

A tinta estava velha e desbotada, era quase impossível ver a letra. Ele examinou a parede... e, de repente, o desenho estava bem na sua cara.

Não era S nenhum! Era a cauda enrolada de um bicho; uma imagem que se enfraquecera ao longo dos anos, apagada pelo sol e desgastada pelo tempo. Um lobo de pé em posição de luta, olhando por cima do ombro.

O símbolo do clã Janus!

Capítulo 4

Dan mal conseguiu conter um berro que poderia ter estilhaçado todos os pratos do museu.

Calma. Encontrar o brasão é a parte fácil.

O problema era descobrir o que aquilo significava.

O templo originalmente possuía uma entrada sem portas, mas nos tempos modernos um portão de metal tinha sido instalado para afastar os intrusos. Com cuidado, ele avançou até a grade de metal e espiou lá dentro. O interior do templo lembrava uma casa logo após o caminhão de mudança ter ido embora com tudo o que havia dentro; uma concha oca. Estava vazio, só havia poeira e alguns grilos.

Ele examinou a grade cuidadosamente. Devia haver algum jeito de entrar, mas por que se dar a esse trabalho? Não parecia haver nada ali. Além disso, sua irmã ia enlouquecer se ele violasse um templo de 400 anos. Ele sorriu pensando em Amy. Com ela, era sempre assim.

Ele deu um passo para trás e desceu do pórtico de madeira, observando os grilos no telhado inclinado.

Bem que podiam jogar veneno para baratas nesse lugar, ele refletiu. Será que existia veneno para grilos?

E então um dos insetos *desapareceu.*

Hã? Ele prestou mais atenção. Devia haver uma abertura no teto que os grilos usavam para entrar e sair.

Dan se virou para o portão de segurança e espiou lá dentro. O teto do templo era baixo, quase claustrofóbico. Contudo, o telhado tinha o formato de um A bem alto...

Um sótão! Um sótão secreto!

Lançando um olhar furtivo ao redor para confirmar que estava sozinho, Dan subiu na grade do pórtico e começou a escalar a pilastra do canto até o beiral do telhado. Hesitou por um momento... Não estar sendo observado também significava que não haveria ninguém para chamar uma ambulância caso ele caísse. Reunindo forças, passou pelo beiral e se ergueu sobre o telhado íngreme, agarrando-se nas antigas telhas amarelas como o Homem-Aranha.

Ele se segurou ali por um instante, recuperando o fôlego e ouvindo as batidas fortes e constantes de seu coração. Não, espera aí... não era seu coração! Era o *tum, tum, tum* de passos em marcha. Dan se estirou no telhado íngreme tentando se esconder.

Lá embaixo, um destacamento de seis soldados passava em formação fechada. Seguranças? Não, eles vestiam túnicas vermelhas de seda com chapéus combinando, como guardas do palácio da época em que os imperadores viviam ali. Aquilo era um desfile cerimonial. Os soldados estavam treinados para manter o olhar fixo à frente e não notaram o intruso em cima do telhado.

Quando desapareceram no labirinto de paredes vermelhas, Dan deixou o corpo relaxar. E isso é algo que nunca se deve fazer numa superfície íngreme.

Ele já estava escorregando mesmo antes de perceber. Com movimentos frenéticos, tentou se agarrar em alguma coisa, porém foi em vão. Ele deslizava devagar, mas inexoravelmente, em direção a uma longa queda.

Desesperado, tentou cravar os dedos na fresta de uma telha quebrada... qualquer coisa para conseguir algum apoio. Com o rangido de dobradiças enferrujadas, um segmento de telhas se soltou do telhado, abrindo-se feito uma caixa do correio.

Dan ficou pendurado ali. Finalmente tinha conseguido parar, e seu susto se converteu numa sensação de triunfo. Um alçapão! Aquela era a entrada.

A descoberta trouxe uma reserva escondida de força. Ele içou o corpo, passando pela abertura e caindo num empoeirado chão de madeira.

O cri-cri ao seu redor parecia badaladas de sinos de igreja, tão alto que ele sentiu até nas gengivas. Grilos. Milhares de grilos. O chão e as paredes de mexiam.

Por instinto, procurou a bombinha de bolso. *Não*, disse a si mesmo. *Sentir nojo não causa um ataque de asma.*

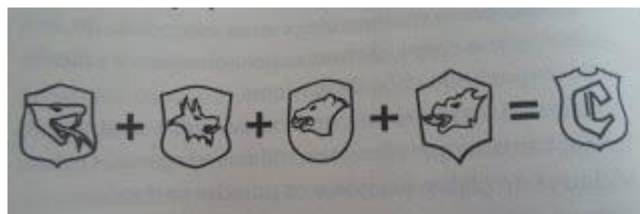
Com esforço, afugentou a repulsa e examinou o compartimento escondido.

O sótão era estreito, de modo que era possível ficar de pé apenas no centro. Nos cantos, foi preciso andar agachado. O lugar estava vazio, a não ser pelos grilos. Seria possível que eles fossem a pista? Aquilo não fazia nenhum sentido. Aqueles grilos eram da época de um imperador chinês!

Por fim ele percebeu que o lugar não estava vazio. No chão, no canto oposto, jazia um pedaço de tecido mais ou menos do tamanho de uma toalha de rosto. Dan se agachou e o recolheu, sacudindo vários grilos e uma nuvem de pó. Era um retalho opaco de seda dourada, coberto de ideogramas chineses, com um grande selo vermelho de assinatura; um "sinete", como o guia turístico tinha chamado.

Ele olhou mais de perto, na penumbra. Nem tudo eram caracteres chineses. Com um entusiasmo crescente, reconheceu os símbolos dos quatro clãs de sua ilustre família, assim como o brasão dos Cahill.

Dan franziu a testa. Os símbolos estavam dispostos como uma equação matemática:



Não havia dúvidas. Era por causa daquele retalho que estavam na Cidade Proibida. Ele precisava levá-lo para Amy, para que os dois descobrissem seu significado.

— Até mais, galera — ele disse para os barulhentos grilos.

Dobrou o pedaço de seda e o enfiou embaixo da camiseta. Então, estendeu os braços até alcançar a abertura e jogou o corpo para cima do telhado.

Dan foi especialmente cuidadoso na descida, firmando-se nas telhas enquanto fechava o alçapão. Depois praticamente escorregou até a pilastra, que permitiu sua volta em segurança. Mas ele devia ter usado parte daquele grande cuidado para sondar a área antes: assim que pousou no chão, foi agarrado por um guarda de uniforme. E aquele não estava usando o traje cerimonial, de séculos atrás. Seu casaco trazia a estrela vermelha que era a insígnia do atual exército chinês.

O homem esbravejou alguma coisa em seu próprio idioma, mas percebeu os traços ocidentais de Dan e passou a falar em inglês.

— Esta área é restrita! — gritou.

— Me perdi do meu grupo... — Dan começou a falar.

O oficial o revistou e parou ao sentir o volume macio embaixo da camiseta.

— O que é isto? — Ele tirou a seda dobrada.

A mente de Dan trabalhou na velocidade da luz. *Se ele ler o que está escrito aí, nunca vai me deixar ficar com isso.*

Com um chiado, ele inalou toda a poeira do sótão que tinha se infiltrado em suas narinas. Depois agarrou a seda da mão do oficial e soltou um possante espirro dentro dela.

O homem fez uma careta.

— Onde estão seus pais? — ele perguntou.

— Estão mortos — respondeu Dan, enfiando a seda novamente embaixo da camiseta. — Vim aqui com a minha irmã e me perdi.

— Você mente. Eu vi você descendo do telhado desta construção.

— Eu queria ter uma vista melhor. Estava tentando achar o museu para poder voltar.

O homem bufou e indicou o imenso telhado do palácio principal que se destacava sobre a Cidade Proibida.

— É difícil não ver o museu — ele disse.

— Meu senso de direção é péssimo – retrucou Dan.

— Você é um jovem mal-educado. Além disso, você está... como eles dizem na sua língua? Ah, sim... preso.

Capítulo 5

Amy caminhou com o resto do grupo de turistas em direção ao Portão da Paz Celestial se perguntando se Dan tinha localizado o misterioso brasão dos Janus que viram no filme.

As pequenas reviravoltas da sorte que faziam a diferença entre descobrir uma pista e ficar à deriva podiam ser minúsculas. Seria quase engraçado, se o futuro do mundo não dependesse disso.

Quanto ao fato de seu irmão de 11 anos estar solto na Cidade Proibida... Bom, a ideia a deixava nervosa, mas ela estava aprendendo a conviver com isso. Ao longo das últimas semanas, os dois tinham sobrevivido a situações de risco que fariam aquilo parecer brincadeira de criança. De qualquer modo, eles se reuniriam ao encontrar Nellie dali a... ela consultou o relógio... meia hora. Amy torceu para que a *au pair* tivesse encontrado um hotel decente.

Aquele pensamento a fez franzir a testa. Recentemente eles tinham descoberto indícios de que Nellie talvez fosse mais do que parecia.

Ou talvez eu esteja ficando paranoica...

Não foi difícil para ela acreditar que a paranoia era um sentimento muito típico de um Madrigal. Seus pais tinham sido paranoicos, e com bons motivos. Todo mundo *realmente* estava tentando destruí-los.

E uma pessoa havia conseguido.

Mesmo assim, a mãe e o pai de Amy tinham sido estranhamente sigilosos, até com seus filhos pequenos. Pensando bem, sempre existiram regras: ficar longe do porão ou de um certo armário, não abrir aquela caixa ou aquela bolsa. Só agora lhe ocorria se perguntar o que eles estavam escondendo: granadas compradas no mercado negro, uma cabeça decepada, urânio 235, o vírus Ebola, os restos mortais de Wolfgang Amadeus Mozart. Afinal de contas, eles eram os "Nudelman". Amy contorceu o rosto como se tivesse visto alguma coisa horrível. Ela tinha tão poucas lembranças dos pais e agora até os pedacinhos que restavam tinham que passar pelo detector de Madrigal. Cada palavra, cada gesto deveria ser examinado em busca de sinais do mal. Não era muito patético?

Uma pessoa do grupo turístico interrompeu seu torturante devaneio:

— Com licença, meu bem, mas aquele ali não é seu irmão caçula? Por que ele está usando algemas e sendo arrastado por aquele soldado?

Perto do portão, um homem de aspecto feroz vestindo um uniforme militar levava Dan preso.

Amy correu até lá.

— O que você está fazendo com o meu irmão?

O guarda se pronunciou:

— Você é responsável por este menino? Você também é só uma criança!

— Vamos encontrar nossa *au pair* na praça da Paz Celestial — explicou Amy. — Dan, o que aconteceu?

Dan piscou para ela e encolheu os ombros:

— Eu não estava conseguindo achar você, por isso escalei um templo para ter uma vista melhor. E esse cara ficou todo revoltado por causa disso.

O guarda ficou vermelho e abriu as algemas:

— Vão embora e não voltem nunca mais.

— Puxa, quem diria — sussurrou Dan enquanto eles eram escoltados para fora do Portão da Paz Celestial, atravessando a ponte por cima do fosso. — Proibidos de entrar na Cidade Proibida. Não me admira, já que aqui deve ser a capital mundial das proibições.

— Muito engraçado — Amy chiou enquanto eles atravessavam a alameda até a Praça da Paz Celestial. Ela sentiu um calafrio. Apesar da vastidão da praça, estava apinhado de gente. Amy não gostava de multidões e lá estava ela no lugar mais lotado do país mais lotado do mundo. — Agora não podemos voltar e procurar...

— Já está comigo — disse Dan, tirando a seda dobrada de debaixo da camiseta. — Toma, segura pelas pontas. Tive que assoar o nariz nisso para o senhor Feliz pensar que era um lenço.

Ele entregou a seda para a irmã. Amy quase o soltou:

— Você encheu a pista de *ranho*?

Dan ficou incomodado:

— Você quer ver ou não?

Amy desdobrou a seda suja e enrugada, mantendo-a escondida dos transeuntes curiosos da praça cheia de gente. Sob o sol forte, eles viram que a seda dourada era coberta por uma estampa de borboletas:



— “Lucian mais Janus mais Tomas mais Ekat é igual a Cahill” — ela recitou em voz alta. — O que isso pode querer dizer? Que somando os clãs você tem a família inteira?

— Se essa for a grande mensagem, então não valeu a pena ter sido preso — concluiu Dan. — Isso é que nem dizer que copas, espadas, ouros e paus formam um baralho de cartas.

— Que formato é esse? — Amy seguiu com o dedo uma linha que circundava o brasão dos Lucian. — Tem um em volta de cada símbolo, inclusive do brasão dos Cahill.

Dan franziu a testa:

— Queria que a gente pudesse traduzir alguma dessas coisas que estão escritas.

— O tio Alistair sabe chinês — disse Amy.

— De jeito nenhum! — Dan estava irredutível. —Nunca mais vou confiar nesse cara! Nós *sabemos* que ele estava com a mamãe e o papa na noite em que Isabel armou o incêndio!

Amy tentou escolher as palavras com cuidado:

— Sabe, Dan... tenho pensado numa coisa que não consigo esquecer.

Dan ficou apreensivo:

— Não gosto dessa sua cara. Geralmente quer dizer que tenho que pesquisar sobre Mozart, Howard Carter ou algum outro morto chato.

— É sério — ela o repreendeu de leve. — Tem uma coisa muito grave que nós temos que encarar. — Ela respirou fundo. — Nossos pais eram Madrigal. Você já pensou que o incêndio talvez tenha tido alguma coisa a ver com isso?

Dan arregalou os olhos.

— Não acredito! Você acha que eles ajudaram Isabel a incendiar nossa casa?

— É claro que não. Mas quem sabe que tipo de situação horrível um casal Madrigal poderia estar envolvido? Nós vemos as outras equipes como vilãs. Mas e se, naquela época, fosse assim que o resto da família visse os nossos pais? Duas bombas à solta que precisavam ser desativadas?

Dan ficou horrorizado:

— Você está dizendo que eles morreram porque mereciam?

— Não exatamente, mas...

— Está *sim*! Isso é *exatamente* o que você está dizendo! — Dan ficou vermelho. — Essa busca pelas pistas transformou seu cérebro em geleia! Estamos falando dos nossos pais! Como você pode sequer pensar nisso?

— Você acha que é fácil para mim? — retrucou Amy. — Você tinha 4 anos quando eles morreram. Você mal se lembra deles.

— A memória deles não pertence a você! — respondeu Dan. — Nem um menino de 4 anos esquece quando o chefe dos bombeiros diz que os pais dele não vão voltar nunca mais. Se eu fechar os olhos, ainda consigo ver aquele cara! Ele tem um bigode e um anel grande no dedo, e está mostrando para a Grace o que restou daquela escultura de cobre, aquela que tinha um grampo!

— Grampo?

— Foi exatamente o que ele disse! — insistiu Dan. — Você sabe como essas coisas grudam na minha memória! Sou capaz de apostar minha vida!

— E você lembra de ter visto um *grampo*? — perguntou Amy.

— Não. Só ouvi as palavras. O grampo deve ter queimado no incêndio.

— Então como o bombeiro ia saber disso?

Dan encarou a irmã:

— Pergunta pra *ele*!

— Você não entendeu? — perguntou. — Ele não estava falando de um grampo de prender coisas. Devia ser um aparelho de escuta! Nossa casa estava grampeada... Pela Isabel, provavelmente.

— E daí? — argumentou Dan. — Ela queimou a casa inteira com duas pessoas dentro! Ela é doente! Plantar um grampo seria moleza!

— O negócio é que as lembranças que temos dos nossos pais são tão remotas que não podemos confiar nelas — disse Amy com a voz engasgada. — Se esse grampo era na verdade um aparelho de escuta, não temos como saber o quanto nós já nos confundimos. Nós *realmente* conhecíamos nossos pais? Eles estavam atolados até o pescoço nas 39 pistas e nós não fazíamos ideia. Eles eram Madrigal e, mesmo hoje, não entendemos a gravidade disso. Encare os fatos, Dan. Nós *nunca* os conhecemos.

Dan estava tão irado que seu rosto irradiava calor:

— Fale por si mesma! Eu conheço nossos pais muito bem! Sei que eram pessoas incríveis! Sei que não mereciam morrer jovens! E sei *com certeza* que não mereciam uma filha como você, detonando a memória deles!

— Na África, é a memória de dois *serial killers*! Ali, as pessoas ficariam *aliviadas* de saber que eles estão mortos e... e... — A voz dela estava falhando.

Ele ergueu o rosto, desafiando a irmã a dizer o que queria:

— E o quê?

— E talvez também devêssemos ficar — desabafou Amy.

Naquele instante, Dan Cahill soube como era ser um foguete propulsor: a combustão se transformando em puro movimento, impelindo-o para a frente. Ele se jogou para cima dela com os punhos fechados, pronto para brigar. Porém, na hora do ataque, descobriu que não conseguia bater na irmã, não conseguia nem gritar com ela. A única coisa que Dan conseguiu fazer foi sair correndo.

— Volte aqui! — ela gritou, aflita.

Finalmente ele achou as palavras, as únicas três que conseguiu pronunciar para a irmã que não conhecia mais:

— *Eu te odeio!*

Ele trombou com um turista que mexia numa câmera fotográfica, deu um passo para o lado e continuou andando. Ele queria distância de Amy.

A voz dela agora ressoava de longe:

— Não se perca! A Nellie vai estar aqui em vinte minutos!

Me perder! Ele fumegou de raiva. Amy é que estava perdida. Quem passava bastante tempo convivendo com os Cahill acabava ficando igualzinho a eles. Que bando de cretinos, discutindo quem ia governar o mundo, disputando para ver quem conseguia apunhalar os outros pelas costas! E agora Amy tinha chegado ao mesmo nível que os piores deles.

Como ela podia dizer aquilo? Eles tinham tão pouca coisa dos pais, não mais que algumas vagas lembranças: um beijo, um toque, uma gargalhada. Amy estava destruindo tudo. E a troco de quê? Da busca pelas pistas!

Preciso sair dessa corrida antes que ela também me transforme num traidor! Eu desisto!

A gravidade daquela decisão o fez parar onde estava. Ele e a irmã quase tinham morrido por causa daquela competição. Tinham desistido de 2 milhões de dólares para participar dela. Era uma chance de definir a história da humanidade, de se tornarem os Cahill mais poderosos de todos os tempos!

Cahill uma ova! Já ouvi o bastante sobre os Cahill para os próximos cem mil anos! Queria que meu sobrenome fosse Frankelstein! Estou fora!

Aquilo seria possível? Uma pessoa podia simplesmente romper com a família Cahill? Abandonar a busca pelas pistas seria fácil. Bastava parar de procurar. Mas ele sempre seria um Cahill. A família sabia disso. Isabel Kabra sabia disso... Ele nunca estaria livre do perigo que seus parentes malucos representavam.

Ele atravessou a praça aos tropeções, desviando de grupos de crianças em excursão, executivos no intervalo do trabalho, idosos fazendo a ginástica e *tai chi chuan*, turistas e pequenas patrulhas de policiais e soldados. Ouvia-se o burburinho da conversa por todos os lados, e parecia que todo mundo tinha um celular colado na orelha. Pela primeira vez desde que chegara à China, Dan realmente teve a sensação de estar no centro da nação mais tumultuada e populosa do mundo.

Um plano... era isso. Ele precisava de um bom plano pós-39 pistas. Tinha ido direto se sua vida normal para o funeral de Grace e depois para a busca. O que ele ia fazer em seguida? Voltar para a tia Beatrice? Não era uma opção.

Apelar para a embaixada dos Estados Unidos? Não ia adiantar, ele apenas seria levado de volta para a tia Beatrice. Procurar a Amy?

Nunca vou perdoá-la pelo que ela disse!

Ele se virou para olhar feio para ela, mas sua visão foi obstruída por uma festa de casamento atravessava a praça. Em vez de uma limusine alugada, as noivas viajavam em liteiras à moda antiga, com as portas corrediças fechadas.

O que um garoto vindo de Boston está fazendo neste lugar bizarro, de outro planeta, a mais de 15 mil quilômetros de sua cidade natal?

Por mais desorientado que estivesse, ele teve que admitir: aquele era o melhor jeito de se locomover em Pequim, carregado por homens que levavam você intacto, atravessando a multidão da praça da Paz Celestial. A primeira liteira passou roçando por ele, perto o bastante para Dan ver as fibras de madeira pintada. A segunda parou bem na sua frente. Ele ficou olhando, atônito, enquanto o painel deslizante era puxado para o lado.

Aconteceu tão rápido que terminou antes mesmo que Dan tivesse chance de assimilar o susto. Dois braços fortes se estenderam e o puxaram para dentro. Então a pessoa que o tinha capturado pulou para fora, bateu a porta e se juntou às que estavam carregando a liteira. Antes que pudesse protestar, ele sentiu erguerem a liteira e começarem a movê-la depressa.

— Ei! — Desesperado, Dan tentou abrir a porta corrediça, mas estava trancada. Ele esmurrou o painel de madeira. — Me deixem sair!

Ninguém lhe deu atenção. Na verdade, eles pareciam estar ganhando velocidade e Dan sacudia conforme os carregadores da liteira corriam. Ele ouviu buzinas, barulho de trânsito. Estavam fora da praça, avançando pelas ruas da cidade.

Ele apoiou as costas na lateral do compartimento e chutou freneticamente a porta fechada. A liteira balançou, mas o painel aguentou firme. Dan se agachou e jogou o ombro contra a parede. A dor da pancada se espalhou pelo seu torso. Apesar disso, ele continuou lutando, esmurrando ainda mais forte. Ouviu gritos nervosos entre os carregadores, mas a agitação não os fez desacelerar nem um pouco.

Pela primeira vez, sua determinação de escapar deu lugar ao medo.

Estou sendo sequestrado!

Capítulo 6

Um minuto antes, Dan tinha ficado tão furioso com Amy que a briga havia ocupado todos os seus pensamentos. Agora, num piscar de olhos, tudo tinha mudado.

Ele voltou a esmurrar e a gritar. Não conseguiria sair dali sozinho, mas o barulho podia atrair a atenção de alguém, quem sabe até de um policial.

Depois de dez minutos, ele estava empapado de suor. Estava tão exausto que mal notou o movimento cessar. Tinham pousado a liteira no chão. Então um novo plano se formou em sua mente. No instante em que aquela porta fosse aberta por alguém, essa pessoa ia levar um memorável chute na cabeça. E enquanto o cara estivesse recolhendo os dentes, Dan ia cair fora dali.

Ele ouviu um estalo quando o painel foi destrancado. Ficou tenso, pronto para a ação. Seu pé já estava avançando quando a porto deslizante se abriu.

Não havia ninguém para chutar. Em vez disso, ele deparou com o interior de uma van. De repente, a liteira se inclinou e ele foi jogado para dentro do compartimento de carga. A porta da van se fechou e o veículo partiu, cantando pneu e deixando um rastro de borracha queimada.

Dan estava com muita raiva. Conseguiu ficar de joelhos e teve o primeiro vislumbre de seus sequestradores.

— Que cheiro horrível! É você, ou o ar em Pequim é tão poluído quanto dizem? — fungou Natalie Kabra.

Surpreso, Dan tomou fôlego. A pele morena de Natalie era mais escura do que a da mãe, porém as duas partilhavam os traços esculturais – uma beleza clássica que camuflava olhos impiedosos e penetrantes. No caso de Isabel, olhos de uma assassina.

Natalie e seu irmão mais velho, Ian, espionavam-no com desdém por cima da divisória. Dan olhou em volta, ansioso. Isabel não estava ali, pelo menos não dentro da van. O único outro passageiro estava sentado num banquinho junto com Dan no compartimento de carga: um homem enorme, obviamente um capanga contratado pelos Kabra.

Dan não ia dar a seus primos Lucian a satisfação de saberem que estava amedrontado.

— Sem limusine? — ele caçoou. — O que aconteceu? Estouraram o limite do cartão de crédito na África?

Ian se virou para o motorista:

— Pare o carro!

O homem pisou nos freios e a van parou com um tranco, jogando Dan contra a divisória. Ele se levantou atordoado, com o lábio inchado pela pancada.

— Alistar tinha razão — falou Dan. — Vocês estão *mesmo* na China.

— Estamos em todo lugar — disse Natalie. — E garanto que estamos sempre a vários passos à frente de vocês dois, seus pobretões, e da sua babá ridícula.

— *Au pair* — Dan corrigiu automaticamente.

— Sim, estamos na China — disse Ian, impaciente. — E vocês também. Agora me explique o que você estava fazendo dentro daquele templo da Cidade Proibida.

— Não sei do que você está falando — Dan resmungou, teimoso.

Ian assentiu com a cabeça:

— Achei que fosse responder isso. Essa é a parte em que o senhor Chen ajuda você a lembrar.

Com o sorriso de um homem que aprecia seu trabalho, o capanga estendeu o braço, agarrou Dan pela gola da camiseta e o ergueu no ar.

— Tá bom, tá bom! — Dan cedeu. De que adiantaria levar uma surra? O retalho de seda estava com Amy, portanto a salvo daqueles abutres. Além disso, Dan tinha abandonado a competição. Não se importava se jamais visse outra pista na vida. — Eu entrei no templo porque tinha um brasão dos Janus em uma parede.

— E o que você encontrou lá? — perguntou Natalie, com voz sedosa e expressão implacável.

— Grilos — respondeu Dan. — Tipo uns quarenta bilhões de grilos. Criaturas feiosas... que nem vocês dois.

— Mais alguma coisa? — indagou Ian, fazendo um gesto de incentivo para o senhor Chen.

O capanga torceu o braço de Dan e aplicou uma leve pressão. A dor era diferente de qualquer coisa que ele já tinha sentido. Era uma agonia dilacerante que apagou todos os pensamentos exceto um: *Pare.*

Mesmo assim, ele se conteve. *Se eles descobrissem essa seda, irão atrás da Amy...* Por mais bravo que estivesse coma irmã, não podia fazer isso com ela.

— Diga a verdade! — ordenou Ian, perdendo um pouco a compostura.

— Calma — disse Natalie. — Ninguém pode resistir ao detector de mentiras do senhor Chen.

— O que você sabe sobre os Holt? — Ian insistiu.

Dan achou que não havia mal em responder:

— O tio Alistar está pirando por causa deles. Diz que os Holt acharam uma pista que nenhum de nós encontrou.

— Que pista? — Ian estava quase explodindo.

A irmã dele era paciente:

— Se o Dan soubesse, então obviamente não seria uma dica que mais ninguém tem.

— Muito engraçada! — resmungou Ian. — Mas não vai ser tão divertido assim se perdermos para aqueles gorilas! Você consegue imaginar um mundo governado por eles?

Natalie concordou com um suspiro:

— Acho que vamos ter que revistar esse pivete, só por precaução. E eu não trouxe meu veneno antipulgas...

Mas eles não encontraram nada além de uma bombinha para asma, umas poucas cédulas de três continentes diferentes e um grilo morto.

O senhor Chen cobriu o nariz e a boca de Dan com um lenço embebido em clorofórmio. O menino prendeu o fôlego e tentou resistir, porém o cheiro forte do produto químico, um misto de antisséptico de hospital e álcool, venceu suas defesas. Sua visão começou a escurecer, e o interior da van parecia cada vez mais distante.

— Não posso... — Ele tentou recobrar os sentidos, mas foi em vão. Estava caindo.

— Boa noite — sussurrou Natalie.

Dan teve um último pensamento antes de ser envolvido pelas trevas: *Nunca tinha percebido que ela fala igual à mãe.*

* * *

Saladin, contente, mastigava um bolinho de camarão enquanto Nellie o carregava através da praça até o ponto de encontro, em frente ao Portão da Paz Celestial.

Nellie avistou Amy e caminhou na direção dela.

— Arranjei um hotel descente para nós três, bem perto da avenida principal... Não consigo pronunciar o nome dele. Não é luxuoso, mas o *chef* do restaurante é até bonitinho. E ele faz uma sopa de ninho de pássaros de lamber os beiços. — Ela olha em volta. — Cadê o Dan?

— Foi embora — disse Amy com uma expressão trágica no rosto.

— Como assim “foi embora”? Embora pra onde?

Amy encolheu os ombros, desolada:

— Nós tivemos uma briga enorme e ele saiu correndo.

Nellie deu um suspiro tolerante:

— Me salve desses Cahill! Já não basta sua família inteira estar sempre em pé de guerra, você ainda arranja briga com seu irmão.

— Desculpa — murmurou Amy.

Ela precisou se controlar para não contar tudo sobre a discussão que tivera com Dan. Não que isso fosse mudar alguma coisa, mas a ideia de outra pessoa saber podia ajudá-la a se sentir um pouco menos sozinha.

E, no entanto, como ela começaria a descrever o problema? Seus sentimentos sobre a mãe e o pai eram íntimos e dolorosos de mais. Além de suas poucas memórias empoeiradas, só o que ela e o irmão tinham a respeito dos pais era a crença de que tinham sido bons. Perder isso...

Não era à toa que Dan não conseguia lidar com aquilo.

Suas palavras voltaram a atormentá-la. Ela havia sugerido de que eles deveriam ficar felizes pelo fato de os pais estarem mortos.

Era dura. Verdade ou não, era uma coisa cruel de dizer. Cruel no estilo Madrigal.

Isto é culpa minha. Fui eu que fiz o Dan ir embora.

Amy engoliu em seco:

— Ele não iria muito longe, iria?

— Vamos vasculhar a praça — decidiu Nellie.

Elas procuraram durante duas horas inteiras. Dan não estava em parte alguma.

— Vou matar ele! — ameaçou Amy. — Ele está fazendo isso de propósito, só pra me deixar maluca!

O rosto de Nellie foi ficando cada vez mais pálido conforme ela esquadrinhava a multidão:

— Onde ele poderia estar?

— *Prrr* — sugeriu Saladin.

A *au pair* olhou irritada para o gato:

— Como você pode pensar em comida uma hora dessas? O Dan desapareceu.

— Nunca subestime a capacidade do Dan de sumir só para encher o saco — comentou Amy.

Nellie estava séria:

— Acho que não. Ele não tem dinheiro chinês, não tem como trocar de roupa, não tem lugar pra dormir... Ele nem sempre está com laptop, e você sabe como ele ama aquele computador. Tenho que admitir que estou preocupada.

— Os bichos tem um bom olfato — sugeriu Amy — talvez o Saladin possa agir como um cão farejador. — Ela tirou os cintos dos jeans e o passou pelo pescoço do gato, fazendo uma coleira improvisada. Depois tirou o retalho da seda que ficara debaixo da camiseta de Dan e o colocou diante do focinho do gato. — Vamos Saladin. Encontre o Dan.

Nellie pôs Saladin no chão e o Mau Egípcio saiu em disparada, atravessando a praça. Ele andava tão depressa que as duas precisavam correr para acompanhar seu passo.

— Isso aí, garoto! — incentivou Amy. — Ele encontrou um rastro!

Duas ocidentais correndo atrás de um gato de coleira atraíram vários olhares curiosos. O trio saiu da praça da Paz Celestial e seguiu na direção leste pela avenida Chang'an. Foi ali que ficou claro para onde Saladin estava indo. Ele os levou direto para um vendedor ambulante de bolinhos. Ali, na calçada, entrou na fila atrás dos outros clientes e ficou esperando a vez.

Nellie estava indignada:

— Você parece mais um porco do que um gato.

— *Prrr*!

Finalmente, Amy conseguiu pôr de lado a irritação e enxergar a realidade.

Alguma coisa aconteceu com Dan.

Capítulo 7

Primeiro veio a dor de cabeça, e foi terrível: um latejamento atrás do olho direito que não passava. O quarto inteiro parecia pulsar no ritmo da dor... ou então, espere! Talvez fosse a dor pulsando junto com o quarto. O que era aquele barulho?

E porque sua cama estava *se mexendo*?

Ele sentou tão abruptamente que por muito pouco não caiu da esteira rolante no chão da fábrica, 12 metros abaixo.

Mas que...

Tudo voltou a sua mente: o sequestro, o interrogatório e o lenço com clorofórmio aplicado a mando dos Kabra. Eles o abandonaram ali, em uma das fábricas que faziam da China o maior polo industrial do mundo!

Dan avaliou a situação. Atrás dele e a sua frente, na esteira, havia grandes folhas de plástico colorido. Cerca de dez metros à frente, elas estavam sendo jogadas num funil que alimentava uma gigantesca seladora logo abaixo. Quanto mais ele se aproxima, mais forte ficava o barulho, tanto que seus dentes pareciam que iam cair.

Todo o atordoamento que restava desapareceu num instante.

Vou virar um produto no saldão de Natal do supermercado!

O único jeito de sair da esteira era se jogar de uma altura de quatro andares. E não adiantaria gritar pedindo ajuda. Não havia chance de alguém ouvi-lo com o estardalhaço da máquina. Ele tinha que achar uma maneira de parar aquela esteira.

Dan ficou de pé num pulo e correu na direção contraria à da esteira. Sempre que alcançava uma folha de plástico, ele a enfiava debaixo da esteira, na esperança de atrapalhar seu funcionamento. No começo, sua ação não deu resultado, mas ele se recusou a se desesperar. O plástico daquela máquina gigante nunca acabaria. E Dan nunca ficaria sem energia para usá-lo na obstrução da esteira.

A não ser que eu queira uma viagem só de ida para dentro dessa máquina!

Quando ele sentiu a esteira vacilar pela primeira vez, ficou tão animado que achou forças para acelerar seu trabalho. Logo veio o cheiro de borracha queimada e em pouco tempo ele precisou se equilibrar para não ser derrubado pelos trancos. A fumaça começou a cercá-lo e o sistema automático de aspersão de água foi ativado. Um instante depois, a esteira desacelerou até parar e a seladora silenciou.

Um ‘’uhu’’ morreu na garganta de Dan quando dezenas de funcionários da fábrica começaram a subir por um sistema de passarelas em direção ao lugar onde estava.

Agora que a esteira tinha parado, ele viu que o único outro jeito de descer seria pela própria seladora. Um sistema de alças e escadas de manutenção subia pela lateral de aço de máquina. Ele correu até a ponta da esteira e se jogou num aro de metal. A partir dali, foi como a parede de escalada do centro comunitário lá em Massachusetts: uma simples questão de achar lugares certos para apoiar as mãos e os pés.

Quando pulou para o chão, Dan quase tropeçou num estrado com uma pilha alta do material produzido na fábrica: um porta-pirulito mecânico com um boneco como suporte. Todo aquele equipamento, todos aqueles funcionários e aquele complexo industrial gigante só para fabricar pirulito. Tsc, tsc

Ele pegou um dos pirulitos e quase engasgou. O boneco era de ninguém menos que seu primo Jonah Wizard, astro de *reality show*, magnata do hip-hop e adversário na busca pelas pistas. O sorrisinho malandro de Jonah aparecia o tempo todo em cartazes, revistas, brinquedos, pacotes de balas, lancheiras e agora em porta-pirulitos motorizados. Não havia como fugir daquele cara.

Ele apertou um botãozinho na base. O pirulito girou e a voz metálica de Jonah anunciou: *‘’Aê, o que tá pegando?’’*.

Aquelas palavras gravadas acabaram sendo a perdição de Dan. Um supervisor muito agitado o agarrou pelo braço. Em poucos segundos, ele foi cercado por um pequeno exército de operários furiosos, todos gritando com ele em chinês.

Ele deu uma lambida no pirulito e tentou parecer um turista de passagem.

— Hmmm... uva. Meu sabor preferido.

O supervisor começou a falar comum sotaque fortíssimo:

— Que fez, menino? Quebrar tudo!

— Melhor conferir a esteira lá de cima — aconselhou Dan. — Está meio entalada. Isso acontece muito, né?

— Acontece *nunca*! — trovejou o supervisor. — Você estragou desempenho perfeito em dia de muito importante visita!

— Aê, o que tá pegando? — disse a voz de Jonah Wizard outra vez.

Dan olhou para o porta-pirulito em sua mão. Ele não tinha apertado o botão...

A multidão irada se dissipou e foi rodear o recém-chegado.

Dan arregalou os olhos. Era o verdadeiro Jonah Wizard, em carne e osso, visitando a fábrica onde seus porta-pirulitos eram produzidos. Não era à toa que os Kabra tinham deixado Dan ali. Era uma mensagem não apenas para Dan, mas também para Jonah. Ele se lembrou das palavras de Natalie: *Estamos em todo lugar...*

Os olhos do astro do hip hop ficaram enormes quando ele viu Dan. Meio passo atrás deles, seu inseparável pai começava a escrever um e-mail no BlackBerry.

— Senhor Wizard! — exclamou o supervisor. — Mil desculpas. Menino inútil quebrar máquina.

— Sussa, amigo. — De algum modo, Jonah conseguia transmitir em seu linguajar urbano uma simplicidade desenvolta, quase simpática. O primeiro astro despretensioso do hip hop. — Esse moleque é meu primo. Eu falei pra ele me encontrar aqui. Culpa minha.

Os olhos de Dan se apertaram ao mesmo tempo em que ele suspirou de alívio. Da última vez em que ele e Amy tinham visto Jonah, o babaca os abandonara numa ilha infestada de crocodilo no meio do rio Nilo.

— Cadê sua mana e a babá? — perguntou Jonah.

— *Au pair* — corrigiu Dan. — Nós... nos separamos.

Jonah deu de ombros:

— Tranquilo. A TV chinesa cedeu uma limusine pra eu usar enquanto to por aqui. Vou mandar o motorista te dar uma carona até no hotel. — Ele notou o rubor aflito no rosto de Dan. — Saquei. Você tá perdido e não sabe onde achar as duas.

— Eu posso me virar sozinho — disse Dan.

— Certo – concordou Jonah. — Mas se virar sozinho por quê? Nós somos parentes. Eu te dou um *help*.

— Que nem o *help* que você me deu no Egito? — perguntou Dan.

Jonah deu uma de ingênuo:

— Fico bolado por ter feito aquilo. Não foi legal, mas, sério mesmo, eu não tava tentando te matar. Só tava tentando atrasar vocês um pouco.

— Sei, tentando transformar a gente em ração de crocodilo.

— Aê, nem é verdade. Eu sabia que você e sua irmã podiam dar conta de uns crocodilos à toa — disse Jonah. Ele percebeu o receio no rosto de Dan, então se virou para o pai. — Paps, manda nossa equipe ligar para todos os hotéis e ver se eles conseguem localizar Amy Cahill e... e...

— Nellie Gomez — completou Dan.

— Não esqueça a cabeça, primo — Jonah tentou tranquilizá-lo — vamos encontrá-las. Enquanto isso, você pode dar um rolê com a gente.

Dan refletiu sobre aquilo. Duvidava que Amy e Nellie ainda estivessem na praça da Paz Celestial e não fazia ideia de onde elas estavam hospedadas. *Por enquanto, o senhor Wizard tem mais chance de encontrá-las do que eu...*

Àquela altura, os aspersores de água tinham sido desligados e os operários estavam concertando a esteira rolante. Dan se deixou levar na visita a fábrica junto com Jonah, os dois lambendo pirulitos motorizados.

Depois da fábrica, eles se acomodaram na luxuosa limusine de Jonah e foram até o gigantesco shopping Lufthansa Friendship.

Quando os funcionários de uma loja viram o astro internacional de *reality show*, fecharam o estabelecimento e a visita se transformou numa sessão de autógrafos. Tanto os clientes como os funcionários formaram filas para ter privilégio de apertar a mão de Jonah e tirar uma foto com o ídolo. Alguns até tentaram pronunciar versos de suas músicas.

Por fim, Jonah deu um basta naquela bajulação de celebridade:

— Valeu! Adoro esse carinho. Mas agora estou atrás dos jeans mais descolados da China. E de camisetas também. Quero ver o amor de vocês pela moda. — Ele se virou para Dan. — Que tamanho você usa, primo?

Dan ficou atônico:

— Não tenho dinheiro para comprar nada num lugar desses!

— É por minha conta — Jonah garantiu. — Quando você anda com Wiz, tem que ter o *look* de quem anda com o Wiz.

Dan hesitou. Ele estava sendo subornado?

— Não sei quando vou poder te pagar de volta — ele disse, precavido.

— Tá tudo certo. Deixa eu te fazer um favor e compensar pelos crocodilos. E a gente se acerta quando achar sua irmã.

Quando eles saíram do shopping, Dan estava todo elegante, vestindo um jeans de grife que custava mais que uma TV de plasma, tênis de basquete autografado por Yao Ming e uma camiseta de edição limitada com uma estampa em *silkscreem* que, segundo garantiu o vendedor, dizia *DETONANDO GERAL* em chinês.

Quando eles estavam entrando na limusine, uma menina pediu o autografo de Dan. Ele sentiu um pouco de vergonha por ter ficado tão contente.

Jonah sorriu como um pai orgulhoso.

— Agora você está pegando o jeito — aprovou enquanto eles iam embora. — Logo, logo você vai aprender a curtir a vida que nem um astro de rock.

Dan se virou para o pai de Jonah:

— Conseguiu achar Amy e Nellie?

— Elas não estão nos principais hotéis — informou Broderick Wizard — Mas não se preocupe. Há centenas de pensões e albergues menores em Pequim e na região. Vamos localizá-las.

Dan olhou pela janela do carro. A noite estava caindo. Ele se perguntou o que Amy estaria fazendo naquele momento. Será que estava preocupada com ele? Ou achava que seu retorno era problema dele, já que foi ele que fugiu intempestivamente?

Ela ainda deve estar brava. Quase arranquei a cabeça dela na Praça de paz Celestial... Talvez devesse ter arrancado.

E quanto a Nellie? Com certeza o manual das *au pairs* tinha uma regra proibindo deixar uma criança vagando sozinha por uma metrópole chinesa.

* * *

Ninguém estava com vontade de sair para jantar, por isso o séquito de Jonah Wizard contratou o *chef* de restaurante do hotel para vir até a cobertura e cozinhar para eles.

Depois disso, eles assistiram a filmes em *pay-per-view* no *home theater,* enquanto Jonah autografava um monte de fotos de divulgação com a frase: "Aê, o que tá pegando?".

Dan imaginou crianças extasiadas do mundo inteiro recebendo uma carta de seu herói:

— É muito legal você responder as cartas dos fãs, uma por uma.

Jonah era a imagem da modéstia:

— Tinha uma época em que os ingressos dos meus shows não esgotavam em oito minutos e meu programa passava num canal de TV qualquer. Os paparazzi são um terror, mas é muito melhor do que não ter ninguém querendo tirar sua foto. Você faz isso pelos fãs. Foram eles que me deram o que eu tenho e eles podem pegar de volta. — Ele jogou um controle de vídeo game nas mãos de Dan. — Você curte jogar, primo?

— Manda ver! — desafiou Dan.

Ele não jogava vídeo game desde o funeral de Grace.

Depois de muitos soldados feridos, dragões mortos, espaçonaves aniquiladas e viaturas destruídas, Dan e Jonah continuavam curvadas sobre os controles, imersos em uma maratona de jogos que durou a noite inteira.

Que bizarro, refletiu Dan. Jonah Wizard era praticamente o oposto de Dan. Jonah era famoso, Dan era um zé-ninguém. Jonah tinha pais poderosos, Dan era órfão. Jonah tinha o apoio das gravadoras e emissoras de TV e, à distância, de todo clã dos Janus. Dan? Nunca tinha estado tão completamente sozinho.

E, no entanto, jogar vídeo game com Jonah era a coisa mais normal que Dan tinha feito desde que a busca começara.

— Pelo jeito você vai dormir com a gente hoje — disse Jonah, desligando o console. — Amanhã a gente acha a sua irmã.

Aquilo trouxe Dan de volta para a realidade com força total.

— Seu pai não descobriu nada?

— Por enquanto não — admitiu Jonah. — Todos os computadores daqui têm como base os caracteres chineses. É difícil saber como um funcionário de hotel vai soletrar um nome como Cahill ou Gomez. Esse lance do celular é uma droga, cara.

— A gente podia deixar uma mensagem assim mesmo — sugeriu Dan, esperançoso. — Elas talvez consigam ligar de um telefone público ou algo assim.

— Já fizemos isso — confirmou Jonah. — Se sua irmã estiver te procurando, vai saber onde te achar.

Dan ergueu o olhar, surpreso:

— Você acha que ela não está me procurando?

— É claro que ela tá procurando, primo! Isso com certeza. Tipo, provavelmente. — O primo famoso olhou Dan de cima a baixo e depois gritou: — Aê, pai! Descola um quarto pro meu camarada aqui. E nada de quarto barato. Tem que ser uma suíte de primeira, sacou?

Algum tempo depois, Dan estava deitado sobre os lençóis de seda de sua própria suíte, saboreando a bala de hortelã que tinha encontrado em cima do travesseiro.

De *primeira* era uma boa definição: hotel cinco estrelas, decoração estilosa, TV de plasma de sessenta polegadas. Devia custar uma fortuna... Não que fosse fazer alguma diferença pro bolso de Jonah. Mas ainda havia uma coisa faltando ali...

Ele sentiu falta do som da respiração de Amy. Sempre um pouco acelerada, movida pelos sonhos aflitos da campeã mundial da preocupação. Silenciosa, quase inaudível. Mas para o irmão, tão inconfundível quanto uma sirene de polícia.

Amy... Será que ela estava bem?

Se eu fui sequestrado, ela também pode estar em perigo...

E o rapto de Dan tinha sido armado por Ian e Natalie. Os irmãos Kabra já eram bem cascas-grossas, mas e se Amy tinha sido visitada pela mãe deles? Isabel, a assassina...

Para de agir como um bebê! Está tudo bem. Você ouviu o Jonah, eles vão achar a Amy amanhã.

Ocorreu a Dan que, assim como os Kabra tinham usado capangas para sequestrá-lo, os Wizard talvez estivessem usando todo aquele luxo para fazer exatamente o mesmo.

Mas, se isso for verdade, por que eles me colocariam no meu próprio quarto, livre pra cair fora quando quisesse?

Ele se levantou, abriu a porta e olhou para os dois lados do corredor. Broderick Wizard não estava lá vigiando a suíte enquanto digitava no celular. Não havia nenhum empregado da gravadora. Ele podia ir embora quando quisesse... isso se tivesse algum lugar aonde ir.

Era mesmo tão difícil acreditar que Jonah estava realmente arrependido pela história dos crocodilos e quisesse compensar Dan?

“Não confie em ninguém”, dissera Willian McIntyre, o advogado de Grace, no começo da competição. Hoje, no entanto, Jonah não tinha demonstrado nada além da gentileza. E da última vez em que Dan tinha visto Amy, ela o bombardeara com acusações nojentas. Se havia alguém que não merecia confiança, era ela.

Nada impedia que sua irmã estivesse felicíssima por ter se livrado dele. Ela provavelmente não pensou duas vezes no assunto desde a discussão na praça, quando ele tinha dado as costas e saído da vida dela.

Capítulo 8

Amy mal tinha conseguido pregar os olhos.

A preocupação se misturou à mudança de fuso, uma combinação tóxica com que fez ela observasse as luzinhas no relógio do criado-mudo durante toda aquela longa noite. Não se passavam dez minutos sem que ela abrisse os olhos vermelhos para checar as horas.

Na outra cama, Nellie também dormia um sono irregular, murmurando entre os dentes enquanto tinha sonhos nervosos. Até Saladin estava irrequieto cuspiu três bolas de pelo ao longo da madrugada.

Já eram mais de cinco da manhã quando Amy caiu num sono exausto. Foi atormentada por pesadelos nos quais o irmão vagava na penumbra, em uma Praça da Paz Celestial deserta, antes do amanhecer. Ele não saberia mais onde procurá-la. E onde ela estava? Na cama, em segurança.

Era tudo culpa dela. Por que ela havia despejado em cima do irmão seus medos mais profundos sobre a mãe e o pai? Nenhum menino de 11 anos estava pronto para lidar com uma coisa daquelas. Ela própria não tinha certeza de que era capaz de encarar aquilo.

Os sussurros desesperados de Nellie penetraram em seu devaneio:

— ... na Rússia eles correram na minha frente de propósito. Desta vez é diferente. Dan sabia que nós estávamos na praça esperando por ele e não voltou...

Amy sentou:

— Com quem você está falando?

Assustada, Nellie bateu o telefone do hotel.

— Com o seu tio Alistair — ela disse depressa. — Caiu a ligação.

— Não se ofenda, mas não é você quem decide sobre o tio Alistair. Não queremos nos envolver com ele. Alistair estava lá na noite em que nossos pais foram mortos.

Nellie foi teimosa:

— Isso foi naquela época, não agora. Você está encarregada da busca pelas pistas. Mas quando um de vocês some, é hora da Nellie entrar em ação. Você fala chinês? Eu também não. Precisamos de alguém que entenda as notícias que correm na cidade se houver alguma sobre um menino americano perdido.

Amy concordou com a cabeça, vencida:

— Liga de volta pra ele. Valeu Nellie.

Elas combinaram de encontrar com o tio Alistair no Hotel Imperial dali a meia hora. E, enquanto saíam do quarto, deixando Saladin dormindo sobre um travesseiro, uma pequena dúvida incômoda cutucava a mente de Amy: se Nellie estava falando com Alistair no telefone poucos minutos atrás, então por que tinha precisado procurar o número dele?

— Amy. Nellie.

Alistair Oh ficou de pé enquanto as duas se aproximavam da mesa e atenciosamente as ajudou a se acomodarem antes de voltar para o seu lugar. Ele talvez fosse traiçoeiro como todos os outros Cahill, mas seus modos eram impecáveis.

— Tomei a liberdade de pedir o café da manhã. Por favor, sirvam-se.

Amy e Nellie atacaram avidamente a comida. Na confusão do sumiço de Dan, elas tinham se esquecido de jantar.

— Amy, você deve estar desesperada — disse Alistair, num misto de compaixão e preocupação — Dan perdido em Pequim. Todos que, como eu, amam vocês, vão achar isso bastante perturbador.

Amy estava irritada:

— O quanto você amava a gente quando simulou sua própria morte na Coreia?

O tio Alistair não pediu desculpas:

— Aquilo foi diferente. Havia uma pista envolvida. Nós, os Cahill, estamos destinados a servir a dois patrões: nossa benevolência e as 39 pistas.

— E se houver uma pista envolvida desta vez também? — foi a observação apropriada de Nellie.

— Tenho profunda estima pelo Dan, assim como vocês — ele garantiu, com o rosto franzido. — Onde estavam quando o viram pela última vez?

— Perto do Portão da Paz Celestial — respondeu Amy de boca cheia. — Tivemos uma discussão, ele saiu correndo e não voltou mais.

Alistair ficou atônito:

— Mas você e seu irmão são tão unidos. Qual foi o motivo da briga?

Amy tinha uma expressão de acusação:

— A noite em que nossos pais morreram. O incêndio que Isabel armou. E as outras pessoas que talvez estivessem lá. Como *você*.

O tio Alistair manteve os olhos fechados por tanto tempo que as duas pensaram que ele tivesse cochilado. Quando ele as olhou outra vez, parecia que seu rosto estava atraído para baixo por algum tipo de gravidade peculiar.

— Se eu pudesse voltar no tempo e mudar um único instante, seria aquele — ele disse, com a voz rouca de emoção — Duas belas vidas extintas, duas lindas crianças órfãs. Que calamidade terrível.

— Calamidade! — Amy sentou na ponta da cadeira. — Você fala como se fosse um acidente! Isabel pôs fogo na nossa casa!

Alistair contraiu o rosto, como se o esforço de lembrar fosse fisicamente doloroso.

— Quer saber a verdade? — ele disse.

— Já sei toda a verdade de que preciso! — chiou Amy. — Ela pôs fogo na sua casa em Java e agora a Irina está morta! Ela fez a mesma coisa sete anos atrás!

Alistair concordou com a cabeça, num gesto trágico:

— Todos nós sabíamos da falta de escrúpulos de Isabel. Eu devia ter previsto que ela seria capaz de cometer um assassinato. Talvez seja por isso que sempre senti uma responsabilidade especial para com você e o seu irmão... e é por isso que o desaparecimento dele me deixa tão aflito.

Amy com certeza tinha algo a dizer sobre aquilo. Mas ela não confiava em sua capacidade de falar sem se emocionar, como se a única coisa que a estivesse sustentando fosse o silêncio.

Nellie passou o braço em volta dos ombros dela:

— Sei que isso é muito importante pra você, Amy. Mas agora temos que nos concentrar no Dan.

— O que vocês precisam que eu faça? — perguntou Alistair.

Nellie tirou uma pilha de jornais de Pequim de uma grande sacola e as jogou diante dele.

— Olhe esses jornais. Procure qualquer coisa suspeita... Criança americana perdida, jovem turista em apuros, menino encontrado dormindo no metrô... esse tipo de coisa. Confira também as notícias do rádio e da TV.

— E quanto à embaixada dos Estados Unidos? — sugeriu Alistair.

— A embaixada não! — disse Amy, ríspida. — Não ainda. Dan e eu somos procurados pelo Serviço Social! Se eles checarem nossos nomes num computador, estaremos fora da competição.

— A competição — ele repetiu, com cuidado. — Minha querida menina, longe de mim usar esta situação terrível para pressionar a revelar segredos. Mas se talvez eu soubesse o que vocês dois estavam investigando...

— Vocês Cahill nunca desistem? — interrompeu Nellie, irritada. — Você acha que nós somos trouxas? Tem uma criança desaparecida, e você está usando isso pra arrancar informações da gente!

— Tudo bem — decidiu Amy. — Dan talvez continue na busca pelas pistas, na esperança de encontrar a gente.

Da mochila, ela tirou o pedaço de seda da Cidade Proibida e o estendeu na mesa.

Alistair avançou no assento, petrificado de espanto:

— Onde vocês se apoderaram desse item? No Palácio Imperial?

Nellie se adiantou:

— Apenas fique grato por nós estarmos deixando você ver a dica. O que você sabe a respeito disso?

O homem ficou imensamente impressionado. Apontou para o sinete vermelho no canto inferior.

— Este é sem dúvida o selo pessoal do próprio Pu Yi, o último imperador da China.

— Então é verdade! — disse Amy em voz baixa. — A dinastia Qing era da família Cahill.

Alistair confirmou com a cabeça:

— Esse fato é bem conhecido entre os ramos asiáticos da família. Começou com o imperador Qian Long, que ascendeu ao trono em 1736. A mãe dele era parente dos Janus na Manchúria.

— Mas Pu Yi só reinou até os 6 anos de idade — comentou Amy. — Não é possível que isso seja obra de um menininho.

— Mesmo não sendo mais imperador — explicou Alistair — ele teve permissão para viver como um até os 18 anos. Como seus antepassados Qing, seguiu a carreira artística. E, agora sabemos, as 39 pistas.

Amy indicou a "equação" de símbolos Cahill:

— O que você entende disso?

— Parece bastante autoexplicativo. Os clãs Lucian, Janus, Tomas e Ekat formam nossa família.

— Mas, se é tão óbvio, por que tratar como se fosse um grande segredo? — insistiu Amy.

Alistair evitou o olhar dela e, em vez disso, se concentrou na mensagem escrita na seda.

— Esta parte parece ser um poema. Diz:

"Aquilo que buscas está na tua mão,
Fixo para sempre no nascimento
Onde a Terra encontra o céu."

— Bom, isso explica tudo — disse Nellie num tom sarcástico, anotando a tradução num guardanapo.

— Que porcaria de poema — zombou Amy. — Nem rima.

O tio a encarou com perplexidade:

— Com certeza você sabe, Amy, que a poesia muitas vezes usa versos livres.

— Eu sei — ela respondeu, abalada. — Só estava pensando que, se o Dan estivesse aqui, isso é o que ele provavelmente diria.

Aquilo deixou todos sérios.

Alistair quebrou o silêncio melancólico:

— Então, mãos à obra.

Ele vasculhou as manchetes do Diário de Pequim e depois abriu o jornal na página 2.

Um rosto muito famoso estava sorrindo para eles.

— Jonah Wizard! — exclamou Amy. — Por que esse debiloide está recebendo tanta cobertura da imprensa?

Alistair leu o artigo por cima:

— Parece que nosso rival Janus também está em Pequim. Irá realizar um show de rap no Ninho de Pássaro hoje à noite.

— Lembro de ouvir falar desse estádio durante as Olimpíadas de 2008 — comentou Nellie. — Cabem tipo umas oitenta mil pessoas. Como um pentelho sem talento que nem ele vai encher esse lugar?

— E nós vamos estar entre elas — anunciou Amy.

Nellie fez uma careta:

— Por que uma criança desaparecida iria a um show de hip-hop?

— Pense, Nellie. Ele não fala mandarim, não tem dinheiro, não pode ir à embaixada, não tem como achar a gente. E Jonah é um rosto familiar para ele.

Alistair franziu o rosto:

— Estamos todos ansiosos para achar o Dan, mas isso parece exagero. Não faz muito sentir ir lá.

— Talvez — disse Amy — mas não ir faz menos sentido ainda.

Capítulo 9

Ali dos bastidores, o sistema de som do Ninho de Pássaro era devastador. O rufar da bateria era como uma explosão de granadas. A multidão no estádio lotado absorvia as rajadas de fogo e urrava pedindo mais. Eram 81 mil pessoas em completo frenesi, sacudindo os “gravetos” de aço entrelaçados de um dos estádios mais famosos do mundo.

Dan nunca tinha gostado muito de Jonah como pessoa nem como celebridade. Mas o cara realmente sabia como levar a plateia ao delírio, mesmo uma formada por um público gigantesco que não falava inglês direito. Ele invocava suas rimas como Zeus invocava relâmpagos. E, no entanto, quando falava com a multidão do seu jeito simples e direto, de algum modo parecia íntimo, como se cada uma daquelas pessoas estivesse recebendo uma visita particular do megastar. Ele era eletrizante.

Com o seu passe para os bastidores, Dan ficou na ala lateral com o pai de Jonah e diversos técnicos, guarda-costas e jornalistas de música. Não conseguiu evitar pensar sobre por que Jonah se dava ao trabalho de procurar as 39 pistas. Quem precisava se tornar a pessoa mais poderosa da história se ser famoso já era tão incrível? Jonah possuía tudo: dinheiro, fama, meninas gritando por ele... Mesmo a família Cahill não tinha nada a oferecer em comparação com aquilo.

A uns poucos metros de distancia, o celular do senhor Wizard se iluminou feito um fogo de artifício e ele atendeu um telefonema urgente.

Dan olhou para ele, ansioso.

— É sobre minha irmã? Você achou o hotel delas? — Ele teve que pôr as mãos em concha ao redor da boca e gritar direto no ouvido do homem.

— Não... quanto a isso não tive sorte! — berrou de volta o pai de Jonah. — Mas temos uma emergência! Os fãs invadiram o túnel em frente ao camarim. Os seguranças disseram que são centenas! Não vai ser fácil tirar o Jonah daqui! Vamos!

Ele conduziu Dan e os guarda-costas por um porta pesada com os dizeres ACESSO RESTRITO em doze línguas. Agora eles estavam realmente nas entranhas do Ninho de Pássaros, nos corredores que ninguém viu na TV durante as Olimpíadas. Eles percorreram a rede de túneis subterrâneos, espremendo os olhos por causa da forte luz fluorescente. Depois de dobrar algumas esquinas, saíram no corredor principal, onde reinava o caos completo.

Numa histeria febril, quinhentos fãs de Jonah Wizard estavam apinhados como sardinhas, na tentativa de ver o ídolo, nem que fosse por um segundo. Seguravam cartazes com mensagens como CASA COMIGO, JONAH; QUERO SER SUA GANGSTA e O ANO DO WIZ. A gritaria incessante de *Jo-nah! Jo-nah! Jo-nah!* Rivalizava com os gigawatts do sistema de som do estádio.

Broderick e os seguranças formaram uma muralha humana para conter os fãs, e Dan se juntou a eles.

Uma menina ainda mais nova que Dan jogou um punhado de dinheiro chinês na cara dele.

— Preciso conhecer Jonah! Só um beijo! — ela gritou. Seu rosto estava da cor de um tomate maduro, tamanha era sua emoção.

Um avião de papel veio voando do meio da multidão e bateu na cabeça de Dan. Ele desdobrou a folha e deu uma risadinha, espantado. A página continha um desenho em cor-de-rosa de lábios se beijando, junto com um número de telefone local.

Naquele instante, era como se Amy, Nellie e a busca pelas pistas estivessem a milhões de quilômetros de distância.

* * *

Amy e Nellie estavam a menos de trinta metros, atrás da crescente multidão.

— Sabe, isso meio que traz umas lembranças — gritou Nellie, lutando para avançar à força no mar de gente. — Show do Green Day no Fenway Park, verão de 2005. Eu dei um soco num segurança e consegui fazer o Billie Joe Armstrong autografar minha testa. Fiquei um mês sem lavar o rosto.

— Mas como vamos chegar até o Jonah pra perguntar se ele viu o Dan? — berrou Amy, desesperada. — Não tem como a gente sair dando socos em todas essas pessoas!

De repente, a voz de Jonah ecoou nos túneis do Ninho de Pássaro:

— *Boa noite, Pequim! Vocês detonaram! Sério mesmo!*

O estádio vibrou com a aclamação do público. No corredor, o ambiente já carregado atingiu um nível crítico. A cantoria cessou, os gritos pararam e as placas foram largadas. Quinhentos fãs enlouquecidos dedicaram toda a sua energia para empurrar os outros.

Lá na frente, Dan, Broderick Wizard e os seguranças lutavam para conter o avanço da muralha humana. Até Jonah, que tinha admiradores frenéticos em todo lugar aonde ia, ficou assustado com a ferocidade daquele ataque.

— Aê, vamos cair o fora daqui! Essas pessoas são dementes!

Ele deixou o camarim depressa e correu em disparada para a saída de emergência.

Foi nesse momento que Dan cometeu seu primeiro erro. Ele tirou os olhos da multidão e se virou para olhar Jonah. A menina que havia jogado dinheiro em Dan pulou nas suas costas e prendeu os braços em volta da cabeça dele. Sem enxergar, cambaleou para trás, e a horda se infiltrou pela abertura na barreira.

Quando a multidão começou a se movimentar, avançando feito uma enorme ameba, Nellie segurou Amy com força atrás de si e foi abrindo caminho naquele campo de guerra.

Amy seguiu a *au pair*, tropeçando em fãs caídos, depositando toda sua fé em Nellie. Se Amy tivesse se dado ao trabalho de olhar para baixo em vez de vasculhar a área à procura de Jonah, teria visto que por muito pouco não pisava justamente no irmão que estava tão aflita para encontrar.

Nellie e Amy passaram bem por cima de Dan, seguindo a debandada geral.

— Mais rápido! — Amy gritou.

Nellie parou, aprumando-se como um cão de caça. A horda estava avançando pelo corredor, em direção ao camarim de Jonah. Porém, o olhar aguçado de Nellie estava focado na saída de emergência.

— Você acha que ele saiu do estádio? — perguntou Amy, ofegante.

— Ninguém consegue o autógrafo de Billie Joe Armstrong na testa sem seguir seus instintos — ela respondeu. — Vamos!

Elas passaram pela porta e viram uma limusine estacionada no meio-fio. A janela estava aberta, revelando que ninguém menos que Jonah Wizard lá dentro, com uma garrafinha na mão.

Um guarda-costas saiu da frente do carro e avançou para barrar o caminho delas. Mas Jonah gritou de volta para ele:

— Tá tudo certo, Bruno. A mina é minha prima.

Amy não viu motivo para fazer cerimônia:

— Jonah, você tem alguma notícia do Dan?

Jonah pareceu surpreso:

— O seu irmão Dan? Por que ele iria entrar em contato comigo?

Aquelas palavras simples foram como um tiro de canhão no peito dela. Se Nellie não estivesse ali para mantê-la em pé, Amy talvez tivesse desmoronado na mesma hora.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Jonah, preocupado.

Amy tentou responder, mas parecia haver um curto-circuito entre seu cérebro e sua boca. Ela tinha investido todas as suas esperanças na ideia de que Dan havia, de algum modo, encontrado Jonah. Fora uma grande loucura, como um jogador que aposta as economias de uma vida inteira num único número da roleta! E agora que a aposta não tinha dado em nada...

Ele sumiu...

Aquela não era uma separação temporária nem um simples desencontro. Dan estava perdido. Havia mais de 24 horas. Ele já podia ser considerado uma pessoa desaparecida. E Amy não tinha ideia de onde procurar pelo irmão.

— Nós nos separamos do Dan — Nellie explicou para Jonah. — Nossos celulares não funcionam na China, por isso ele não tem como falar com a gente.

Achamos que ele poderia vir até aqui para encontrá-lo porque você é uma pessoa de grande visibilidade.

Jonah concordou com a cabeça:

— Faz sentido. Vou ficar de olho aberto. Talvez ele ainda apareça.

— Obrigada — Amy conseguiu dizer, lutando para segurar as lágrimas. — Eu sei que não somos do mesmo time, mas o Dan só tem 11 anos. Esse país é *enorme*, e tem... — uma imagem de Isabel Kabra apareceu em sua mente — … pessoas malvadas à solta. Algumas coisas são mais importantes do que vencer.

— Certo... hã... beleza. — O megastar desviou os olhos na direção da saída. — Posso oferecer uma carona? Vocês não vão querer ser presas se os policiais chamarem a tropa de choque.

Ele as ajudou a entrar e a limusine partiu. Amy e Nellie estavam passando em frente ao portão VIP quando o objeto de sua busca deixou o Ninho de Pássaro pela saída de emergência, na companhia do pai de Jonah.

For por 15 segundos que elas não viram Dan.

Capítulo 10

Distraído, Alistair Oh rabiscava na toalha de papel do restaurante quando Amy e Nellie se juntaram a ele.

— Bela caligrafia — comentou Nellie.

Assustado, ele ficou de pé num pulo, e sua bengala e caiu quicando no chão.

— Bom dia!

Ele as ajudou a sentar, com uma galantaria à moda antiga.

— O que quer dizer? — perguntou Amy, abatida.

— Perdão?

Ela apontou para o ideograma chinês na toalha de papel, elaboradamente traçado, apesar de Alistair estar usando uma caneta esferográfica em vez do costumeiro pincel.



— Essa palavra. O que quer dizer?

— Ah, isto. Significa "charme" – ele respondeu parecendo meio desconfortável —mas isso não importa, Amy. Onde está seu irmão?

— Não achamos ele — Amy estava lutando muito para manter a compostura, porém suas olheiras revelavam a profundidade de sua preocupação — estou pirando de verdade. E se Isabel Kabra estiver com ele?

Isabel era sempre a prior das hipóteses.

— Calma. — Nellie passou o braço em volta dos ombros dela. — Entrar em pânico não vai ajudar o Dan.

— O problema não é Isabel — Alistair mostrou uma cópia do *Diário de Pequim*, com uma foto de Jonah no Ninho de Pássaro. — Foi por isso que telefonei para vocês.

Nellie balançou a cabeça, tristonha:

— Essa notícia é velha, tio Alli: música ruim, muita bagunça e nada do Dan.

— Jonah vai ficar de olho para ver se encontra ele — acrescentou Amy. — Eu sei que ele é nosso inimigo, mas acho que ele realmente se importa com o Dan.

Alistair não se impressionou.

— Permitam que eu traduza. — Ele começou a ler a partir da metade do artigo: —*A polícia conteve a confusão antes de houvesse ferimentos graves. Porém um membro da equipe de Jonah Wizard, o senhor Daniel K. Hill, recebeu cuidados médicos após um pequeno corte acima do olho esquerdo. O senhor Hill, um jovem primo do superstar, descreveu a cena como uma luta livre de mulheres...*

— Ele está vivo! — exclamou Amy. — Quem mais ia pensar em luta livre numa hora dessas?

Nellie soltou um suspiro de alívio tão forte que fez os guardanapos voarem.

— Graças a Deus! Ele ainda está perdido, mas pelo menos está bem. Quer dizer, ele está com o Jonah... — Ela contorceu o rosto. — Aquele rapperzinho de quinta... moleque arrogante! Eu devia ter imaginado que ele estava mentindo!

Alistair disse, abatido:

— Como nossos primos Janus mudaram pouco ao longo do tempo... Nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, Pu Yi virou uma marionete dos japoneses em troca da oportunidade de ser imperador outra vez... e agora Jonah está tão obcecado pelo próprios objetivos que não enxerga o sofrimento que está causando.

— Ou então ele enxerga muito bem e não está se importando — sugeriu a *au pair*num tom soturno.

Amy lutou para controlar suas emoções:

— Mas porque o Jonah sequestraria o Dan? E, mais importante, por que meu irmão idiota iria colaborar com ele?

— A segunda pergunta você mesma respondeu — disse Alistair. — Ele não tem mais para onde ir. Deve achar que é um convidado de Jonah. E quanto aos motivos deste... não é óbvio? A busca pelas 39 pistas.

Nellie franziu a testa:

— Ele é cheio da grana e tem contatos no mundo todo. Para que precisa do Dan?

— Você não sabe? — Surpreso, Alistair se virou para Amy. — Vocês dois criaram uma grande reviravolta na busca.

— Por quê? — perguntou Amy. — Nós fomos mais espertos que algumas pessoas, mas não acho que estávamos vencendo. — Ela fez uma pausa. — Ou estamos?

— Talvez não, mas vocês são mais novos que o resto de nós, com menos recursos, sem nenhum clã para apoiá-los e quase nenhum conhecimento da história da família. Muitos preveriam que vocês não durariam uma semana. E, no entanto, cá estão vocês, bem no coração da caçada. Quem sabe vocês herdaram algumas das habilidades de Grace... Ou talvez o fato de virem de fora permitam que vejam as coisas por outra perspectiva. O que quer que seja, Jonah parece acreditar que isso pode ajudá-lo.

— Não me importo com a busca — disse Amy, impaciente. — Não até recuperarmos o Dan. Quem sabe o que Jonah vai fazer com meu irmão quando tiver conseguido o que quer? Aqui também tem crocodilos!

— Pelo menos agora sabemos onde procurar — Nellie lembrou. — Basta acharmos o Jonah e acharemos o Dan. Esta é uma desvantagem de ser um imbecil com fama mundial: ele não pode se esconder. Aonde quer que vá, vira notícia.

Alistair passou os olhos no artigo:

— De acordo com o jornal, a próxima parada dele é a Muralha da China.

— Então também será a nossa — decidiu Amy.

— Meu bem — disse ele — a Muralha da China tem mais de seis mil quilômetros de extensão. Como Jonah está viajando a partir de Pequim, podemos supor que ele visitará o trecho Badaling, que é mais próximo. Mas, mesmo assim, é um território bastante vasto para cobrirmos.

— O Jonah é uma celebridade — argumentou Amy. — Se ele estiver lá, vamos achá-lo. — O rosto dela ficou mais sombrio. — Temos que fazer isso se quisermos salvar o Dan.

* * *

Broderick Wizard franziu o rosto enquanto olhava pela janela do jatinho. Lá embaixo, a ampla passagem rural chinesa dava lugar a um extenso amontoado de casas e prédios residenciais baixos.

— Achei que Dengfeng fosse um vilarejo. Tem uma população enorme lá embaixo.

— Bem-vindo a China — a aeromoça lhe disse com um sorriso. — Até as cidades pequenas são grandes.

— Com 1,3 bilhão de habitantes no país, o jeito é enfiar as pessoas onde elas couberem — sugeriu Dan das profundezas de uma floresta de refrigerantes, milk-shakes e salgadinhos de todas as variedades.

Dan fez bem em aproveitar a extravagância da viagem aérea, pois em terra firme os confortos se evaporaram. O aeroporto era pouco mais que uma pista de pouso e a "limusine" deles era na verdade uma Kombi.

O motorista não falava inglês, mas forneceu elaboradas informações turísticas em chinês durante o percurso de uma hora. A primeira coisa que Dan notou em Shaolin foi uma pequena sequência de lojas de souvenires e restaurantes. Nem mesmo aquele canto remoto da Ásia podia escapar do turismo. Foi então que ele viu: os campos em volta do caminho principal estavam cheio de turmas de kung fu – dezenas de professores e alunos vestindo as túnicas alaranjadas dos monges Shaolin.

Ele apertou o rosto contra a janela da perua, coberta de manchas de moscas, e ficou observando.

— Nossa, não é muito legal?

— Maneiríssimo — concordou Jonah, distraído.

Dan reconheceu o olhar de Jonah. O astro estava tão concentrado na próxima pista que mal notava o que acontecia ao seu redor. Ele não pôde deixar de se perguntar se Amy também estaria assim agora, tão envolvida na busca que quase não tinha pensado no irmão.

O motorista os deixou num ponto, com instruções complicadas que ninguém entendeu, e eles continuaram a pé.

A primeira visão do templo de Shaolin trazia à mente a ideia de um reino mágico flutuante. Aninhado na montanha sagrada de Song Shang, o enorme complexo de edificações parecia flutuar nas nuvens.

Aquele era o berço das artes marciais. Dan entendeu imediatamente o entusiasmo de Amy quando a busca a levava a seguir as pegadas da história que ela tanto amava. Parado entre as estátuas dos cães de Fu que guardavam a entrada principal, ele quase podia sentir os 1.500 anos de técnicas de luta superlegais que tinham sido aprimoradas naquele exato lugar.

Se Amy estivesse ali, poderia se vingar das vezes em que ele a aporrinhara em tantos museus e bibliotecas: *Oh, que chato o templo Shaolin, como o kung fu é sem graça, estou tão entediada...*

Mas Amy nunca diria essas coisas, é claro. Era ele quem saía colocando Selo Dan Cahill de Desaprovação em tudo o que considerava chato. E, francamente, era bastante coisa.

Ora, esqueça a Amy! Sou um Madrigal! Somos assassinos frios e calculistas! Não nos importamos com a família... Provavelmente devoramos nossas crias...

Uma imagem os pais surgiu em sua mente, fazendo-o parar onde estava. Dan não lembrava muito deles, mas as recordações que tinha não eram nada frias. Aquele pensamento causou uma pontada de saudade.

Um jovem monge de cabeça raspada e túnica laranja, com um dos ombros expostos, entrou na frente de Broderick e apontou para o BlackBerry na mão dele.

— Proibido fotografar — ele disse com um sotaque forte.

— Não vou tirar nenhuma foto — prometeu o pai de Jonah, distraído.

Com um relâmpago, o monge arrancou o aparelho da mão dele.

— Depois devolver câmera.

Dan nunca tinha visto um ser humano se mexer tão rápido.

O pai de Jonah ficou indignado.

— Essa é minha comunicação vital com o mundo!

— Tá tudo bem, paps — o filho tentou tranquilizá-lo. — Dá um descanso pros seus dedos.

Quando eles passaram pelo portão, o monge examinou de cima a baixo cada membro da equipe de Jonah Wizard, principalmente o próprio Jonah.

Eles provavelmente não recebem muitos astros do hip-hop na província de Henan, refletiu Dan.

Pouco tempo depois, eles estavam no pátio Chang Zhu, cercados de esculturas e afrescos. Dan ficou mais fascinado. A maior parte das obras representava figuras lutando em todas as posições imagináveis de kung fu.

Dali eles passaram para o Salão dos Mil Budas, com seu altar central em bronze e jade branco.

— Notem que o chão é irregular — observou um monge que guiava um grupo de turistas britânicos. — Estas depressões foram causadas pelo bater dos pés dos professores Shaolin, que têm pleno domínio do kung fu.

Dan fez questão de pisar em uma das depressões. Quase conseguia sentir a energia retida ali.

Embora não houvesse escadas, quanto mais eles avançavam pelos diversos corredores, mais alto pareciam subir. O templo era construído diretamente na encosta da montanha e acompanhava o aclive.

O pai de Jonah olhou as paredes grossas de pedra cobertas de afrescos mostrando cenas de artes marciais:

— De qualquer maneira, não teria jeito de conseguir sinal aqui.

O maior grupo de visitantes estava reunido em volta de uma peça protegida por uma redoma de acrílico.

— Esta é a Pedra da Sombra, o artefato mais sagrado do templo — outro guia Shaolin explicava para seu grupo de turistas. — O monge Bodhidharma, do século XV, ficou sentado diante desta pedra durante nove anos em meditação

silenciosa. Quando seus olhos começaram a se fechar de cansaço, ele arrancou as próprias pálpebras. Ele manteve a posição de lótus por tanto tempo que suas pernas atrofiaram. E o sol forte marcou sua sombra nesta pedra com tantos detalhes que as dobras de suas roupas podem ser vistas.

Não é à toa que os Shaolin são durões, pensou Dan. Ele não era muito fã de meditação e com certeza nem daquela história de arrancar as pálpebras. Mas que força de vontade! Que lutador devia ter sido esse tal de Bodhidharma... enquanto tinha pernas, é claro.

Jonah soltou uma risadinha e disse:

— Acho que depois disso esse maluco não curtia muito piscar sem sapatear.

O guia o encarou com desprezo:

— Piadas grosseiras não são bem-vindas aqui. Bodhidharma é o monge que trouxe o zen-budismo para a China e introduziu a arte do kung fu no templo Shaolin.

— Relaxa — Jonah ergueu os braços num gesto de inocência. — Não precisa dar uma bronca medieval no Gangsta...

– “Gangsta”? – De repente, os olhos do monge se arregalaram de espanto e ele gritou alguma coisa em mandarim, numa voz aflita.

Monges vieram correndo de todo o templo, reunindo-se na Pedra da Sombra.

O sorrisinho petulante de Jonah desapareceu.

— Opa, eu só estava zoando! Não quis desrespeitar ninguém!

O pai dele pôs a mão no porta-celular em seu cinto, mas não havia aparelho nenhum ali com o qual pudesse pedir socorro.

Até Dan ficou nervoso ao ver as túnicas alaranjadas se agruparem ao redor deles, uma coleção de mestres de kung fu capazes de desencadear uma força marcial inimaginável.

— Eu juro! — Jonah agora estava balbuciando. — Curto muito esse lance de respeito! Sou super a favor de respeitar... hã... grandes traduções e... hã... roupas laranja...

Os monges continuaram a se juntar, olhando intensamente para Jonah. Por fim, um monge mais velho que parecia estar no comando disse:

— Então é verdade, sim? Você é Jonah Wizard, o artista americano da televisão e da música?

Capítulo 11

O famoso Jonah Wizard nunca tinha se sentido tão perdido antes. Geralmente conseguia se safar de qualquer situação com seu charme. Porém o carisma de hip-hop que era sua marca registrada não surtia efeito em monges Shaolin.

Dan vasculhou o templo com os olhos, procurando a saída mais próxima. Eles estavam em grande desvantagem numérica, cercados por mestres das artes marciais. Fugir seria a única opção caso a situação ficasse feia.

O chefe dos monges continuou falando:

— Você tem muitos admiradores entre os de nossa ordem, Jonah Wizard. Encontramos semelhanças entre nossos cânticos e sua... acredito que o termo seja "pegada de hip-hop". Como você próprio diria, achávamos que você é "o cara".

Jonah riu de puro alívio:

— Aê, valeu. Legal dar esse rolê no... tipo... no lugar onde a gente tá.

— Eu sou Li Wu Chen, abade-chefe da ordem de Shaolin — Apresentou-se o homem. — Por favor, faça-nos a honra de vir por aqui.

A procissão de monges os conduziu mais para o interior do templo. Jonah andava ao lado do abade, e Broderick e Dan iam logo atrás. Eles passaram por salas e salas de tesouros artísticos chineses que rivalizavam com o Museu do Palácio na Cidade Proibida. Mais adiante, o salão da biblioteca continha inúmeras prateleiras de manuscritos antigos. Por fim, atravessaram um arco coberto de entalhes elaborados. Dan sentiu a temperatura diminuir e entendeu que eles não estavam mais na estrutura construída sobre a encosta, mas, sim, dentro da própria montanha. Não havia turistas ali, nem barraquinhas de souvenires, ou placas em dezenas de línguas. Aquele era o coração do templo Shaolin, um lugar secreto reservado apenas para um punhado de seletos visitantes.

Dan espiou o recinto enorme onde diversos monges – obviamente os melhores lutadores – estavam envolvidos numa batalha espetacular. Os movimentos eram tão velozes, e ainda assim tão perfeitamente fluidos e naturais, que à primeira vista aquele combate-relâmpago parecia quase uma dança. Mas não era nenhum balé. Os socos e chutes cortavam o ar feito balas, emitindo zunidos. Os corpos voavam, como se a gravidade não existisse. Dan percebeu que, em comparação com aquilo, todas as artes marciais que tinha visto nos campos ao redor do templo eram brincadeira de criança.

Ele levou vários segundos para recuperar a voz. Mesmo assim, foi num sussurro abafado que disse:

— Este é o kung fu mais legal que eu já vi na vida!

Li Wy Chen lançou-lhe um sorriso tolerante:

— Aqui preferimos chamar de *wushu*. O termo kung fu pode designar qualquer técnica que seja dominado pelo meio da prática prolongada. *Wushu* se refere especificamente a artes marciais. O jovem gostaria de uma lição?

O coração de Dan quase arrebentou as costas e pulou fora do peito.

— Eu? Com esses caras? Você está brincado!

— Não existe brincadeira na ordem Shaolin — afirmou o abade numa voz seca. — Mas, se você desejar, vamos lhe mostrar alguns dos pontos principais.

— Oh, eu desejo! — exclamou Dan com fervor. — Desejo, sim!

* * *

A viagem de ônibus até a Muralha da China era estimada em setenta minutos, mas isso obviamente não incluía o trânsito de Pequim. Quando os setenta minutos se passaram, Amy e Nellie ainda estavam presas no engarrafamento da rodovia, pensando para controlar Saladin. O Mau Egípcio expressava um interesse bastante acentuado na galinha gorda que estava nos braços de um fazendeiro no bando atrás delas.

— Tenho pena dessa galinha — comentou Nellie. — As opções dela são péssimas... ou fica à mercê do Saladin ou vai parar na panela dessa família. De qualquer modo, ela vai terminar o dia muito mal.

Amy estava absorta nas páginas de *Pu Yi: o último filho do Céu*, um livro grosso que tinha comprado na livraria da rodoviária. Mas sua mente nunca ficava longe do irmão.

— Tem alguém usando uma camiseta do Jonah Wizard? — ela perguntou, vasculhando o corredor com os olhos. — Se acharmos um fã de verdade, quem sabe podemos segui-lo até o Jonah... e o Dan.

— Acho que não tem nenhum fã neste ônibus — observou Nellie. — A galera aqui só é fã de uma boa galinha.

Na verdade, Nellie vinha procurando camisetas... e chapéus, fivelas de cintos, porta-balas e acessórios brilhantes autênticos das Industrias Wizard desde a rodoviária de Pequim. Tinha até se aproximado de adolescente aleatórios vestidos com roupas de hip-hop na esperança de flagrá-los ouvindo músicas de Jonah. Sem sorte.

Como elas podiam ter perdido Dan? Se Amy estava desesperada para encontrar o irmão, Nellie estava desesperada e meio. Por fora ela estava calma, não ia adiantar nada deixar Amy ainda mais aflita. Mas aquelas eram as *suas* crianças – das quais *ela* deveria cuidar – e uma delas estava desaparecida!

Bom, não desaparecida tecnicamente. Dan estava com Jonah, o que era melhor que sumir por completo ou cair nas garras de Isabel Kabra. Jonah não era

a pior daquelas víboras da família Cahill, mas isso era como dizer que era preferível ser atacado por um tubarão-tigre do que por um tubarão-branco. Principalmente porque Jonah estava tramando alguma coisa. Se não, por que mentiria para elas a respeito de Dan?

Nellie recebera instruções claras:

— Encontrar Dan é importante — a voz entrecortada tinha dito do outro lado da linha. — Mas *nada* tem prioridade maior que a busca pelas pistas.

— Você está falando de um menino de 11 anos! — Nellie tinha gritado no telefone público.

— E que por acaso é neto da Grace Cahill — respondera a voz — ele demonstrou ser um jovem bastante esperto. Temos todos os motivos para crer que pode cuidar de si mesmo.

Dizer aquilo era fácil para alguém sentado num escritório a milhares de quilômetros de distância.

De repente, a pressão de manter em segredo sua verdadeira missão pareceu quase tão exaustiva quanto a busca pelas pistas. Nellie se encolheu no assento, abraçando Saladin contra o peito.

A culpa não lhe dava sossego. Aquelas pobres crianças vinham sendo enganadas praticamente desde que nasceram: primeiro pelos pais, que esconderam sua identidade Cahill; depois por Grace, que ocultara a verdade sobre o incêndio. E agora estavam no meio da busca pelas pistas, algo como uma convenção de traidores. Quem poderia adivinhar quais mentiras Jonah estaria contando para Dan naquele exato momento?

E, além disso, não podemos esquecer de mim, uma pessoa em que eles confiam. Uma pessoa que deveria protegê-los...

Se chegasse a um ponto em que ela precisasse escolher entre a missão ou Amy e Dan...

Não sofra por antecipação. Preocupe-se com os problemas de hoje, não com o que pode acontecer amanhã. Ache o Dan. Não deixe a Amy perder a cabeça...

Afinal, qualquer que fosse a missão secreta de Nellie, ela ainda era uma *au pair*. As crianças eram responsabilidade dela. Isso incluía a segurança de Dan e a saúde mental de Amy.

Tente mantê-la distraída.

Ela se virou para Amy:

— Que tal esse livro? Alguma dica?

— Pu Yi era um Janus, realmente — disse Amy, encolhendo os ombros. — Eu reconheço o tipo: mimado, louco por arte, totalmente egocêntrico. De acordo com esse livro, a vida dele depois que o derrubaram do trono foi basicamente um chilique atrás do outro. Não foi tão ruim enquanto eles deixaram Pu Yi ficar no

Palácio Imperial. Ele ainda tinha eunucos para idolatrá-lo e criados para satisfazer suas vontades. Quando ele exigiu uma educação ocidental, trouxeram um professor particular de Londres para ele. Ele adorava o Ocidente, até adotou um nome inglês: Henry.

— Imperador Henry — repetiu Nelly, rindo. — Parece nome de personagem de filme de comédia.

— Quando foi expulso da Cidade Proibida, ele meio que ficou sem rumo. Virou um playboy de verdade, um ricaço imprestável. Isso lembra alguém que nós conhecemos?

— Pelo menos o Jonah ganha a vida fazendo rap — comentou Nellie. — Quer dizer, ele é um imbecil internacional, mas pelo menos ele trabalha.

O motor do ônibus roncou ao ganhar velocidade. Elas estavam avançando outra vez.

— Durante a Segunda Guerra Mundial — continuou Amy — os japoneses declararam Pu Yi imperador de Manchukuo, a antiga Manchúria, onde a dinastia Qing tinha se originado. Ele sabia que era apenas uma marionete do Japão, mas precisava se sentir como um rei outra vez. Acabou pagando o preço: quando a guerra terminou, cumpriu dez anos de prisão por isso. E, depois que foi solto, passou o resto da vida como cidadão comum, trabalhando numa biblioteca. Morreu em 1967.

— Que dureza — concordou Nellie. — Desde os trajes dourados incrustados de joias, foi só ladeira abaixo. O coitado esteve no auge aos 6 anos de idade.

— Também é bem típico dos Cahill — observou Amy, com amargura. — Eles jogam tudo nas suas costas quando você é apenas uma criança. Na nossa família, ninguém tem infância. Estamos ocupados demais tentando dominar o mundo.

E eu faço parte disso, refletiu Nellie, enquanto o ônibus passava chacoalhando por cima de um buraco na estrada. *Empurrando crianças para dentro de um jogo fatal.*

Ela sentiu um impulso repentino de tomar a menina nos braços para lhe garantir que tudo ficaria bem, que ela um dia seria uma adolescente normal. Mas isso também seria mentira.

Em voz alta, Nellie disse:

— Então quando Pu Yi pintou essa seda e a escondeu no sótão secreto, só pode ter sido antes de o chutarem da Cidade Proibida. Eles não teriam deixado o cara voltar e dar um passeio pelo lugar.

Amy conferiu a linha do tempo no livro.

— Isso aconteceu em 1924, quando ele tinha 18 anos. Vai ver Pu Yi teve um pressentimento de que seus dias do Palácio Imperial estavam contados e foi por isso que escreveu o poema.

Ela recitou de memória:

"Aquilo que buscas está na tua mão,
Fixo para sempre no nascimento
Onde a Terra encontra o céu."

Ela fez uma careta:

— Mas o que ele quis dizer com isso?

— O que vocês Cahill sempre querem dizer? — perguntou Nellie, revirando os olhos. — É um desses enigmas sobre as 39 pistas.

Amy franziu a testa:

— *O que está na sua mão* só pode ser a própria página. E *não* é o que buscamos, já que a pista está em algum outro lugar. *Fixo para sempre no nascimento*... Bom, nada continua exatamente do jeito que era no instante em que nasceu. E *onde a Terra encontra o céu*...

— Deixa eu te dar uma notícia — disse a *au pair* num tom azedo. — A Terra encontra o céu *em todo lugar*. É assim que funciona. A Terra acaba, começa o céu. Vamos encarar os fatos, nós não temos nada.

Amy ergueu uma sobrancelha:

— Não sabemos o que Pu Yi estava tentando dizer. Mas sabemos quando ele disse isso: em 1924.

— E daí?

Amy tirou o laptop de Dan da mochila e o ligou:

— E daí que, se nós pesquisarmos os grandes acontecimentos mundiais do começo da década de 1920, talvez possamos descobrir o que Pu Yi estava aprontando. Se tem uma coisa que os Cahill sabem fazer é virar notícia.

Nellie estava cética:

— O cara passou de imperador-mirim a rico preguiçoso, depois virou marionete dos japoneses, depois criminoso na guerra, depois bibliotecário. O que você espera encontrar que não esteja nos livros de história?

— A conexão com a família Cahill — explicou Amy. — Veja, os livros dizem que Amelia Earhart estava tentando dar a volta ao mundo de avião. *Nós* sabemos que na verdade ela estava procurando pistas. Aposto que com o Pu Yi aconteceu alguma coisa parecida.

— Tipo o quê?

Na enciclopédia digital, Amy clicou no ano de 1924.

— Certo, poucos meses depois de Pu Yi ter sido exilado, a IBM foi fundada, Josef Stálin subiu ao poder na Rússia...

Não era a primeira vez que Nellie se espantava com a lógica brilhante da menina. Ela espiou a tela por cima do ombro de Amy.

— A Grécia virou uma república... Oh, eu adoraria ir lá. Aquelas ilhas, a comida...

A voz dela sumiu quando o ônibus chegou ao cume de uma serra. Ao longo da última hora, o terreno vinha ficando mais acidentado, com subidas cada vez mais íngremes. De repente, lá estava a Muralha da China se estendendo diante delas.

Ao seu lado, Amy perdeu o fôlego. A antiga barreira se alastrava subindo encostas e percorrendo vales em ambas as direções mais longe do que seus olhos enxergavam. *Seis mil quilômetros,* refletiu Nellie. *Extenso o bastante para ir de Boston a San Diego e depois ainda descer para a Cidade do México.*

— Eu já tinha visto fotos — disse Amy estupefata — mas ver isso ao vivo...

Até Saladin desviou a atenção da galinha para olhar para a gigantesca construção que se revelava conforme o ônibus se aproximava.

Nellie pegou o computador do colo de Amy e pesquisou a muralha na internet, alterando o olhar entre as fotos na tela e a realidade estonteante. Era a única estrutura feita pelo homem que podia ser vista do espaço. Em outros tempos, tinha sido guardada por mais de um milhão de homens.

Quando um operário morria durante a construção, seu corpo era embutido na própria muralha. Ninguém sabia quantos cadáveres jaziam dentro daquele monte de pedra e argamassa, porém algumas estimativas indicavam quase três milhões de pessoas.

Era uma paisagem sem igual em nenhum outro lugar do mundo. Única devido a sua idade, sua importância história e, principalmente, sua extensão descomunal.

O coração de Nellie afundou no peito. Encontrar uma única pessoa num lugar daqueles, mesmo uma celebridade como Jonah Wizard, seria como vasculhar o universo em busca de um grão de areia.

Capítulo 12

De algum modo, a túnica laranja caía *bem* em Dan, como se ele tivesse nascido para vesti-la.

— Alguém pode tirar uma foto minha?

Ele estava pensando em sua coleção. Aquela seria a peça mais importante. Ele mandaria ampliar para ocupar uma parede inteira da sua sala de troféus.

— Proibido fotografar.

Dan ficou arrasado. Abriu a boca para protestar, mas mudou de ideia. Não se discutia com um cara capaz de arrancar seu braço e usar a extremidade sangrenta para espancar você até a morte.

— Pelo menos posso ficar com a roupa?

Seus amigos de treino deram um sorriso tolerante.

A aula começou. Dan tinha se imaginado voando no ar com a maior facilidade. Porém não ficou surpreso ao se dar conta de que isso não aconteceria. Como iniciante, ele começou do início: dando socos e chutes simples e aprendendo a cair.

Não tem nada mais legal que isto, ele refletiu, batendo a mão no tatame numa queda amortecida. *Aprender kung fu...* wushu... *numa parte secreta do templo Shaolin, bem no coração da montanha Song Shang.*

Logo eles avançaram para as técnicas básicas de arremessar o adversário. Dan ficou radiante quando os monges elogiaram seu equilíbrio. E, graças a sua memória extraordinária, ele aprendia rápido, lembrando perfeitamente de tudo o que haviam lhe ensinado.

O momento de destaque foi uma sessão de luta simulada: Dan contra quatro dos lutadores mais perigosos do mundo. Oh, claro, ele sabia que estavam deixando que vencesse. Mas a sensação de derrubar um mestre de kung fu era indescritível, mesmo que o cara estivesse praticamente se jogando no chão.

De repente, o menino viu uma abertura. O monge a sua frente estava caído na posição perfeita para Dan agarrá-lo com um dos golpes que acabara de aprender. Era uma oportunidade única para um iniciante brilhar num verdadeiro embate do templo Shaolin.

Quando Dan pulou para cima do homem, duas mãos possantes se estenderam e agarraram sua túnica. Subitamente, o pé do adversário encostava em seu abdômen, sem chutá-lo, mas lançando para o alto e por cima dele com uma força incrível. Enquanto Dan voava pelo ar, uma ideia triunfante brilhou em sua mente: *Acabei de aprender uma lição de um mestre Shaolin!* Não lhe ocorreu que estava prestes a quebrar todos os ossos do corpo.

Os outros três o seguraram e o puseram com cuidado de volta no tatame. Ele deu uma conferida rápida: dois braços, duas pernas, tudo ainda estava ali.

Um sorriso colossal se alastrou em seu rosto:

— Isso foi *insanamente legal!* Como você fez isso?

Os professores pareceram vagamente contentes:

— Esta é a base de toda a defesa no *wushu* — explicou o homem que o arremessara. — O impulso do adversário é seu maior aliado.

Outro monge chegou com uma bandeja de chá e comida, e a luta foi interrompida. Dan mordeu um salgadinho frito e mastigou, pensativo, tentando identificar o sabor desconhecido. Não era ruim, ele concluiu. Crocante, meio salgado... Parecido com torresmo, mas com uma textura diferente.

— O que é isso? — perguntou Dan, enfiando outro na boca.

— É uma iguaria feita da larva do bicho-de-seda.

Dan quase cuspiu a comida do outro lado da sala:

— Estamos comendo *minhocas?*

— Não são minhocas. O bicho-da-seda é a lagarta da espécie *Bombyx mori*... a mariposa da seda.

Como se saber a espécie correta melhorasse alguma coisa. De qualquer modo, era um inseto. Engolir o petisco exigiu toda a força de vontade que conseguiu reunir. Ele sabia que era apenas sua imaginação, mas sentiu todo um zoológico de insetos em seu estômago, contorcendo-se e zumbindo.

Ele se esforçou para ficar de pé, com suas pernas bambas.

— Acho que eu preciso de ar.

Um dos monges o escoltou pelos diversos corredores que levavam ao pátio Chang Zhu. Ele agradeceu com um murmúrio e saiu cambaleando sob o céu aberto.

Não tenho futuro como monge Shaolin. As artes marciais são ótimas... mas esse cardápio!

Turistas e visitantes observavam intrigados o garoto ocidental vestindo uma túnica Shaolin. Dan estava enjoado demais para se impressionar com a vista, mas o simples fato de andar já ajudou a acalmar seu estômago. Ele não viu Jonah em lugar algum. O astro ainda devia estar dentro do templo, dando autógrafos para seus fãs Shaolin.

Dan olhou ao redor. O que era aquilo? De longe, parecia uma cidade em miniatura. Ele andou até lá e descobriu que as estruturas não eram construções, e sim grades lápides de tijolo e pedra, no formato de pagodes chineses, algumas delas com 9 ou 10 metros de altura. Uma placa informava que aquele cemitério era a Floresta do Pagode, o lugar de repouso final para os restos cremados de séculos de monges Shaolin.

Bem legal... a não ser que você esteja tentando digerir duas Bombyx mori.

Logo em frente ao terreno do templo, na beira da estrada, ele notou uma fila de telescópios, daqueles em que é preciso inserir moedas para que funcionem, apontados para o topo da montanha Song Shang.

Ele saiu da floresta do Pagode e caminhou devagar pela trilha, procurando um trocado no bolso. Esta era outra vantagem de fazer parte do séquito de Jonah Wizard: o primo lhe dera algum dinheiro chinês.

Saiu por um portão nos fundos e se aproximou dos telescópios. Espremeu os olhos para observar o cume da montanha, envolto em névoa. Então distinguiu um monumento ao longe, branco em contraste com o céu cinzento.

— O que é aquilo?

Um guia forneceu a resposta:

— É a estátua de Bodhidharma.

— O cara das pálpebras? — perguntou Dan.

— Um yuan — disse o homem, indicando o pagamento para o uso do aparelho.

Dan inseriu uma moeda e o telescópio ganhou vida, com o tique-taque de um *timer*. Ele aproximou o olho da ocular.

A estátua era esculpida em pedra branca e mostrava um monge barbado sentado de pernas cruzadas sobre um pedestal de tijolos. Pelo que Dan estava enxergando, não faltava nenhuma pálpebra, e a parte de baixo da figura, atrofiada ou não, estava escondida sob uma túnica.

Mas não foi isso que fez Dan levar um susto.

Eu conheço esse cara!

Onde um órfão de Boston podia ter visto uma estátua que ficava em cima de uma montanha remota na China? Na TV? Na internet? Num livro didático?

Ele teve uma visão confusa da escultura branca cercada de grossos pelos cinzentos...

Pelos de *gato*...

Saladin?

É claro! Grace guardava uma pequena réplica daquela estátua no patamar da escada! Era um dos lugares favoritos de Saladin. O gato costumava dar voltas nela, roçando nos contornos da porcelana.

Amy e Dan chamavam a estátua de Buda Barbado.

Como eu pude esquecer aquela coisa? Eu morria de medo dela!

E agora ele estava olhando para a estátua verdadeira.

Dan franziu a testa. Eles não sabiam disso enquanto Grace Cahill estava viva, mas ela estava mergulhada até o pescoço nas 39 pistas. A competição inteira fora invenção dela, incluída em seu testamento com a ajuda de William McIntyre. Várias coisas que Grace tinha mencionado casualmente ao longo dos anos se revelaram vitais na busca pelas pistas. Era quase como se ela ainda as tivesse procurando do além-túmulo.

Ele sentiu uma breve irritação com a avó. Ela tinha colocado tantas coisas como aquela na cabeça dele... e mais ainda na de Amy, já que as duas tinham

sido bem próximas. Às vezes ele não conseguia evitar comparar seu cérebro a um computador infectado por dezenas de vírus só esperando que algo externo os deflagrasse.

A única possibilidade que Grace não tinha considerado era a de que ele abandonasse a competição e continuasse com tudo aquilo na cabeça, o que o levaria à loucura. Porque, com ou sem a busca pelas pistas, ele não podia deixar de ficar curioso com alguns fatos, como:

1) Os contatos de Jonah entre os Janus o haviam trazido ao templo Shaolin;
2) Aquele era o *verdadeiro* Buda Barbado.

Coincidência?

Ahã, claro.

A estátua branca se erguia bem no alto, como se estivesse a quilômetros de distância. Logo à frente de Dan, uma interminável série de degraus de pedra esfacelada subia pela montanha.

Um milhão de degraus. Ou pelo menos era o que parecia.

Ainda bem que comi minha porção de bicho-da-seda...

Ele ia precisar de energia.

Capítulo 13

— Aê, muito louco que vocês são meus fãs — disse Jonah para Li Wu Chen.

O abade lançou um olhar de censura:

— Esperamos por tanto tempo e o clã nos manda um menino tolo.

— Clã? — repetiu Jonah. Ele baixou a voz até virar um murmúrio: — Quer dizer... *os Janus?*

— Não somos fãs do seu barulho indigesto. Sim, somos Janus... a única linhagem verdadeira da família Cahill na Ásia. Damos as boas-vindas a você, como filho de Cora Wizard. — O olhar de Li Wu Chen se dirigiu para o pai de Jonah. — E, é claro, ao marido não Janus dela.

Foi como se uma cortina se abrisse. Não tinha sido à toa que a liderança do clã em Veneza mandara Jonah para lá! Como representantes dos Janus, os monges Shaolin talvez pudessem ajudar com uma pista naquela parte do mundo.

— Minha esposa tem mesmo um ótimo senso de humor — resmungou Broderick, um pouco ressentido. Seus polegares tremeram, como se suas mãos se sentissem vazias sem um celular entre elas. — Ela podia ter nos avisado que os nativos eram aliados Janus.

— Relaxa, paps — o filho tentou tranquilizá-lo. — Ela nos mandou para onde a gente precisava estar, então não faz mal.

Era o estilo clássico de Cora Wizard. Ela regia o clã como se fosse uma de suas obras de arte performática: fornecia aos atores informações limitadas e depois se afastava para ver as faíscas voarem. Era muito típico dos Janus, embora Broderick nunca tivesse esperado que ela fosse fazer isso com o próprio filho.

O abade os conduziu para dentro de uma pequena antecâmara, mobiliada com uma mesa rústica, redonda e entalhada. A porta se fechou com um ruído de vácuo e eles perceberam que estavam numa sala segura.

— Comecemos pelo começo — anunciou Li Wu Chen. — Quem é o menino e por que ele está com você?

— O nome dele é Dan Cahill — respondeu o pai.

— Cahill. — O abade avançou no assento. — Janus?

— Ninguém sabe — disse Jonah, dando de ombros. — Ele é neto de Grace Cahill.

Li Wu Chen ficou impressionado:

— Ah, Grace Cahill. Boa linhagem. Mulher perigosa. Poucos chegaram tão perto quanto ela de resolver os 39 mistérios que não podem ser resolvidos.

— Vai devagar com esse amor — disse Jonah num tom firme. — A Grace tinha lá seus méritos, mas minha mãe deixou ela no chinelo. Acho que é por isso que a mamãe pôs a gente em contato. Só falta um ingrediente pra Veneza reproduzir a fórmula dos Janus.

O abade ficou de pé num pulo, gritando alguma coisa num mandarim entusiasmado.

— Por favor, perdoe minha exuberância — ele acrescentou num tom dócil, arrependido — nós, os Janus da Ásia, vivemos tempo demais à sombra daqueles brutamontes Tomas, com seus grandes músculos e mentes pequenas.

— Verdade — concordou Jonah, pensando nos Holt.

— Considere os recursos da ordem Shaolin completamente a seu dispor. Qual é o ingrediente que falta?

— Estou investigando — Jonah garantiu a ele. — Minha mãe está convencida de que está aqui na China, mas não sabemos o que é nem onde encontrar. É por isso que estamos segurando o menino Cahill.

Li Wu Chen franziu a testa:

— Com certeza o conhecimento desse menino não supera o leque de informações do clã Janus.

— Não subestime o garoto — insistiu Jonah. — Ele parece burro, mas ele e a irmã fizeram vários milagres nesta busca. Talvez seja a ligação com a Grace, quem sabe?

— É sábio cobrir todas as possibilidades — o abade admitiu, relutante. — Talvez representar os Janus e aparecer na capa de revistas para adolescentes não sejam façanhas mutuamente exclusivas. Manipulado com perspicácia, o descendente de Grace talvez se revele um bem valioso.

Aquilo era para ser um elogio?

— Hã... valeu — disse Jonah, incerto.

— Sua mãe tem bons motivos para buscar o ingrediente faltante na China — Li Wu Chen retomou. — Replicar o soro dos Janus tem sido a meta dos imperadores Qing há centenas de anos. Foi esta obsessão, e não sua admirável devoção às artes, que os levou a negligenciar seu povo.

— Mas eles conseguiram terminar o serviço? — perguntou Jonah. — Algum desses imperadores acertou a fórmula?

— Acreditamos que sim.

Broderick se pronunciou:

— Vocês só acreditam? Não têm certeza?

O abade dirigiu a resposta para Jonah, em vez de para o pai:

— A história que tem sido contada ao longo das décadas é a seguinte: Pu Yi, o último imperador, contratou como professor particular Reginald Fleming Johnston, um cientista Janus das ilhas britânicas. Juntos, eles completaram o soro num laboratório secreto na Cidade Proibida.

Pela careta de Broderick, Jonah percebeu que o “paps” não gostava de ser ignorado. Mas aquilo era mais importante que um ego ferido.

— Então, o que aconteceu com o soro? — Jonah perguntou num tom de urgência.

— Foi um grande infortúnio. O ano era 1924. Pu Yi teve o pressentimento de que em breve seria exilado. Naturalmente, a segurança do soro era sua maior preocupação. Um colega Cahill britânico de Johnston tinha uma habilidade única que lhe permitiu esconder a fórmula num lugar onde ela seria preservada por tempo indeterminado. Diz-se que nenhum outro homem vivo na época poderia ter realizado essa tarefa.

— Mas onde ele escondeu o soro? — Broderick exigiu saber, quase gritando.

— A lenda termina nesse ponto — concluiu Li Wu Chen, balançando a cabeça.

— Me fala mais desse bambambã que eles contrataram pra esconder a mercadoria — insistiu Jonah. — Quem era ele?

— Isso também não se sabe. Após deixar a Cidade Proibida, Pu Yi ficou inativo. Alguns dizem que fez uma jornada para a Grande Muralha antes de sua morte, mas isso nunca foi confirmado. Completar a fórmula dos Janus foi sua grande conquista. Nem mesmo seu breve reinado no Trono Celestial se compara a isso. Durante o resto da vida, Henry Pu Yi foi testa de ferro, prisioneiro, simples bibliotecário... Isso não era destino para um Janus. — Os olhos do abade fitaram rapidamente Broderick antes de voltarem para o astro. — Para uma pessoa comum, sim, e talvez até mesmo para um imperador. Mas não para um descendente de Jane Cahill.

Com um ruído, a porta da câmara se abriu de repente e outro monge entrou correndo, parecendo bastante aflito. Ele trazia o celular de Broderick entre o polegar e o indicador, como se esperando que o aparelho fosse explodir a qualquer segundo. O BlackBerry estava iluminado feito uma árvore de Natal.

O pai de Jonah ficou de pé num pulo:

— Isso é assunto dos Janus... altíssima prioridade!

O monge agitado não podia ter ficado mais feliz de entregar o aparelho e cair fora dali.

Foi só quando a porta de segurança se fechou que Jonah perguntou:

— É minha mãe?

— Não, não é sua mãe — disse o pai, franzindo a testa. Ele levantou o aparelho. Caracteres chineses preenchiam a pequena tela.

Li Wu Chen tirou um par de óculos de leitura:

— Muito curioso. É uma série de números: 1, 38, 53.

Broderick Wizard fez uma careta.

— A mensagem vem de um servidor que não me deixa identificar o remetente — frustrado, ele foi pressionando teclas — de que adianta criptografar uma mensagem sem sentido?

— Porque não é sem sentido, paps — Jonah estava triunfante — seção 1, fileira 38, assento 53... Aê, essa mensagem é a localização de um assento num estádio!

— Mas não temos mais nenhum show marcado para este mês — o pai lembrou.

— Talvez seja justamente isso — argumentou o astro. — Nós marcamos um lance... por exemplo, em Shangai... e a pessoa que mandou essa mensagem sabe que tem que aparecer nesse assento. A gente só precisa colocar um agente na cadeira ao lado.

— Arriscado — opinou Broderick.

— Nem tanto. Vou estar no palco com um microfone na mão. Se a coisa engrossar de verdade, posso mandar cinquenta mil fãs enlouquecidos pra cima do cara. Nem os Lucian têm esse tipo de reforço.

Ele sorriu com todos os seus 32 dentes perfeitos. De algum modo, ele adoraria fazer isso como uma pequena vingança contra a mãe.

— Muito inteligente, astro do programa *Quem quer ser um gangsta* — disse Li Wu Chen. — Mas, enfim, você está equivocado.

— Você é que está viajando! — rebateu Jonah, ofendido.

O abade o encarou com um olhar de censura:

— Monges Shaolin não “viajam”.

— Sem ofensa — corrigiu Jonah depressa. — É só que... bom, então me diga você o que essa mensagem significa.

— Com prazer — concordou o abade. — Você já ouviu falar do exército de terracota nas tumbas de Sian?

Broderick franziu a testa:

— A mensagem é do exército?

— Não é um exército de verdade — explicou Li Wu Chen com um suspiro aborrecido. — Os guerreiros de terracota são considerados a oitava maravilha da Antiguidade. Se você pudesse esquecer a carreira imbecil do seu filho por um instante, talvez adquirisse alguma sabedoria que vá além desses programas de televisão.

— Melhor todo mundo baixar a bola um pouquinho — sugeriu Jonah, vendo o pai ficar vermelho.

A última coisa que ele queria era que seu pai saísse na mão com um mestre Shaolin. Primeiro, Li Wu Chen, embora fosse pequeno e magrelo, provavelmente era capaz de destruir uma cidade inteira. E, segundo, se a mãe dele descobrisse, o troco ia ser gigante.

Ele se virou para o abade.

— A gente não quis ofender sua maravilha antiga. Respeitosamente... — respeito ali era tudo — ... queremos saber qual é o lance desse exército maneiro.

— Próximo à cidade de Sian, fica o túmulo de Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China unificada. Ele é defendido por um vasto exército enterrado de estátuas de guerreiros, feitas de terracota.

— O quê? — perguntou Jonah. — Estátuas?

— São milhares de guerreiros esculpidos maiores que o tamanho natural e com uma incrível atenção aos detalhes. Ainda hoje, todo mês desenterram-se batalhões até então desconhecidos.

O pai de Jonah estava cético:

— Mas por que você tem tanta certeza de que a mensagem está relacionada com esse lugar?

— É uma referência a uma estátua específica — esclareceu Li Wu Chen — o 53º soldado da 38ª fileira do primeiro poço de escavação.

— Ou então — acrescentou Broderick — pode ser uma armadilha.

— Está tudo no esquema — disse Jonah num tom despreocupado. — Com ou sem armadilha, podem deixar comigo.

O monge arregalou os olhos:

— Certamente, nem *você* pode ser tão descuidado! O filho de Cora Wizard seria um belo prêmio para nossos clãs rivais.

Jonah não se abalou.

— Não vou ser eu quem vai ficar na linha de fogo — ele mostrou o sorrisinho que ilustrara tantas capas de revista — eu sabia que ia ser útil manter esse moleque Cahill por perto.

Capítulo 14

Depois dos primeiros trezentos degraus, Dan estava penando para respirar. Depois de quinhentos, estava prestes a botar os pulmões para fora e deixá-los na encosta da montanha Song Shang.

Às vezes, monges e alunos de kung fu vestindo túnicas laranja passavam bufando, subindo depressa os intermináveis degraus. Não era à toa que os guerreiros Shaolin eram invencíveis. Se eles treinavam *ali*, deviam ser capazes de erguer o templo como se fosse um haltere, e talvez a montanha inteira junto.

Ele perdeu a conta por volta do degrau por volta do degrau 750 e dali ainda não enxergava a estátua Bodhidharma. O suor pingava de todos os poros de seu corpo.

Meu precioso traje wushu *vai virar um pano de chão!*

Dan olhou de relance para o relógio de pulso. Fazia quase uma hora que ele estava subindo. Onde estava o Buda Barbado? Na lua?

Outro grupo de monges passou por ele num passo apressado, desta vez descendo. Agora havia um friozinho diferente no ar. Ele com certeza estava perto do topo.

A escada fez uma curva abrupta para a direita e lá estava seu pesadelo de infância, com 6 metros de altura. Ele soltou um gemido involuntário de susto. Olhou em volta, envergonhado. Não havia monges treinando, nem turistas passeando. Estava sozinho.

Dan examinou a enorme base da estátua e depois deixou seu olhar subir pelas dobras da túnica de Bodhidharma. Não havia marcas nem símbolos, nem mesmo uma rachadura na pedra onde uma mensagem secreta pudesse estar escondida.

Será que eu estava enganado sobre o Buda Barbado?

Enquanto ele rodeava o corpo de Bodhidharma, seus olhos deram com um pequeno santuário construído atrás da estátua. Ele entrou. Havia caracteres chineses por toda parte, porém uma única placa em inglês dizia: BURACO DO DHARMA. Uma seta apontava para uma abertura na pedra.

Uma caverna!

Oh, como ele não queria entrar ali. Na busca pelas pistas, Dan tinha entrado em túneis, poços, grutas e catacumbas vezes o suficiente para uma vida inteira. E, em alguns casos, sua vida havia terminado lá.

Mas ele não tinha subido aquela escada até o céu a troco de nada. Entrou engatinhando. O lugar era escuro e apertado, e a pedra estava fria e úmida por causa do ar enevoado.

A cerca de cinco metros de profundidade, a escuridão o envolveu completamente. A sensação claustrofóbica era intolerável: pedra por todos os lados, visibilidade zero. Era como se ele tivesse sido engolido pela montanha.

Dan começou a hiperventilar. Asma? Não. Sua respiração ofegante levava ar para os pulmões, mas estava acelerada e ele se sentia incapaz de controlá-la.

O que estava acontecendo com ele? Será que estava doente?

Estou tendo uma crise de claustrofobia!

Ele fechou os olhos e tentou esvaziar a mente de todos os pensamentos. Ele não estava enfiado numa rachadura incrivelmente estreita, dentro de milhares de toneladas de rocha sólida. Ele só estava... relaxando.

Foram apenas cerca de trinta segundos, mas pareceu uma eternidade. Por fim, ele estava respirando normalmente e pronto para continuar.

Engatinhando, Dan sentiu uma vibração de uma pedra solta na palma da mão. Um segundo depois, seu joelho tremeu no mesmo ponto. Estranho. Ele recuou e deu uma batidinha na pedra, que fez um ruído peculiar, não exatamente oco, mas... diferente.

Se pelo menos eu tivesse uma lanterna!

De repente, ele percebeu que tinha uma luz. Não era muito forte, mas era melhor que nada. Ele mirou o pulso esquerdo na pedra solta e apertou o botãozinho que acendia o mostrador do relógio.

O brilho era fraco, mas revelou uma visão extraordinária. Aquela pedra não era original da caverna. Um exame atento das bordas mostrou que ela havia sido esculpida especialmente para encaixar naquele lugar.

Dan cutucou a pedra com os dedos e conseguiu puxar um dos seus cantos para cima. Foi fácil levantá-la. Ele a pôs de lado e acendeu o mostrador do relógio.

Então foi tomado pelo êxtase da descoberta. Dan estava olhando para dentro de um compartimento secreto entalhado na pedra e que não era visto sabe-se lá quanto tempo.

Ele chegou mais perto. Lá estavam os restos esfarrapados de um cobertor mofado, embrulhado em volta... do quê?

Ele tirou o pacote e tentou desembrulhá-lo. Foi em vão. Aquela era uma tarefa para duas mãos, impossível de realizar quando uma delas estava ocupada acendendo o mostrador do relógio. Ele retornou à escuridão e tornou a pôr a pedra em cima do compartimento vazio. Depois, segurou o embrulho nos braços e começou a árdua jornada de volta, centímetro por centímetro, saindo da caverna em marcha ré. Aos poucos a luz voltou e ele estava outra vez a céu aberto.

Dan vasculhou depressa o santuário e a área ao redor da estátua. Ainda estava sozinho. Ansioso, desembrulhou o tecido antigo e examinou o que havia dentro. Então franziu a testa.

Lixo. Literalmente! Vasos e copos, cacos de vidro, tudo chamuscado e meio derretido.

Quem joga o lixo fora e esconde como se fosse uma coisa preciosa e confidencial?

Ele examinou as peças. Não eram copos, mas béqueres. E os mais altos e finos eram tubos de ensaio e talvez pipetas de vidro. Havia também braçadeiras, com os parafusos carbonizados. Aquilo não era lixo, era equipamento de laboratório! E algo obviamente dera muito errado, pois estava tudo queimado.

Um incêndio. Era bem o estilo da família Cahill! Os pais dele, a casa de Grace, a prima Irina pouco mais de uma semana atrás. Ele ainda podia vê-la despencar junto com o teto, a casa de praia desmoronando ao redor dela. Era uma imagem terrível, que voltava sem ser chamada inúmeras vezes desde aquela noite horrenda.

Dan tinha presenciado muitas coisas desde o funeral de Grace. Mas aquela fora a primeira vez que ele viu alguém morrer. Ele lembrava do rosto de Irina e não podia deixar de imaginar se os seus pais tinham a mesma expressão quando seu último instante de vida chegou.

Não... não posso pensar nisso...

Sua mente se transportou de volta para a câmara subterrânea de Paris. O mural de Gideon Cahill e seus quatro filhos: Luke, Jane, Thomas e Katherine, os fundadores da família Cahill. A imagem também mostrava um incêndio.

Com cuidado, ele pegou um casco chamuscado entre o polegar e o indicador. O vidro, grosso e cheio de bolhas, quase não era translúcido. Os outros componentes eram muito grandes e pesados. Pareciam feitos de ferro em vez de aço inox ou alumínio. De que época eram aqueles objetos? Da idade da pedra?

Seu coração começou a bater ainda mais rápido. Espere um pouco! Gideon Cahill tinha sido alquimista! Será que aquelas coisas eram do laboratório dele e foram queimadas justamente pelo incêndio retratado naquela pintura? A província de Henan ficava bem longe da Europa, porém quinhentos anos eram um tempão e, francamente, os Cahill viajavam bastante.

Ele começou a vasculhar os restos queimados à procura de algum indício da importância daqueles detritos, de algo que explicasse por que precisaram ser escondidos no outro lado do mundo.

Ai! Um caco perfurou sua pele e Dan chupou o sangue do dedo. Ele quase escutou a voz de Amy: *Eu mandei você não brincar com vidro quebrado.*

Ah, é?, ele retrucou mentalmente. *Bom, fui eu que achei isso, não você. E eu nem estou participando da busca pelas pistas!*

Dali de cima, ele avistou a plataforma de observação lá embaixo. Duas figuras do tamanho de formigas estavam agachadas junto a um dos telescópios. Seriam Jonah e o pai? Não havia como saber. Mas a esta altura os dois provavelmente estariam procurando por ele.

Seu primeiro instinto foi esconder os restos do laboratório de Gideon. Não pareciam conter nenhuma pista, mas o fato de alguém ter se dado ao trabalho de trazer aquilo até ali significava que era importante. Não se entregavam coisas para os Janus assim sem mais nem menos.

Ele começou a embrulhar as peças. Alguma coisa escorregou por um rasgo do cobertor e caiu aos seus pés. Dan se agachou e recolheu. Não parecia fazer parte do laboratório. Era um objeto oval, provavelmente de ouro – era difícil saber porque estava muito escurecido. Mas tinha uma trava com um botão. Ele apertou e o objeto se abriu com um estalo.

O interior era forrado com um material que devia ter sido veludo roxo. Acomodada ali dentro havia uma miniatura em marfim com moldura decorada, que apresentava um nível extraordinário de detalhes.

Dan olhou para o rosto da moça retratada ali.

Era a mãe dele!

Não, não é possível. Isto aqui tem centenas de anos!



Os cabelos e as roupas eram totalmente estranhos, de outra época. Aquela não podia ser Hope Cahill.

Mas é o rosto dela!

Dan tinha apenas 4 anos de idade quando ele morreu. Mas, mesmo assim, ninguém esquece o rosto da mãe. Nunca.

Ele ouviu vozes distantes, entoando um canto em uníssono. Mais monges treinando na escada. Ele teve poucos instantes para esconder os itens do laboratório...

Olhou para a miniatura outra vez... Aquilo ia ficar com ele.

Dan prendeu o retrato no elástico da cueca, levantou o cobertor embolado e começou a descer a escada. Aquilo tinha que ficar em algum lugar que ele pudesse de novo se precisasse. Ele contou 25 degraus – 14 mais 11, a idade de Amy mais a dele – e se desviou da trilha, embrenhando-se nos arbustos que

cresciam dos dois lados. Achou uma cavidade no chão e acomodou o embrulho ali, cobrindo-o com pedras e galhos soltos. Não era o melhor esconderijo, mas teria que servir.

Ele voltou para a escada no exato instante em que um monge e três alunos de kung fu apareceram. Eles passaram por Dan correndo, sem olhar duas vezes.

Então ele acelerou a descida. O caminho de volta foi sem suor e muito mais rápido. Até teria conseguido chegar em menos tempo, porém parava de tempos em tempos para admirar a imagem do medalhão. Era o rosto de sua mãe e, no entanto, não era ela.

Amy tinha que ver aquilo. Apesar de todos os desentendimentos dos dois sobre a busca, ela não poderia ignorar o retrato. Era estarrecedor como um relâmpago.

Mal pusera o pé na plataforma dos telescópios na base da escada, Dan avistou Jonah que vinha quase correndo na direção dele. Seu pai seguia vários metros atrás, atrapalhado com o esforço de correr e digitar ao mesmo tempo.

— Você sumiu! — Jonah berrou num tom de urgência — O que você estava fazendo lá em cima?

— Bom... — Dan hesitou, sem saber direito o que ousaria revelar.

Por sorte, Jonah estava apressado demais para esperar uma resposta:

— Ache suas roupas e tire esse pijama. Vamos cair fora daqui.

— Aonde vamos? — perguntou Dan.

— Eu te explico o lance no avião. Temos um encontro... com um exército.

Capítulo 15

A Muralha da China.

De dentro do ônibus, Amy não conseguira apreciar sua extensão. Aquela barreira havia sido construída como proteção contra os mongóis, uma faixa que atravessa a vasta fronteira norte da antiga China.

Agora, caminhando pelo trecho Badaling, Amy entendeu por que mesmo as hordas mongóis haviam pensado duas vezes antes de atacar. Para começo de conversa, a muralha era grossa; o topo era tão largo quanto a sala do apartamento deles em Boston. Ou seja, os chineses podiam encher o lugar de soldados. Havia torres mais ou menos a cada quilômetro. Elas serviam como posto de observação, alojamento, arsenal e armazém de suprimentos. Os defensores podiam viver ali por tempo indeterminado.

A muralha também era alta: pelo menos 9 metros no trecho Badaling. Qualquer exército inimigo teria de escalar aquela distância em meio a uma chuva de flechas e óleo escaldante.

O Dan tinha que ver isso, ela refletiu. Flechas e óleo escaldante eram bem o lance dele. Mas não foi apenas a história militar da muralha que a fez pensar no irmão. Raramente se passava um minuto inteiro sem que se lembrasse da briga feia que tiveram na Praça da Paz Celestial.

E agora Dan tinha sumido. Bom, não exatamente. Ela sabia com quem ele estava, embora não soubesse onde.

Uma memória desagradável voltou: a imagem embaçada de um corpo viscoso e áspero com uma longa causa reptiliana. Um crocodilo no Nilo de 5 metros e meio, visto à luz da lua.

Jonah Wizard não merecia confiança. Cahill nenhum merecia.

Já fazia mais de dois dias que vira o irmão pela última vez. Era a mais longa separação entre os dois, desde o dia em que a mãe trouxera o pentelhinho do hospital para atrapalhar sua vida. Agora Amy estava se dando conta de que, sem Dan, ela não tinha vida.

Ela pensou no funeral da avó deles, o dia em que ela e Dan tomaram conhecimento pelas 39 pistas. Talvez eles tivessem aceitado participar como uma espécie de homenagem a Grace, mas, quando a caçada os levou a Paris, ambos acreditaram piamente que a competição era a coisa mais importante da face da terra.

A cada hora que passava, Amy ficava mais e mais convencida de que aquela competição inteira não fazia nenhum sentido se ela não pudesse reencontrar o irmão.

Cadê você Dan? Isso é culpa minha? Você está tão bravo que nunca mais vai voltar?

Ela se lembrou das palavras exatas dele: *Eu te odeio!* Não havia como ser muito mais claro que isso.

Amy não podia culpar o irmão por odiá-la pelo que tinha dito sobre os pais. De um jeito bizarro, ela quase sentia orgulho de Dan por defendê-los quando ela não se sentia capaz.

Ficar aliviada pelo fato de os pais estarem mortos. Pensar uma coisa daquelas era como ter impresso no próprio cartão de visita o nome MADRIGAL.

— Não posso por você no chão, Saladin, então pare de pedir — Nellie resmungou irritada. — Tem gente demais aqui. Você vai se perder.

— *Prrr* — reclamou Saladin.

Gente demais. Amy sentiu um calafrio. "Demais" era pouco! O ônibus delas era apenas um entre centenas. Perto do estacionamento principal, os turistas pulavam feito uma praga de gafanhotos entre guias, vendedores de *souvenirs* e seguranças. E aquele monte de bugigangas! A muralha decerto era uma antiga maravilha intacta, porém, ao lado dela, os artigos à venda eram suficientes para encher cinquenta shoppings. Havia todo tipo de itens de papelaria, desde cartões-postais até murais enormes; esculturas detalhadas feitas em cascas de noz; imagens compostas de conchas e penas; pipas de seda, brinquedos, estatuetas; milhares de quebra-cabeças tradicionais chineses. Alguns itens eram belas obras de artesanato, outros eram tranqueiras sem valor. E pencas de compradores faziam fila segurando seus cartões de crédito e punhados de yuan. O tumulto dali fazia a Praça da Paz Celestial parecer fazia. Amy quase tinha entrado em pânico. Apenas o refrão em sua mente havia feito com que mantivesse o foco: *Jonah atrai multidões... Ache o Jonah e você vai achar o Dan...*

Mas até agora a multidão era de turistas, não de fãs de Jonah Wizard. A muralha fazia mais sucesso que qualquer magnata adolescente, mesmo o maravilhoso e célebre Wiz.

Nellie espiou por cima do parapeito a paisagem montanhosa arroxeada que parecia se estender até o infinito.

— Muito esperto. Daqui daria pra ver um exército invasor a trinta quilômetros de distância. Tem certeza de que esses imperadores eram Janus? Este lugar parece muito mais uma coisa dos Lucian.

Amy fez que não com a cabeça:

— Naquela época, não havia Lucian nem Janus. A muralha começou a ser construída dois mil anos antes de Gideon Cahill ter nascido.

A *au pair* lançou um sorriso torto pra ela.

— Esqueci que ainda tem umas poucas coisas neste planeta em que os Cahill não botaram mão — o sol agora estava baixo no céu e ela precisou espremer os olhos para ver a torre seguinte — parece que tem uma galera ali na frente. Talvez seja o presente de Deus para o hip-hop.

Amy concordou com a cabeça, mas não disse nada. Para ela, o sol poente só significava uma coisa: elas tinham passado a tarde inteira andando pela muralha e não havia nenhum sinal de Jonah. Nem de Dan.

Elas correram seguindo o antigo parapeito; aquele trecho era uma subida íngreme. Nellie pôs Saladin no chão e o gato, feliz de esticar as pernas, foi andando depressa junto com elas. Resfolegando, elas alcançaram o pessoal que estava amontoado em frente à torre: um grupo de turistas brasileiros.

— Jo-Jo...? — Desta vez a gagueira de Amy tinha tanto a ver com a falta de ar como com a presença se um grande número de pessoas.

— Jonah Wizard — arrematou Nellie, recolhendo Saladin em volta dos braços. — Vocês viram ele?

— O Wiz? — O rosto do guia se iluminou — Ele está aqui? Eu leio as histórias de ninar do livro *O filho do gangsta* para as minhas sobrinhas em São Paulo.

Nellie ficou totalmente enjoada:

— Aonde quer que você vá, não importa as pessoas que encontre, só se fala no Jonah, o tempo inteiro.

— Mas, quando você realmente precisa dele, ele some... — acrescentou Amy, mal conseguindo erguer o olhar das pedras da pavimentação.

A *au pair* reconheceu o desconsolo na voz da menina.

— Certo — ela disse, assumindo o comando. — Estamos cansadas. É hora de admitir que não vamos achar Dan hoje. Precisamos pensar onde vamos dormir, para termos energia para continuar a busca amanhã cedo.

Amy retrucou:

— Não! Não vou sair daqui sem o meu irmão!

— Seja sensata. Vai escurecer daqui a pouco. Nós não vamos aumentar nossa chance de achar o Dan se nos matarmos. Precisamos descansar e comer. Não comemos nada desde o café da manhã. Você sabe como o Saladin fica ranzinza quando está com fome.

Saladin acrescentou um *"prrr!"* lamentoso à conversa.

— Este gato com demais! — reclamou Amy. — Salmão fresco, bolinhos de camarão... o que vai ser agora, caviar beluga? Não temos tempo pra descansar! Quem sabe o que o Jonah está fazendo com o Dan neste exato instante? Se ele machucar meu irmão de algum jeito, eu juro que estrangulo aquele moleque com as minhas próprias mãos.

Ela perdeu o fôlego ao perceber a violência em sua voz e, pior, ao perceber que estava falando muito sério. Será que a Madrigal dentro dela estava vindo à tona? Pessoas comuns falavam palavras como estrangular casualmente, sem querer dizer nada com isso. Era diferente para os Madrigal. Os Madrigal *matavam.*

— Por isso, com tudo o que temos para nos preocupar — Amy resmungou num tom mais baixo — você vai ter que me perdoar por eu não largar tudo só porque o Saladin está com um pouco de fome. Ele poderia viver durante um mês só com a própria reserva de gordura. A última coisa de que ele precisa é outro lanche.

A poucos metros dali, um turista desembrulhava um sanduíche de sardinha. Com um *"prrr!"* que foi praticamente o guincho de um lince caçador, o Mau Egípcio pulou e se desprendeu dos braços de Nellie. Desacostumado a caçar a própria comida, o gato passou por cima do sanduíche, bateu no parapeito da muralha e sumiu do outro lado.

Amy e Nellie gritaram ao mesmo tempo.

Elas correram até a beirada e olharam para baixo, apavoradas com o que talvez vissem.

Nove metros abaixo, o querido bichinho de Grace Cahill estava postado no lugar onde exércitos invasores teriam sido repelidos e massacrados. Sua cauda estava empinada e seu pelo eriçado de indignação, O *"prrr!"* que o gato soltou foi a maior bronca que qualquer uma das duas jamais tinha recebido.

— Sabe de uma coisa? — disse Amy com a voz trêmula. — Talvez a gente devesse arranjar alguma coisa pra comer e achar um hotel para passar a noite.

Capítulo 16

A cidade de Sian era muito menor que Pequim, mas Dan mal pôde perceber a diferença pela janela do jato particular. Não havia arranha-céus como os da capital chinesa, porém a mancha de prédios parecia infinita, com as luzes vermelhas dos carros entupindo cada centímetro da malha de ruas. Trânsito.

Poluição também, ele pensou enquanto o avião descia através de uma camada grossa de névoa escura.

— Oh, não... — Eles ainda nem estavam na pista de aterrissagem e o pai de Jonah já estava teclando agilmente em seu celular. — Lembra daqueles cartazes "Curtindo a vida louca com Jonah Wizard"? Bom, advinha como traduziram isso para o chinês: "Jonah Wizard aprecia doentes mentais".

Dan soltou uma gargalhada na cara dele:

— Você pode guardar um pra mim? Vai entrar para minha coleção!

Broderick não achou graça:

— Nesse caso, por que você não participa da reunião por telefone com a gravadora?

— Tá tudo bem, paps. — Jonah bocejou enquanto o jato encostava no chão. — Você conhece o esquema. Eu levo um fã sortudo para jantar, nós postamos tudo na internet e todo mundo esquece esses cartazes.

— Eles imprimiram mais de seiscentas mil cópias — seu pai lembrou, com os lábios cerrados.

— Jantar e um cineminha — emendou Jonah — melhor ainda, uma boate em Sian. Vamos dar uma exclusiva para a MTV Ásia. Aê, vai ser épico! Fazemos isso assim que terminarmos com esses camaradas de terracota — ele acrescentou, dando uma piscadinha para Dan.

Dentre todos os empresários, relações-públicas e guarda-costas do séquito de Jonah Wizard, além do próprio pai, o astro havia escolhido Dan como parceiro em sua missão para descobrir o segredo do exército de terracota.

Não que Dan ainda se importasse com a busca pelas pistas.

Outra coisa sobre Sian: eles tinham limusines de verdade ali. Um carrão prateado estava esperando no aeroporto para levá-los ao hotel, o Bell Tower, onde Jonah tinha reservado a cobertura.

O pai de Jonah estava ao telefone, contratando os artistas para casa de espetáculos do hotel para fazer um show na suíte deles. Uma diversãozinha na hora do jantar.

Dan olhou de relance para o relógio de pulso. Eram sete e meia.

— Até que horas fica aberto esse lugar do exército de terracota?

— Fechou faz duas horas — disse Jonah, abrindo seu sorriso de estrela de rock — ainda não podemos ir. Não está escuro o suficiente.

Dan abaixou o tom de voz:

— Entendi. Temos que ir lá quando não tiver ninguém por perto.

— É por isso que eu sei que você é da minha família — aprovou Jonah. — Os Cahill pensam parecido, cara. Estou achando que essa nossa colaboração vai dar certo. Nós formamos um time de primeira.

Se fosse a Amy, refletiu Dan desanimado, ela estaria dizendo como ele era burro, chamando-o de pentelho enquanto ia a alguma biblioteca conferir seiscentos livros sobre guerreiros de terracota.

De repente, seu estado de espírito piorou. Então ela acusaria os coitados dos pais dele de merecerem o fim que tiveram. Como ela podia sequer *pensar* isso sobre a mamãe e o papai? Dan pôs a mão no bolso, onde o retrato encontrado na caverna de Bodhidharma estava escondido.

— Sabe de uma coisa, Jonah — ele arriscou — faz... hã... dois dias, quatro horas, 21 minutos...

— Desde a última vez em que você viu sua irmã — completou Jonah num tom de compaixão.

— Não que eu esteja marcando o tempo — Dan logo acrescentou.

— Deve ser difícil — concordou o astro — deixa eu dizer uma coisa, primo. Estou surpreso que a gente ainda não tenha topado com ela. É estranho... É como se ela não quisesse ser achada.

Dan recuou, como se tivesse levado um tapa.

Seu transtorno foi interrompido por uma batidinha na porta. Os artistas tinham chegado.

No começo, Dan estava com pouco apetite. Ficou sentado à mesa, desmontando bolinhos com os *hashis*, comendo pouco enquanto remoía a ideia devastadora de que Amy talvez o tivesse riscado de sua vida. Seria possível? Ela o chamara de irritante inúmeras vezes. No entanto, ele tinha dito a mesma coisa dela e ainda assim daria qualquer coisa para voltar para junto da irmã.

O show era de acrobatas chineses que executavam um número incrível, repleto de saltos e cambalhotas. Era maneiríssimo, nas palavras de Jonah. Até Dan começou a sair da depressão, principalmente durante o *grand finale*: uma dança do dragão com os artistas pendurados de cabeça para baixo no teto.

O pai de Jonah convidou alguns repórteres locais do ramo do entretenimento para participar da diversão. Assim, garantia que Jonah recebesse uma boa cobertura da imprensa em Sian – como se ele recebesse cobertura ruim em algum lugar.

A estrela da mídia estava tinindo, na sua melhor forma, rindo e fazendo piadas com os jornalistas. Ninguém nunca suspeitaria que, ao término daquilo, ele invadiria o sítio arqueológico mais importante da Ásia. Mas Dan não pôde deixar de notar um olhar sem vida no rosto do famoso quando ninguém estava olhando.

Engraçado... Acho que o estilo de vida de um astro da música é incrível, mas deve ser tenso viver isso 24 horas por dia. Para Jonah, aquela era sua rotina. Provavelmente era exaustivo estar sempre a ponto de bala, dia após dia, semana após semana.

Já passava da meia-noite quando os acrobatas foram embora e os repórteres terminaram suas entrevistas. Dan estava fuçando no frigobar quando o som de uma música ao longe o alcançou. Não era a música de Jonah. Na verdade, a melodia era clássica. Para o espanto de Dan, ele reconheceu a peça. Era de Mozart, talvez o mais brilhante dos parentes Janus.

Ele seguiu o som até o dormitório menor da suíte e espiou. Broderick Wizard estava sentado na beira da cama com um violão nas mãos, os dedos se movendo depressa sobre as cordas de nylon. Mesmo para Dan, que não entendia nada de música, era óbvio que o pai de Jonah estava tocando com muita habilidade.

— Você é muito bom.

Broderick ergueu o olhar, surpreso.

— Oh... você está aí. — ele pôs o violão em cima da cama, pegou o BlackBerry e, constrangido, começou a chegar os e-mails.

— O Jonah sabe que você manda bem assim? — perguntou Dan.

O pai de Jonah limpou a garganta, incomodado, e tentou se esconder atrás do aparelho.

— Na faculdade, eu até que era um astro em ascensão. Só que então conheci a Cora e... Bom, eu dou pro gasto, mas, sabe como é, comparado a *eles*...

Eles. Os Janus. Porque fazer música se você não pode ser Mozart, Scott Joplin, John Lennon ou Jonah Wizard? Que atitude típica de um Cahill!

Dan ficou surpreso ao assistir uma compaixão genuína pelo pai de Jonah. Ele havia abandonado todos os sonhos que teve um dia, havia trocado tudo por um lugar no tapete vermelho atrás do filho famoso. E o que restava para Broderick? Talvez câimbras nos polegares de tanto digitar mensagens.

Aquilo fez Dan pensar no próprio pai. Ele lembrava pouca coisa a respeito dos pais... Assim como Broderick, Arthur Trent tinha vindo de fora e ingressado na família Cahill pelo casamento. Quando as pessoas falavam sobre o assunto, ele era apenas um companheiro da mãe que cooperava com Grace na busca pelas pistas. Ele até tinha dado o sobrenome Cahill aos filhos, assim como Grace fizera com a filha. De que mais ele teria aberto mão para participar daquele grande jogo com os pesos-pesados da família Cahill?

Jonah apareceu na soleira da porta atrás de Dan.

— Vocês dois estão tendo uma reunião secreta sem mim? — Seus olhos pousaram no violão jogado na cama.

Broderick parecia constrangido:

— Eu só estava... você sabe... matando tempo.

— Ele é incrível! — disse Dan, entusiasmado. — Nem todo o seu talento vem do lado Janus, Jonah. Você devia ouvir seu pai tocando. Ele é bom o bastante pra...

— Beleza, primo — Jonah interrompeu com voz firme. — Vamos dar no pé. O carro está esperando a gente lá fora.

O pai assentiu a cabeça, resignado.

— Vamos — ele disse.

Eram 0h25 quando a limusine prateada partiu da frente do hotel.

— Mande o motorista parar antes do museu de terracota. — Jonah advertiu ao pai. — Podemos andar uns quarteirões a pé. A última coisa de que a gente precisa é a polícia metendo o nariz no nosso passeio.

— Entendi — confirmou Broderick — boa sorte, meninos.

— Isso não tem nada a ver com sorte — respondeu Jonah com suprema confiança.

Eles rodaram por cerca de vinte minutos antes de o motorista avisar que estavam se aproximando.

Dan espremeu os olhos para enxergar pela janela:

— Não tem museu nenhum aqui perto. Peraí... será que é essa coisa?

A estrutura que se erguia da escuridão era baixa e absolutamente enorme: tinha pelo menos cinco quarteirões de largura e estendia-se para além do alcance da vista.

— Eles construíram um gigantesco hangar de aviões por cima de toda a área escavada. — explicou o pai de Jonah. — É o maior do mundo.

— Que louco — comentou Jonah. — Certo, daqui a pouco a gente vai a pé. Está pronto, primo?

— Vamos lá — respondeu Dan.

Eles saíram do carro, andando na penumbra. A limusine deu ré e estacionou atrás de alguns arbustos.

Eles avançaram devagar e em silêncio na direção do hangar. O museu estava mais longe do que parecia; o tamanho criava a ilusão de proximidade. Ambos estavam ofegantes quando subiram os degraus da frente e se esconderam atrás dos guichês da bilheteria.

Jonah enfiou a mão no bolso de sua jaqueta preta de couro e tirou um aparelho que parecia uma versão maior do celular de Broderick.

— Isso é pra ligar pro seu pai quando tivermos terminado?

— É um sensor térmico — explicou Jonah em voz baixa — um lugar desses deve estar lotado de guardas. Podemos acompanhar a posição deles nesta tela.

Dan olhou para o visor. A maior parte do complexo estava escura, mas havia pelo menos sete ou oito pontos térmicos dentro e fora do prédio. Vários deles pareciam estar agrupados.

Dan ficou alarmado:

— Eles estão vendo a gente?

Jonah observou enquanto pontos brilhantes, minúsculos, porém muito fortes, apareciam próximo do grupo.

— Acho que eles estão fazendo uma pausa para o chá — disse ele.

— Certo, mas onde? — insistiu Dan.

— Nos fundos. Vamos, primo. Talvez a gente não consiga uma chance melhor! — Jonah tirou do bolso duas bolotas de massinha, juntou-as e grudou-as na fechadura das portas de vidro. Ouviu-se um chiado efervescente e ele afastou as mãos depressa. Começou a sair fumaça enquanto a reação química derretia a fechadura.

— Achei que vocês só curtiam arte — comentou Dan.

Jonah deu de ombros.

— Aê, depende do que você chama de arte. O roubo pode ser uma arte. Nós surrupiamos isso aqui dos Ekat. — Ele abriu a porta com um empurrão e os dois entraram.

Dan ficou boquiaberto. Uma visão estonteante se descortinou diante deles. Era como uma vasta multidão de pessoas como um estádio, por exemplo. Mas não eram pessoas de verdade. Um exército inteiro de soldados, cavalos e carruagens, todos feitos de cerâmica esbranquiçada. Havia milhares deles, alinhados em fileiras próximas umas das outras e eternamente a postos.

Jonah puxou Dan para que ele se agachasse:

— Primo... nós não somos turistas!

— Essa é a coisa mais incrível que eu já vi na vida! — exclamou Dan, sem fôlego.

— Eu já vi coisa melhor — afirmou Jonah — feita pelo meu próprio clã.

— Tá bom, mas são tantos!

— Aê, saca só o plano: você confere o guerreiro da fileira 38, no espaço 53 do primeiro poço.

— Mas e você? — ele perguntou.

— Eu vou dar cobertura — prometeu Jonah — vou ficar bem atrás, monitorando os guardas. Vai logo!

Aquilo fez sentido para Dan. Ele passou por baixo do corrimão e pulou para dentro do enorme poço de escavação, onde os guerreiros, diferentes entre si, se erguiam sobre ele.

Ele fez um sinal para Jonah e começou a contar as fileiras, escondendo-se entre as figuras altas. O nível de detalhes era surpreendente. Os traços dos rostos,

os cortes de cabelo e a textura das roupas eram todos distintos. Ele passou por um arqueiro ajoelhado e ficou assombrado ao notar que havia um relevo na sola do sapato da figura. De perto, ele podia ver que os guerreiros haviam sido pintados, embora as cores tivessem desbotado ao longo dos séculos. O pai de Jonah lhes dissera que o exército de terracota tinha mais de dois mil anos de idade. Segundo a lenda, cada estátua tinha sido construída em volta de um soldado vivo. Era uma ideia muito legal, de um jeito ultrassinistro, enterrar milhares de guerreiros junto com o imperador para protegê-lo na vida após a morte. Enquanto ia costurando entre as figuras, Dan imaginou um esqueleto dentro de cada uma delas... Um verdadeiro exército de mortos.

Concentre-se! Se você perder a conta, vai ter que voltar para o começo! Trinta e um... Trinta e dois... Trinta e três...

Ele espiou por cima do ombro, mas não enxergou Jonah. Quanto mais podia durar o intervalo dos guardas? O sensor térmico do Jonah não ia adiantar muito se eles fossem flagrados.

Fileira 38. Ele virou à direita e começou a contar as estátuas. *Um... dois... três...*

Os olhos puxados continuavam inexpressivos e imóveis enquanto ele passava. E, no entanto, Dan não conseguiu evitar a sensação de que estava sendo observado.

Capítulo 17

Jonah estava deitado de barriga para baixo, como um olho no sensor térmico e o outro em Dan. O menino era corajoso, merecia os parabéns, embora fosse burro demais para perceber que estava sendo usado.

Não, ele se corrigiu. *Coitadinho do órfão. Foi só azar, pura e simplesmente*. Não era como se Dan e sua irmã tivesse tido alguma chance de serem protagonistas naquele jogo. Era verdade que Jonah trabalhara duro pelo sucesso. Porém ser filho de Cora Wizard, a líder dos Janus, não tinha atrapalhado. Ele havia nascido com todas as artes a um passo de distância.

Ache as 39 pistas e você não vai precisar dos contatos de ninguém. Vai ser um homem livre.

Melhor dizendo, um Super-Homem livre.

Durante a noite, a maioria das luzes do hangar ficava apagada. Qualquer outra pessoa que observasse as fileiras de soldados provavelmente não enxergaria o pequeno e mirrado Dan Cahill entre as grandes figuras de terracota.

Era bem bizarro construir um exército falso para proteger um morto. Entretanto, sendo um Janus, Jonah tinha que respeitar o velho chinês que havia criado aquilo. *Muito* maneiro. De seu posto privilegiado acima da escavação, as intermináveis fileiras de soldados quase pareciam a plateia de um de seus shows. Tirando, é claro, o fato de eles não estarem gritando enlouquecidamente.

Ele deu uma olhada no monitor. A pausa para o chá ainda estava rolando, mas não podia durar muito mais.

Vai logo, primo...

Ele espremeu os olhos para conferir o sensor. Aquilo era tecnologia de ponta, porém ainda havia alguns problemas a serem corrigidos. Dava para ver todo mundo, mas era difícil avaliar a perspectiva. Ele tinha quase certeza de que os guardas estavam nos fundos; no monitor, eles apareciam bem no centro e mais para cima. Dois outros seguranças nos caminhos laterais, também na direção dos fundos. O ponto menor, em movimento, era Dan. Mas...

Ele franziu a testa. Quem era aquele ponto brilhante lá do outro lado? Se aquele cara estava nos fundos, o ponto térmico dele não deveria aparecer perto do topo, junto com os dos que estavam bebendo chá?

Irritado, Jonah deu uma batidinha no sensor. Aquela geringonça imbecil dava a impressão de que tinha uma peça a mais, bem no meio do exército de terracota!

E o ponto Dan Cahill estava indo direto na direção dela...

* * *

Vinte e sete... Vinte e oito... Vinte e nove...

Dan foi abrindo caminho entre as fileiras de guerreiros, quase tropeçando no casco de um cavalo de terracota. Quando ele se endireitou, acabou raspando o queixo no cotovelo de um arqueiro na fileira à sua frente.

De acordo com o pai de Jonah, todos aqueles guerreiros originalmente tinham sido equipados com armas de verdade. *Eu podia ser decapitado!* Com certeza, teria sido ainda mais difícil avançar naquela formação fechada se os soldados estivessem portando espadas afiadíssimas e lanças pontiagudas.

Dan passou por cima de um morrinho que não havia sido escavado. *Quarenta e sete... Quarenta e oito... Agora só faltam mais alguns...* Ele espiou à frente, tentando descobrir qual era o número 53.

Ele viu o primeiro o mangual de guerra: uma bola pesada com espetos, presa por uma corrente a um cabo de madeira.

Talvez alguns deles ainda estejam armados...

Esse pensamento foi logo substituído por outro: *Se este for o número 53, talvez a arma seja a pista!*

Afoito, ele andou em direção à estátua. Bem no momento em que notou que aquela figura era mais baixa que as outras, o guerreiro número 53 *se moveu.*

O susto paralisou Dan por um instante. E quando ele conseguiu se mexer de novo, o mangual estava cortando o ar, em rota de colisão com sua cabeça. Com um gemido, Dan se agachou e os espetos mortíferos passaram zunindo rentes à sua orelha. O cotovelo de um guerreiro foi estraçalhado. A mão e o antebraço caíram no chão.

Sem ossos. Não tinha um cara vivo dentro da estátua, pensou Dan, quando devia estar se concentrando em sua própria sobrevivência.

O impostor empunhou a arma para desferir outro golpe. Em meio ao terror, Dan viu que a roupa de seu agressor o cobria da cabeça aos pés; era toda acolchoada e da mesma cor desbotada do exército de terracota. Ele usava uma máscara de borracha que escondia todo o seu rosto, projetada para imitar os rostos e as expressões das estátuas. Olhando de perto, não era muito parecida. Mas, imóvel entre os milhares de soldados, teria sido impossível distingui-la

— Quem é você? — Dan perguntou com um tom ríspido.

A resposta foi outro ataque do mangual, um golpe devastador que por poucos centímetros não atingiu Dan. Ele sentiu uma fisgada de dor quando a corrente raspou com força em seu braço.

Todos os pensamentos racionais sumiram na mente de Dan, exceto um:

Corra.

* * *

Uma armadilha! Os olhos de Jonah estavam cravados na telinha onde os pontos térmicos de Dan e seu agressor representavam a perseguição. Os seguranças ainda não tinham notado os dois, mas quanto tempo aquilo iria durar?

Tenho que sair daqui!

Ele ficou em pé num piscar de olhos e correu em disparada para a porta da frente, cuja fechadura tinha derretido. Depois dali, as catracas, a limusine, o hotel... Tudo ia ficar bem...

Jonah congelou onde estava. Dan. Como ele podia deixar o menino em perigo?

Esqueça o Dan! Você trouxe ele justamente para o caso de ser uma armadilha!

Dan era um menino de 11 anos. Só tinha descido naquele buraco porque Jonah o mandara ali.

Sinto muito, a vida é dura. Você é um astro! O filho de Cora Wizard! A única chance dos Janus na busca pelas pistas...

Ele abriu a porta com um empurrão. O ar fresco do lado de fora o chamava. Liberdade, segurança...

Aaaaah!

Jonah girou nos calcanhares e correu de volta, pulando para dentro do buraco. Saiu em disparada entre as fileiras de guerreiros, usando o sensor térmico como guia.

Sua mente estava a mil. *Se eu morrer na China, vai ser um banquete para a imprensa!* E a isso se misturava um pensamento mais urgente*: Guenta aí, primo! Tô chegando!*

Quando Jonah alcançou o agressor, quase trombou com ele. Nossa, o cara estava vestido que nem uma das estátuas! Jonah arregalou os olhos. O falso guerreiro estava girando um mangual de guerra, pronto para macetar a cabeça de Dan.

— Aê — ele gritou.

O impostor se virou e o mangual estilhaçou o rosto do espadachim de terracota ao seu lado.

Dan ficou em pé num pulo e se lançou nas costas do impostor. Enraivecido, o homem tentou atingi-lo com o cabo de madeira.

Jonah agarrou dois punhados de fantasia de espuma e puxou com toda a força que tinha. O material se rasgou, revelando uma calça de moletom e um agasalho. O homem bateu em Jonah com a mão livre, aplicando um golpe atordoante na bochecha dele. Zonzo, o astro caiu dentro de uma carruagem de terracota.

Com uma torção violenta, o impostor derrubou Dan e se virou para ele, ameaçador. Dan tentou se levantar de novo, porém bateu a testa no casco de

argila de um cavalo de guerra. O agressor ergueu o mangual bem acima da cabeça, pronto para trazê-la abaixo com uma forma esmagadora.

* * *

Dan viveu um momento de completo terror. Ele ia morrer. Estava encurralado demais para rolar para longe e não havia como deter o impulso do agressor.

Impulso. A voz do abade ecoou em sua mente. *O impulso do adversário é seu maior aliado*.

Quando o falso guerreiro veio para cima dele, de braço erguido para aplicar o golpe fatal, Dan levantou o pé e o cravou no abdômen do atacante. Em seguida suas mãos agarraram a espuma rasgada da fantasia, para assim conduzir o agressor para o alto e jogá-lo por cima do próprio corpo.

Dan ficou impressionado com o pouco de força que precisou exercer. Assim como o mestre de *wushu* havia prometido, o pequeno Dan conseguiu lançar seu atacante adulto a quatro metros de distância, derrubando guerreiros feitos pinos de boliche. O homem ficou caído entre os destroços, inconsciente.

Dan e Jonah foram para cima dele no mesmo instante. Jonah arrancou o cabo do mangual da luva de espuma.

— Essa deixou o Jackie Chan no chinelo, primo! — exclamou o astro do hip-hop, estupefato.

— Vamos sair daqui! — sussurrou Dan.

— Ainda não — disse Jonah com voz sombria. Ele arrancou a máscara do prisioneiro e estapeou o homem até ele acordar.

Com um rosto inexpressivo, o homem deu de ombros.

— Não falar — ele disse.

Dan enfiou a mão na pochete de seu agressor e tirou um maço gordo de notas de 100 euros.

— Onde você arranjou isso?

— A gente pode te ajudar a lembrar — ameaçou Jonah, brandindo a bola espinhuda do mangual.

— Crianças! — balbuciou o impostor. — Menino e menina!

— Eles têm nome? — insistiu Jonah.

— Sem nome! Falar como Harry Potter.

— Sotaque britânico! — exclamou Dan — os Kabras... Eles enganaram você, Jonah!

— Eles enganaram nós *dois* — corrigiu o astro — E agora estão à frente na corrida, enquanto nós estamos na cidade errada lutando por nossas vidas.

— A gente vai fazer aqueles dois pagarem por isso — Dan prometeu. — Mas primeiro temos que sair deste...

Sua frase foi interrompida pelo alarme mais alto que qualquer um deles jamais tinha ouvido. Ao primeiro som da buzina, o prisioneiro se levantou e fugiu, pulando pelas fileiras e arrancando a fantasia enquanto corria.

Jonah e Dan não precisaram de mais incentivo. Saíram em disparada, indo direto para a saída principal.

Um enxame de seguranças se espalhou pelos caminhos laterais. Fachos de lanternas ziguezagueavam nos poços de escavação. As luzes de emergência se acenderam. Não havia onde se esconder.

Jonah tropeçou numa das figuras e caiu. Dan o ajudou a se levantar. Os dois primos escalaram o poço até uma faixa de terra não escavada. Era um caminho estreito, por onde eles chegaram à entrada e saíram depressa pela porta destrancada.

Jonah pulou a catraca... e caiu bem nos braços de um policial. Um segundo policial agarrou Dan.

Eles tinham sido pegos.

Capítulo 18

A cela da delegacia era minúscula e fedida. Isso talvez se devesse ao fato de o vaso sanitário ficar bem no meio do recinto, exibido como se fosse uma sofisticada obra de arte. Dan torceu para não ficar ali tempo o bastante para precisar usá-lo.

Ele só estava achando aquilo chato, mas Jonah estava arrasado. Seus fãs não teriam reconhecido o ídolo do hip-hop, sentado no banco de madeira com seu rosto famoso afundando mais a cada hora que passava. Sua confiança efervescente tinha desaparecido. Na verdade, ele não abria a boca. Para Dan, que só conhecia Jonah como um figurão poderoso, a mudança era quase tão assustadora quanto a situação em que eles estavam agora.

Dan tentou animá-lo:

— Seu pai estava parado no carro no final do quarteirão. Deve ter visto o que aconteceu. Aposto que ele está agora mesmo digitando no celular, mexendo os pauzinhos para nos tirar da cadeia.

— Ahã, tanto faz — murmurou Jonah.

Dan ficou perplexo:

— Você não quer sair daqui?

— Não me importo — disse Jonah, dando de ombros.

— Bom, devia se importar! Você tem a melhor vida do mundo te esperando lá fora! Você é um astro do rap, um astro da TV...

— Você acha que isso quer dizer alguma coisa? — interrompeu Jonah. — Sério mesmo... Na nossa família, se não consegue dar conta das 39 pistas, você não vale nada!

— Certo — admitiu Dan. — O Ian e a Natalie puxaram nosso tapete. E daí?

Jonah estava amargo:

— E daí se sou péssimo na coisa para qual venho me preparando desde o dia em que nasci? Ahã, me põe num estúdio de gravação: disco de platina duplo. Me põe na TV: líder de audiência. Me põe na busca pelas pistas...

— Quem se importa com a busca das pistas? — perguntou Dan. — Depois de tudo o que você conquistou, você se sente um fracasso porque acha que não está vencendo a competição?

— Eu *sou* um fracasso! — afirmou Jonah, intempestivo. — Como Cahill *e* como pessoa! Você não entende? Eu te deixei na mão hoje!

— Não deixou! Você provavelmente salvou minha vida!

— Eu já estava saindo pela porta, primo — insistiu Jonah. — Ok, eu voltei. Mas eu ia embora.

— Isso *prova* que você não é do mal — raciocinou Dan. — Qualquer imbecil é capaz de fazer a coisa certa. Sabe o que é difícil? Fazer a coisa certa quando você foi programado para fazer a errada!

Quem melhor que um Madrigal para entender aquilo?

— Eu vacilei com um menino de 11 anos que eu tinha mandado para a morte!

Dan deu um passo para trás:

— Você queria que eu *morresse*?

O rosto famoso se contorceu.

— Era para você ser minha isca. Se os guardas avistassem a gente, eu ia jogar você pros tubarões e dar o fora. Nada pessoal — ele acrescentou, notando o olhar magoado de Dan. — Aê, são as pistas. Supostamente, elas tornam você o ser humano mais poderoso da história... Mas eu acho que elas tornam você *menos* humano!

Dan não disse nada, principalmente porque não havia nada que pudesse dizer. Ele nem estava tão bravo com Jonah. Sabia melhor que ninguém como a busca pelas pistas podia mexer com a cabeça de uma pessoa. Veja como aquela busca tinha voltado Amy contra os pais e separado dois irmãos que quase nunca haviam deixado a companhia um do outro durante 11 anos. Dan não podia conter um terror crescente de que aquela separação não seria temporária, de que havia uma chance muito real de jamais rever a irmã.

Ao mesmo tempo, ele salvara a própria vida num combate físico, usando golpes que um mestre Shaolin lhe ensinara. Aquilo não era incrível?

Ele ouviu um barulho de metal e o guarda apareceu, acompanhado pelo Broderick Wizard.

— Vocês estão bem?

Seu famoso filho nem ergueu os olhos, mas, para Dan, a visão daquele homem foi um alívio. Era o mais próximo que Dan jamais teria de um pai surgindo na hora H.

— Estamos bem — Dan disse a Broderick. — Obrigado por libertar a gente.

O pai de Jonah os conduziu depressa pelo prédio em direção à limusine que estava à espera. Seu passo apressado e os olhares ferinos de todos os agentes da polícia indicavam claramente que eles estavam saindo antes que os policiais mudassem de ideia.

— Nem pergunte o que a gravadora me disse a respeito disso — Broderick informou ao filho enquanto a limusine se afastava da delegacia. — Estamos devendo favores que vamos demorar mais de vinte anos para pagar.

Jonah se curvou no assento estofado de couro:

— Achei que a imagem de "gangsta" fosse boa pras vendas.

— Não na China — rosnou Broderick. — Eles levam esses guerreiros de terracota muito a sério. E você reduziu seis deles a pó.

— A culpa é dos Kabra — interferiu Dan na defensiva. — E do matador que eles contrataram.

— Bom, ele deve ter escapado — concluiu o pai de Jonah — porque toda essa bagunça ficou nas costas de vocês dois. E vocês não iam querer saber quanto custou para resolver isso. O pessoal de Veneza teve um chilique! Os Janus não precisavam encobrir um escândalo dessa proporção desde que o leão de Lufbery se soltou na Praça Piccadilly Circus!

A resposta de Jonah foi um ronco baixo. Ele não pregara o olho a noite inteira. Dan também não tinha dormido, mas não se lembrava de ter estado tão elétrico, nem mesmo na vez em que tomara um litro de energético. Ele observou o sol nascer por sobre os quilômetros de prédios residenciais de Sian, de ambos os lados das muralhas da velha cidade. A alvorada de um novo dia que ele quase não tinha vivido para ver. Aquilo era... *grande*.

Jonah acordou quando a limusine parou em frente ao hotel. Foi se arrastando feito um zumbi, e eles tomaram o elevador privativo até a cobertura.

— Tem uma surpresa te esperando no quarto — Broderick prometeu para o filho.

— E eu tenho uma surpresa para você. Tô fora. Pra mim chega de procurar pistas. Não quero fazer isso e não gosto da pessoa que estou virando. Diz pra mãe que ela vai ter que achar outro otário.

Naquele instante, a porta do elevador se abriu, levando-os diretamente para dentro da suíte, onde uma voz forte de mulher perguntou:

— Por que você mesmo não diz, Jonah?

Jonah arregalou os olhos:

— *Mãe?*

Cora Wizard, escultora e *performer* de renome internacional. A mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da história. Lendária líder do clã Janus.

A mulher postada diante deles parecia muito com uma... Dan olhou duas vezes... uma hippie?

Pois é! Seus cabelos a altura dos ombros estavam presos para trás por uma faixa. Ela vestia uma túnica simples e folgada. *Aquela* era a mãe de Jonah?

Porém, olhando mais de perto, sua aparência comum ocultava o porte de um marechal. Seus olhos negros se moviam como o laser de mira de um lançador de mísseis. De seu pescoço pendia um colar com um moderno pingente de cobre – uma das muitas obras de arte que a haviam tornado famosa. E à sua disposição se encontrava um exército das pessoas mais brilhantes e criativas do mundo: milhares de atores, músicos, diretores, escritores, pintores, comediantes, escultores, mágicos e espadachins de todo tipo.

— Você tem que achar outra pessoa para vencer a competição pros Janus — reclamou Jonah. — Não posso mais fazer isso.

— Também estou feliz em te ver, meu filho que está viajando há três meses — Cora respondeu com sarcasmo. Ela voltou seu olhar penetrante para Dan. — E não tenho palavras para descrever minha alegria por finalmente conhecer o neto de Grace.

— Você não está me escutando, mãe — disse Jonah.

— Meu cérebro é multitarefa, querido. — Ela o interrompeu com uma voz que era ao mesmo tempo maternal e dura como aço. — Em breve, você terá a ajuda de que precisa. — Para Dan, ela continuou falando: — Você e sua irmã são o orgulho da família. Todo mundo está comentando como vocês estão se dando bem na busca pelas pistas. E nós finalmente entendemos o motivo.

Dan esperou. Do que ela estava falando?

— Durante todas estas semanas, vocês ficaram se perguntando a qual clã dos Cahill pertenciam. Bom, o mistério acabou. Nosso departamento de genealogia provou de uma vez por todas que você e sua irmã são Janus. Bem-vindos ao nosso clã!

O marido dela aplaudiu e até Jonah abriu um sorriso.

— Que maneiro, primo. Eu sabia que você tinha o dom.

Dan concordou com um aceno fraco da cabeça. Janus? Mas aquilo era impossível! Ele sabia muito bem qual era o seu clã. Teria dado qualquer coisa para mudar aquela verdade terrível, porém apenas desejar uma coisa não a tornava realidade.

Por que Cora Wizard estava mentindo para ele? Não que a enganação o incomodasse. Ele espera aquilo de qualquer Cahill. Mas porque *aquela* mentira? Será que ela estava tentando recrutar os irmãos Cahill para dar um impulso para os Janus na conquista das 39 pistas? Aquela mulher tinha sob seu comando mestres de *wushu*, esgrimistas e atiradores de elite. Podia pegar o telefone e trazer Steven Spielberg, Justin Timberlake e metade de Hollywood num avião para a China. Para que ela precisava de Amy e Dan? Será que eles eram mesmo tão bons? Metade do tempo, eles sentiam que estavam atolados até o pescoço, brigando por mesquinharias porque a situação deles era terrível demais. Pais mortos, avó morta, fugitivos do Serviço Social americano; e agora uma única vantagem, a força como equipe, tinha sido tirada deles.

— Bom, e então? — instigou Cora. — Você não tem nada a dizer?

Ele ficou olhando fixamente para ela, hipnotizado como uma mosca condenada diante de uma aranha. Desviou o rosto daqueles olhos negros ardentes e se pôs a contemplar o pingente de cobre do colar de Cora.

Estranho... Aquilo de algum modo lhe parecia familiar. Mas não fazia sentido. Era a primeira vez que ele via a mãe de Jonah.

Quando a lembrança distante voltou, atingiu-o feito o golpe de um martelo, e ele chegou a cambalear com o impacto. Ele tinha só 4 anos, porém nunca se

esqueceria. A escultura de metal, um dos poucos objetos que haviam sobrevivido ao incêndio. A obra de arte grampeada, a que continha o aparelho de escuta.

O colar de Cora é uma réplica em miniatura daquela escultura!

A escultura tinha vindo de Cora, projetada pessoalmente por ela! Ela devia ter dito que era um presente. E o tempo todo se tratara de um truque para espionar os pais dele, parte de um ciclo crescente de espionagem e coerção que terminaria com o incêndio que havia devorado Hope e Arthur e deixado órfãos seus dois filhos.

Não, Cora não tinha armado aquele incêndio. Mas só porque Isabel Kabra havia chegado primeiro. Eles eram todos culpados, todos aqueles Cahill que deixaram sua ambição cega e sua sede de poder alimentar o trem desgovernado que era a busca pelas 39 pistas. Foi a cobiça implacável, tanto quanto o fósforo aceso, que matou os pais dele.

Quando Dan finalmente conseguiu fala, sua voz era a de um garoto muito mais alto e mais velho, como se ele tivesse envelhecido dez anos nos últimos dez segundos. Ele estivera cego antes, mas agora tudo parecia claro como o dia. O pai de Jonah *nunca* tentara encontrar Amy. Os dois vinham mantendo Dan prisioneiro, usando-o como marionete. E agora aparecia aquela mulher horrível que tinha participado do confronto que levara seus pais à morte. E ela tinha a *audácia* de lhe dar as boas-vindas em nome de sua venenosa família.

— Janus? — ele cuspiu num tom de desprezo. — Eu não sou Janus! Sei *exatamente* de que clã eu sou!

Intempestivo, Dan correu até o elevador aberto e se virou para dar uma última olhada. Estava tão emocionado que acabou dizendo antes que conseguisse evitar:

— Eu sou um Madrigal!

A última coisa que ele viu, antes de as portas se fecharem, foi a família real dos Janus paralisada e atônita, de queixo caído.

Capítulo 19

A multa por jogar um gato da Muralha da China foi de 400 yuans, cerca de 60 dólares. Amy e Nellie também pagaram uma gorjeta de 100 yuans para o soldado que desceu para trazer Saladin de volta e gastaram mais outros 43 e uns trocados para comprar pomada e gaze para os arranhões que o homem recebeu.

O hotel delas era na verdade a edícula de uma casa bem simples. Era chamado de Macaco Dourado. Não havia ali nenhum macaco, mas algumas baratas até que podiam passar por sanguis-leãozinho.

Amy mal notou o quarto pobre e abarrotado e os insetos. A única coisa que ocupava sua mente era Dan.

— Nós estragamos tudo, Nellie — ela exclamou, olhando para as pedras da Grande Muralha ao longe através do vidro coberto de cocô de mosca. — Nós apostamos e perdemos. Por algum motivo, Jonah cancelou a viagem à muralha. Ou a gente visitou um trecho diferente. E agora ele pode estar em qualquer lugar. Talvez eles nem estejam mais na China. Nada garante que nós estejamos no continente certo.

Nellie estava sentada na escrivaninha minúscula, debruçada dobre o laptop de Dan:

— Ei, vem cá olhar isso.

— Você achou o Jonah? – Amy perguntou afoita.

— Não. Mas andei pensando na sua ideia... de que Pu Yi estava trabalhando em alguma coisa dos Cahill quando foi chutado da Cidade Proibida. E que talvez a gente consiga adivinhar o que era olhando os grandes eventos que aconteceram por volta de 1924.

— Não me importo — resmungou Amy. — Só quero o Dan de volta.

Nellie ergueu o olhar depressa:

— Ei, moça, se controle. A busca pelas pistas ainda não acabou e agora é duplamente importante. Lembre que o Jonah ainda está na competição e por isso esse pode ser o melhor jeito de achar o Dan. Enfim, fiz uma lista de algumas das manchetes mais importantes do começo dos anos 1920. Veja se alguma delas quer dizer alguma coisa no mundo dos Cahill.

Envergonhada, Amy se levantou e andou até Nellie. É claro que a *au pair* tinha razão. Sem uma dica que apontasse diretamente para Dan, só o que elas podiam fazer era continuar era continuar buscando pelas 39 pistas na esperança de que Dan fizesse o mesmo.

Ela olhou para a tela:

Meteorito de 20 toneladas cai perto de Blackstone, Virgínia.
Egito conquista independência.
Presidente Harding morre durante mandato.

Começa a construção do estádio dos Yankees.
George Mallory e Andrew Irvine perdidos no monte Everest.
Grande terremoto Kanto devasta o Japão.
Primeira execução a gás nos Estados Unidos.
J. Edgar Hoover designado chefe do FBI.

Amy leu toda a lista de três páginas e se reclinou na cadeira com um suspiro.

— Não sei. Talvez Grace tenha mencionado algumas dessas coisas ao longo dos anos, mas não tenho certeza. A verdade é que só faz alguns meses que ela morreu e já tenho dificuldade de lembrar o som da voz dela.

Saladin se esfregou na perna de Amy e soltou um "*prrr*" de compaixão.

— Então, o que a gente deve fazer? — ela perguntou preocupada.

Nellie deu de ombros.

— Vamos voltar para a muralha — ela disse. — Já estamos aqui. Não custa nada tentar mais uma vez.

Amy concordou com a cabeça. Elas não tinham nenhuma outra informação, nem sobre Dan, nem sobre as pistas. Se voltassem de mãos vazias, estariam totalmente à deriva.

* * *

Os acordes pesados de punk rock soaram metálicos e distorcidos no telefone minúsculo.

— Oi, aqui é a Nellie. Devo estar provando comidas de que você nunca ouviu falar ou ouvindo músicas que fariam seu cérebro explodir. Então, o que você está esperando? Deixe um recado.

O bipe ficou cravado no fundo no coração de Dan. Ele se apoiou no vidro da cabine telefônica, com a esperança improvável de que o problema do celular tivesse sido resolvido; de que a mensagem fosse um engano e a voz familiar da *au pair* surgisse na linha.

— Oi. Sou eu... o Dan — ele gaguejou. — Desculpa eu não ter ligado antes. Achei que o pai do Jonah estava deixando recados por mim. É uma longa história. Estou em... Bom, acho que isso não importa, porque agora tenho que encontrar você duas. Hã... Vejo você depois... Tomara.

Ele desligou, mas imediatamente tirou o fone do gancho e acrescentou:

— Estou com saudade!

Mas era tarde demais. A linha já tinha caído.

Quando Dan saiu correndo do hotel, as ruas do centro de Sian estavam desertas. Agora elas estavam apinhadas de gente, igual a Boston na hora

do *rush*. Vendedores ambulantes entupiam as calçadas, as lojas exalavam cheiros bizarros de comida e galinhas depenadas pendiam em vitrines ao lado de celulares de última geração. Os barulhos eram altos e dissonantes. Bicicletas e motos brigavam com ônibus por espaço na rua.

Estar sozinho, sendo um menino estrangeiro no meio de todo aquele caos, deveria ser assustado para Dan. Em vez disso, só o que ele sentia era raiva, a maior parte voltada contra si mesmo.

O que foi que eu fiz?

Ele tinha confiado em Jonah, que sempre havia demonstrado não merecer confiança. E tinha fugido de Amy quando deveria ter ficado ao lado dela. Ali, parado na rua, aquilo parecia bastante óbvio: ela era tudo o que ele tinha no mundo e ele era o mesmo para ela.

Agora era tarde demais. Ele não tinha como encontrar Amy, não tinha como saber que dicas elas estavam seguindo, não tinha nem mesmo como se entregar para o Serviço Social – pior, para tia Beatrice. E o que talvez fosse o mais perigoso de tudo, dera com a língua nos dentes sobre o segredo mais íntimo e mais sombrio deles. Agora todo mundo ia saber que ele e Amy eram Madrigal. E a troco de quê? Do prazer de ver os Wizard chocados por dois ou três segundos?

Ele sorriu a contragosto. *Esses dois ou três segundos foram ótimos.*

Que burrice. Ele agora era um alvo. Amy também.

Eu devia ter avisado ela.

Mas como saber se Nellie estava conferindo as mensagens se o celular não funcionava na China?

A chuva foi repentina, uma enxurrada cobrindo as ruas de Sian. Os ambulantes lutavam para proteger a mercadoria e os pedestres corriam para se abrigar. Dan foi parar em frente a um lance de escadas que dava em um porão molambento, onde funcionava uma casa de jogos eletrônicos. Ok, talvez fosse justamente aquilo de que ele precisava. Explodir algumas espaçonaves o acalmaria. E um pequeno café da manhã não ia lhe fazer mal. O dinheiro chinês que ele tinha era pouco, mas daria para comprar alguma coisa.

Ao examinar a seleção de doces na vitrine ao lado da caixa registradora, seus olhos focaram um grande monitor de TV ligado em um canal internacional de notícias.

O que ele viu quase fez seu coração parar.

* * *

Desta vez, Saladin não reclamou de ser carregado pela Muralha da China. A segurança dos braços de Nellie parecia um lugar muito bom para o Mau Egípcio.

A multidão era tão densa quanto a do dia anterior. Aquilo deixou Amy nervosa, mas nem de longe tanto quanto o fato dela não estar vendo Jonah ou algum indício de que ele voltaria um dia. De algum modo, a agenda dele devia ter mudado. Ele tinha partido em outra direção, arrastando Dan consigo. Ou, o que era ainda mais assustador, tinha largado Dan para trás, deixando-o por conta própria naquele país desconhecido. Não pela primeira vez, ela pensou na embaixada dos Estados Unidos em Pequim. Sim, aquilo significaria uma viagem só de ida para a sede do Serviço Social de Massachusetts. Porém, se ela não podia vasculhar a nação mais populosa do mundo em busca de um único menino perdido de 11 anos, precisava apelas para alguém que pudesse.

A questão era quando. Quando seria hora de entregar aquilo para os profissionais, pessoas com poder de fazer uma busca por alguém desaparecido? Quatro dias inteiros haviam se passado desde a última vez em que ela vira Dan.

Ela e Nellie andaram por quilômetros sem parar, sempre procurando. A multidão foi rareando conforme elas se afastavam da principal área turística do trecho Badaling.

Os pés de Amy pareciam blocos de granito e seu ânimo estava ainda mais pesado. Desistir era impensável, mas a muralha continuava por milhares de quilômetros. Um casal de ingleses que passava por ali pediu que ela tirasse a foto deles.

— Claro. — Ela olhou pelo visor da câmera que parecia cara, e começou a ajustar a comprida lente do zoom. Quando Amy enquadrou o casal que posava, a torre atrás deles entrou em foco. Ela franziu a testa ao ver o ideograma chinês pintado na porta de madeira.



Por que isso é tão familiar? Eu não sei ler chinês.

Depois de ter tirado duas fotos e devolver a câmera, Amy se deu conta.

— Nellie, aquele não é o símbolo que Alistair estava desenhando na toalha de papel ontem?

Nellie espremeu os olhos para ver:

— Acho que você tem razão. Mas por que uma pessoa ia escrever *charme* numa porta velha no meio da Muralha da China?

A turista se intrometeu:

— Charme? Essa não é a melhor tradução. Uma palavra melhor seria... graça. Grace, em inglês.

* * *

À primeira vista, aquela torre não parecia diferente das dezenas de outras que elas tinham atravessado, o exterior de pedra do que outrora havia sido um posto de vigia na fronteira com a Mongólia. As janelas eram pequenas aberturas, projetadas mais para o uso pelos arqueiros do que para receber luz. Uma antiga escadaria descia até a base da construção, que provavelmente já tinha servido como alojamento e arsenal.

Nellie apontou:

— Olhe.

Ela indicou outro lance de escada que levava até o topo da torre. Aquilo era estranho. Elas começaram a subir. No patamar, deram com outra porta com o mesmo ideograma. Estava trancada.

— Segure o gato.

Nellie jogou Saladin nos braços de Amy. Do bolso do jeans, ela tirou dois grampos de cabelo e começou a enfiá-los na fechadura antiga. Amy estava justamente pensando em como a *au pair* parecia estranhamente hábil em arrombar fechaduras (e Nellie não usava grampos de cabelo) quando ouviu um clique e a porta se abriu.

Elas estavam num cômodo quadrado, sem janelas exceto por uma claraboia redonda logo acima de suas cabeças. Havia seis mesas de madeira de alturas variadas e um amontoado de relógios, vasos de cristal, pequenos espelhos emoldurados, estatuetas em caixas de vidro e taças altas de champanhe.

— Oh, meu Deus — resmungou Nellie. — Nós invadimos um antiquário.

Amy franziu a testa:

— Não pode ser uma coincidência. A Grace deixou um sinal na porta, e tem esse monte de coisas aqui em cima. Mas o que isso quer dizer?

— É só um monte quinquilharias... O tipo de tranqueira que se acha no sótão de uma velha senhora. Tipo, a gente imagina que no país onde Feng Shui foi inventado...

— É isso! — Amy quase gritou. — Grace curtia muito Feng Shui! Sempre falava de como era importante arrumar as coisas para permitir o fluxo de energia positiva.

— A casa dela sempre foi muito bonita — admitiu Nellie. — Isso até seus parentes lelés tocarem fogo nela.

— É muito mais que isso! — insistiu Amy com entusiasmo crescente. — Grace passou horas me ensinando sobre Feng Shui. Acho que ela sabia que a busca pelas pistas talvez me trouxesse a esta sala um dia.

Nellie estava embasbacada:

— Você está dizendo que sua vó montou um quebra-cabeça de Feng Shui para você a *16 mil quilômetros de casa?*

Amy fez que não com a cabeça:

— Não. Eu acho que a Grace encontrou o quebra-cabeça em suas viagens pela China e marcou o lugar pintando o nome dela nas portas.

— Mas, se não foi ela que armou isso, então quem foi?

Amy vasculhou com os olhos as paredes indistintas, à procura de algum tipo de dica de quem poderia ter criado aquela charada bizarra. Quando viu as letras fracas riscadas na pedra, mais ou menos na altura dos olhos, ela riu em voz alta. Um nome estava escrito em maiúsculas: HENRY.

Nellie ficou desnorteada:

— Quem é Henry?

— Nós acabamos de ler sobre ele, lembra? – explicou Amy, sem fôlego. — Henry é o nome inglês que Pu Yi adotou! Isto é obra do último imperador em pessoa! E as coisas parecem modernas, portanto ele deve ter feito tudo isso perto do fim da vida, depois que saiu da prisão!

A *au pair* revirou os olhos:

— Isso não é bem a cara de um Cahill? Por que dizer uma coisa quando você pode transformá-la num quebra-cabeça de Feng Shui na Muralha da China?

Amy entregou Saladin de volta para ela e arregaçou as mangas.

— Peraí — disse Nellie. — Você não vai tentar rearranjar toda essa bagunça.

— Ah, vou sim. Não foi à toa que a Grace fez de mim uma especialista no assunto. Só tem um problema. Ela tinha uma bússola especial para isso... uma Luo Pan. Eu não tenho nada parecido.

— E que tal isso? — Nellie apontou para baixo.

Pintado no chão havia um desenho de círculos concêntricos, com centenas de caracteres chineses.

— É isso! — exclamou Amy, de olhos iluminados. — A Luo Pan da Grace tinha partes móveis, para poder ser transportada de casa em casa. Esta aqui é fixa, permanentemente alinhada ao norte magnético.

— Acho que ninguém vai mudar a Muralha da China de lugar depois de mil anos — admitiu Nellie.

Amy arrumou as mesas primeiro, consultando a Luo Pan o tempo todo para dispor os cantos em harmonia com o prato da Terra e o prato do Céu. Depois veio o meticuloso arranjo de peças menores de acordo com os princípios do Feng Shui sobre o fluxo de energia.

Ela sabia que aquilo não era um quebra-cabeça comum. Não havia uma única solução. Muitos arranjos diferentes seriam corretos e aceitáveis. Mas será que todos eles gerariam o resultado pretendido por Pu Yi?

Amy agora estava arranjando as estatuetas, dispondo-as de modo que seus rostos ficassem revoltados de acordo com as 24 direções da Luo Pan.

Por fim, ela deu um passo para trás e examinou sua obra.

— E agora? — perguntou Nellie.

Amy não tinha resposta. Será que ela tinha errado no Feng Shui? Ou a ideia inteira era equivocada desde o começo?

Nellie lançou-lhe um sorriso compadecido:

— Bom, talvez você não vença a busca pelas pistas. Mas, se algum dia eu precisar de uma decoradora, te contrato.

Amy ficou desorientada. Como podia ter se enganado a respeito daquilo? Ela estava tão segura de que fizera tudo certo.

Ela examinou com cuidado a disposição dos objetos e se debruçou pra endireitar um espelho que talvez estivesse inclinado um pouquinho para fora da linha da Cruz Vermelha. Então deu um passo para trás e observou o fenômeno acontecer.

Um raio de sol veio direto da claraboia, atingiu o espelho e ricocheteou nos objetos dispostos. Num instante, a penumbra da sala estava entrecortada de dois raios brilhantes.

— Uau! – exclamou Nellie.

Os olhos de Amy se arregalaram. O resultado daquela harmonia de reflexos foi uma imagem projetada na parede cinza que ficava ao norte magnético da Luo Pan. Lembrava um V invertido, com um lado muito mais íngreme que o outro.



— O que é isso? – perguntou Nellie.

Para Amy, a silhueta era inconfundível.

— Eu sei onde está a próxima pista! – ela exclamou.

De debaixo da camiseta, Amy tirou a seda dobrada com a mensagem trazida da Cidade Proibida. Ali, nas entranhas da Grande Muralha, ela havia decifrado o poema que Pu Yi tinha escrito quando era muito mais jovem.

— Está onde a Terra encontra o céu.

Capítulo 20

A tela da TV na casa de jogos eletrônicos mostrava uma paisagem em declive totalmente branca. Os ventos que anunciavam uma nevasca uivavam tão alto no microfone do encapotado repórter que ele precisava berrar para ser compreendido.

— *A temporada de montanhismo deste outono aqui no monte Everest está quase no fim, e parece que o inverno está a caminho. No contínuo embate entre o homem e a montanha, quem venceu este* round *foi a montanha. Nem um único alpinista atingiu o pico e todas as equipes estão voltando para casa com o sabor de derrota. Mas alguns montanhistas ainda insistem, e têm de ficar agachados para se abrigar da tempestade...*

Enquanto o homem falava, atrás dele uma enorme silhueta musculosa passou pisando forte, debruçado contra o vento, carregando um equipamento completo: picareta e mochila, além de botas de escalada. Apesar do fardo incômodo e das condições terríveis, o alpinista avançava com facilidade. Pouco antes de cobrir os olhos com os óculos, seu rosto inteiro ficou visível na tela.

Dan soltou um chiado igual ao da pior crise de asma da sua vida.

Hamilton Holt.

Os Holt eram a família que estava na dianteira rumo à próxima pista. Aqueles brutamontes do clã dos Tomas estavam escalando o monte Everest!

A frustração quase fez Dan desabar. Agora ele sabia onde estava aproxima pista. E daí? Ele não tinha como entrar em contato com a Amy!

Uma sensação começou na base da espinha e se alastrou até tomar seu corpo inteiro. Era a mesma sensação que ele tinha tido depois do funeral da Grace, quando William McIntyre havia lhes contado tudo sobre as 39 pistas: o objetivo urgente, as possibilidades infinitas. Uma chance de se tornarem as pessoas mais poderosas do planeta, de moldar a história da humanidade! Uma oportunidade tão incrível que um par de órfãos em Boston tinha recusado 2 milhões de dólares em troca de um lugar na caçada.

Naquele momento, fora principalmente Amy quem decidiu mandar tudo pelos ares e participar da competição. Fazia apenas algumas semanas, mas Dan já tinha passado por muita coisa desde então. Tinha viajado pelo mundo e vivido emoções com as quais a maioria das pessoas só podia sonhar. Quase tinha morrido pelo menos dez vezes. Isso *mudava* uma pessoa. A vida parecia diferente depois de você ter deparado com a morte.

Ele não era o mesmo Dan Cahill, aquele que queria pegar dinheiro e comprar*cards* de beisebol. Agora compartilhava totalmente do destino que Grace tinha armado para eles. Como podia ter sido bobo o bastante de abandonar tudo? Ele nunca poderia largar a busca pelas pistas. Tinha *nascido* dentro dela! Amy também. Embora não houvesse como saber quantos quilômetros havia entre eles

agora, Dan acreditava que, se ambos estivessem seguindo o rastro das 39 pistas, eles não estariam separados de verdade.

A oportunidade de dominar o mundo não podia ser oferecida a pessoas como Cora Wizard ou Isabel Kabra.

Preciso chegar ao monte Everest!

A casa de jogos eletrônicos tinha um balcão de computadores. Dan se instalou diante de uma máquina desocupada e acessou a internet. O gerente correu até lá e começou a gritar com ele em mandarim. Dan jogou uma bola de notas chinesas amarrotadas no balcão, na esperança de que aquilo bastasse para pagar algum tempo no computador.

Monte Everest... Monte Everest... Ali estava, na fronteira entre o Nepal e o Tibete. E... certo, o Tibete ficava no canto sudoeste da China. Não era exatamente perto, mas pelo menos ele estava na mesma parte do mundo.

Ele continuou pesquisando na internet. Era bom estar on-line outra vez. Amy ficava à vontade cercada por uma pilha de livros empoeirados, mas Dan se sentia bem principalmente quando navegava na web.

Uma tabela de horários de trens apareceu na tela. Lá estava: um trem de Pequim até Lhasa, no Tibete. Uma das paradas, mais ou menos na metade do caminho, era Sian. Ele fez uma careta ao ver os horários de partida e chegada. Trinta horas de viagem?!

Eu vou enlouquecer!

Viajar de avião seria muito mais rápido, refletiu. Mas ele estava sem passaporte e tinha muito pouco dinheiro.

E não dá para viajar clandestinamente num avião.

* * *

— Estou em... Bom, acho que isso não importa, porque agora tenho que achar vocês duas. Hã... Vejo vocês depois... *Tomara*.

Nellie saiu do telefone público no aeroporto de Pequim, soltando um suspiro de puro alívio. A mensagem tinha sido deixada dez horas atrás, mas Dan estava vivo! Um pouco abalado, mas bem. Ela não podia esperar para contar aquilo a Amy.

A maratona que os trouxera àquele lugar tinha sido estonteante. Uma corrida de dez quilômetros pela Muralha da China até o ponto de ônibus; uma viagem de uma hora que na verdade durou três, graças ao trânsito de Pequim; e depois um táxi até o aeroporto. Tudo isso carregando um gato bastante enfezado.

Amy saiu do banheiro feminino e começou a abrir caminho no corredor lotado.

— Comprou as passagens?

Nellie confirmou com a cabeça, desanimada:

— Prepare-se para uma notícia, querida. Só podemos chegar lá amanhã.

— Hã? Por quê?

— É preciso uma autorização especial para viajar ao Tibete — explicou a *au pair*— eles vão deixar a gente ir até Chengdou hoje à noite. Podemos retirar as autorizações amanhã de manhã e pegar o próximo avião para Lhasa. Mas tem uma notícia melhor: recebemos uma mensagem do Dan.

O grito de Amy ecoou no teto arqueado do aeroporto. Cabeças se votaram na direção delas. Um segurança virou o pescoço para investigar a fonte do distúrbio.

Nellie pôs a mão no braço de Amy e a conduziu até o telefone público para que ela pudesse ouvir a gravação pessoalmente. Ela escutou a mensagem quatro vezes antes de finalmente desligar, tremendo de emoção.

— Ele parece assustado.

— Ei — a voz de Nellie era doce, porém firme — isso é uma boa notícia, lembra? É claro que ele está assustado. Parece que ele não está mais com os Wizard. Isso também não é tão ruim. Você confiou naquelas criaturas de circo?

— Mas ele está sozinho — lamentou Amy. — Por que ele não disse onde a gente podia ir buscá-lo?

— Ele não tinha como ter certeza de que a gente iria ouvir a mensagem. Talvez não quisesse ficar esperando pessoas que não iriam aparecer. Temos que confiar no que ele disse, que está tentando achar a gente. — Ela balançou a cabeça, desconsolada.— Só Deus sabe como ele vai fazer isso.

— Seguindo a busca pelas pistas — Amy afirmou.

O processo de se forçar a pensar logicamente a ajudava a controlar as emoções e pôr a mente em foco.

— Ahã, mas estamos falando de ir ao Monte Everest!

Amy concordou com a cabeça, soturna:

— A silhueta da montanha na sala do Feng Shul. Aquele é o Everest: uma das encostas é íngreme, a outra não é tão abrupta! Lembra da lista de manchetes do começo da década de 1920? George Mallory morreu no alto da face norte do Everest em 1924! Muitas pessoas acreditam que ele na verdade chegou ao topo... e que morreu na descida, não na subida.

— Eu já li sobre ele — disse Nellie. — Ele foi o cara que disse que estava escalando o Everest “porque está lá”.

Amy confirmou com a cabeça:

— Acho que ele estava escalando por outro motivo, também. E se ele fosse um Cahill, assim como Pu Yi? Em 1924, Pu Yi fez alguma grande descoberta em relação às pistas. Mas ele sabia que seus dias na Cidade Proibida estavam contados. Por isso deu um jeito de fazer com que outro Cahill escondesse a pista

para ele “onde a Terra encontra o céu”. Em outras palavras, no topo da montanha mais alta do mundo. Isso é tão impossível?

— É *totalmente* impossível! É a história da carochinha mais furada e mais insana que eu já ouvi na vida! — exclamou Nellie. Então uma expressão estranha se espalhou no seu rosto. — Na verdade, é uma história doida o bastante para ser o tipo de coisa que realmente acontece na sua família. Um esconderijo normal não é bom o suficiente para os seus parentes doidos, aí vocês têm que usar o monte Everest!

— Pode ter havido outros motivos — sugeriu Amy — o Everest é muito frio, o ar é rarefeito e a pressão atmosférica é baixa. Pu Yi talvez tenha precisado de um armazenamento a longo prazo.

— Bom, ouça uma coisa que você talvez não tenha pensado — comentou Nellie.— Chegar ao monte Everest é uma coisa. Chegar ao topo é outra. Não dá pra simplesmente chegar e começar a escalar. Mesmo se a montanha não impedir você, a altitude vai. As pessoas passam semanas se aclimatando. Se você subir rápido demais, é morte certa!

Amy deu um sorriso hesitante:

— Acho que tenho uma ideia quanto a isso.

* * *

Na busca pelas 39 pistas, Dan Cahill tinha sido maltratado, quase afogado, lançado pelos ares, enterrado vivo e envenenado. Mas agora ele estava enfrentado o maior perigo de todos.

Ele estava prestes a morrer de tédio.

Uma jornada de 1.500 quilômetros no trem mais lerdo da Ásia, arrastando-se pelo continente como uma lesma.

Tudo começara bem na estação de Sian. Enquanto os passageiros embarcavam nos vagões da frente, Dan tinha conseguido entrar clandestinamente num vagão de carga e se esconder atrás de umas sacas de arroz. Lá ele se encolheu, mal ousando respirar enquanto um funcionário trazia mais carga.

Não seja pego. Se eles o jogassem pra fora do trem, não haveria outro até o dia seguinte. Ele não tinha tempo a perder. A viagem já era longa o bastante.

No entanto, em pouco tempo o trem estava em movimento e ele se deu conta da realidade. Trinta horas preso naquele vagão na companhia de um monte de arroz, um cachorro dormindo numa gaiolinha e... o que era aquilo ali? Caramba, uma caixão! Seu companheiro de viagem era um morto.

Conforme o tempo foi passando, o esquife ficou menos sinistro e mais intrigante. Na quarta hora da jornada, Dan tinha se convencido de que devia ao amigo defunto a homenagem de espiar lá dentro.

Estava vazio. Primeiro ele ficou aliviado, depois decepcionado, depois entediado outra vez. Ele conferiu o relógio de pulso. Ainda faltavam 25 horas e meia de viagem.

A pior parte – ainda pior que o tédio aconchegante – era o fato de que, enquanto ele pirava no Expresso Tartaruga, os Holt escalavam o monte Everest em busca da pista.

Continuando seu caminho, o trem foi subindo gradualmente o planalto tibetano. Dan não conseguiu sentir a subida de verdade, mas percebeu por outros indícios: uma dor de cabeça lancinante, fadiga e muita sede. O site da empresa ferroviária tinha advertido sobre aquilo. Lhasa, no Tibete, era o fim da linha e ficava a quase 3.500 metros de altitude. Aquilo ia exigir certo esforço de adaptação para um nativo de Boston que passara a maior parte da vida no nível do mar.

Ele também estava morrendo de fome, a ponto de enfiar a mão na gaiolinha do cachorro dorminhoco e roubar um biscoito. Era nojento, um cookie sabor carne, carregado de sal, que aumentou ainda mais a sua sede.

A lenta viagem se tornou ainda mais lerda e o trem parou com gemido em mais uma estação. Um segundo depois, ele ouviu vozes e o barulho de alguém mexendo na fechadura da porta.

Ele não teve tempo nem escolha. Em pânico, rastejou para dentro do caixão, fechando a tampa sobre si mesmo. Foi bem na hora. A porta do vagão se abriu com um rangido, e passos e vozes encheram o compartimento. Ele ficou ali deitado, numa aflição terrível, rezando para não ter crise de asma.

Na verdade passaram-se apenas uns poucos minutos, mas pareceu muito mais. Por fim, a porta pesada do vagão se fechou e o trem começou a avançar outra vez. Ele empurrou a tampa do caixão.

A tampa não se mexeu.

Eles me trancaram aqui dentro!

Capítulo 21

Dan foi tomado por um pânico cego. Ficou de joelhos e começou a empurrar a tampa com a força de todo seu corpo.

De repente ele ouviu um baque surdo e a resistência cedeu. Dan se projetou para fora do caixão como um míssil. Caiu com tudo em cima da saca de arroz que antes estava apoiada na tampa do caixão.

Ele tentou dar risada. Não tinha graça.

Dan olhou ao redor. O cachorro tinha sumido. Não havia mais cookies de carne. No lugar da gaiolinha estavam três tubos altos de aço inox. Havia alguma coisa líquida fazendo barulho dentro deles. Se não fosse ácido sulfúrico, ele ia beber.

Ele arrancou o lacre. Leite. Provavelmente de cabra, talvez até de iaque. Com certeza não pasteurizado. Que nojento.

Ele nunca tinha sentido um gosto tão bom quanto aquele.

* * *

A uma altitude de quase oito mil metros, o Colo Sul do Everest já era mais alto que quase todas as montanhas do mundo. Aquela plataforma árida, coberta de rochas e varrida por tempestades, se formava no lugar onde o Everest encontrava o pico vizinho, o Lhotse, criando o vale mais alto, mais frio e mais inóspito da face da terra.

Era uma noite típica no Colo: 60 graus abaixo de zero, com ventos contínuos que seriam considerados furacões de categoria 2 em qualquer outro lugar.

— Não é lindo, Ham? — gritou Eisenhower Holt por cima dos uivos da ventania. — Um vento desses jogaria um Ekat ou um Lucian de cima dessa montanha! Até que enfim a busca pelas pistas exige algo em que os Holt são bons!

Já era quase hora de eles começarem a jornada rumo ao topo. No Everest, uma equipe partia no meio da noite para chegar ao cume em torno do meio-dia, com tempo bastante para descer de volta ainda sob a luz do dia.

Os Holt estavam ansiosos para fazer aquilo, com a alegria de verdadeiros atletas prevendo um desafio físico monumental. Durante a maior parte da competição, eles tinham sido despistados e ludibriados pela concorrência. E desta vez estavam na frente: fazia muito tempo que os Tomas sabiam que George Mallory tinha feito uma parceria com o imperador Pu Yi quando o lendário alpinista desapareceu no Everest em 1924. O que ninguém daqueles clãs de espertinhos jamais descobriria era que Reginald Fleming Johnston, o tutor de Pu Yi, fora não apenas um cientista Janus, mas também um astuto espião dos

Tomas. Astuto demais: Johnston nunca havia revelado a ninguém, nem mesmo a seus contatos entre os Tomas, o que Mallory carregara para o topo. Tinha sido necessário algum convencimento, no estilo Holt, para o neto de Johnston finalmente dar com a língua nos dentes e contar o que havia lá em cima. Aquele prêmio seria mais que suficiente para catapultar os Holt para o primeiro lugar na busca pelas pistas.

— Tô pronto! — rosnou Hamilton, e pai e filho bateram seus capacetes de escalada. — Reagan! — ele berrou. Depois acendeu a lanterna e iluminou dentro da barraca.

Sua irmã Reagan, quase tão grande e musculosa quanto ele, saiu rastejando e fechando o zíper da jaqueta.

— Vamos detonar! — ela exclamou e engasgou por um instante. — Só queria que a coitada da Madison pudesse estar com a gente hoje.

— Não, não queria! — trovejou Eisenhower. — Você está achando ótimo que sua irmã ficou enjoada com a altitude. Assim você vai poder esfregar isso na cara dela pra sempre!

— Ela não está morta — Reagan se defendeu. — Uns dois dias num saco hiperbárico e ela vai estar novinha em folha.

— Poupe seu fôlego — advertiu Eisenhower — você vai precisar. Chamam lá em cima de Zona da Morte. A mais de 7.500 metros, você está morrendo lentamente... uma célula atrás da outra!

Aquela informação fez o filho e a filha comemorarem. Os Holt adoravam viver no limite. E não havia lugar mais limítrofe que o Colo Sul do Everest, onde um passo em falso significava uma queda de mais de um quilômetro.

— Oxigênio!

Os três cobriram os narizes e bocas com máscaras e começaram a subir em direção à pirâmide do cume do Everest, com os pinos de suas botas raspando nas pedras áridas.

A imensidão os aguardava lá em cima. O vento gelado era inimaginável, a altitude exigia um esforço ofegante e doloroso para cada passo. Mas Eisenhower Holt parecia estar apenas dançando num jardim de margaridas. Esquecera a humilhação de ter sido expulso da academia militar de West Point. Esquecera o mito de que os Holt careciam de inteligência para se equiparar a seus ilustres familiares. Naquela noite, eles estavam rumando para o céu. E ninguém, Cahill ou não Cahill, podia se colocar entre eles e o topo do mundo.

Eles ainda nem tinham chegado à encosta da pirâmide do cume quando outra equipe os ultrapassou, cruzando depressa o Colo. Quatro dos membros eram xerpas, os vigorosos guias de escalada do Himalaia que moravam no vale Khumbu, a região ao redor do Everest, do lado que pertencia ao Nepal. Eles acompanhavam uma figura que vestia algo parecido com um traje espacial.

Acompanhavam? Estavam praticamente carregando a pessoa! Quando a subida começou, eles na verdade a içaram, segurando-a por debaixo dos braços. Sua vestimenta *high-tech* bombeava oxigênio e mantinha a pressão atmosférica do nível do mar. Sem ela, qualquer pessoa não aclimatada ao ar rarefeito do Everest teria desmaiado em minutos.

O alpinista de traje espacial se virou e acenou para os Holt estupefatos. Seu rosto estava claramente visível através do acrílico do capacete.

Ian Kabra.

* * *

O aeroporto de Lhasa tinha apenas uma fração do tamanho do de Pequim e com certeza não era de última geração. Era até muito menor que o de Chengdou, onde Amy e Nellie tinham passado uma noite infeliz tentando dormir nos bancos, à espera da autorização de viagem para o Tibete.

Não havia aqueles túneis ligando a porta do avião à porta das salas de embarque e desembarque. Os passageiros saíam das aeronaves por escadas portáteis direto na pista de aterrissagem. Quando elas chegaram ao prédio do terminal, Nellie estava sem fôlego, bufando com o esforço de carregar sua mochila e a gaiolinha de Saladin.

— Cara, quando essa competição acabar, preciso voltar pra academia. Estou totalmente fora de forma!

— Não é isso — disse Amy, também com falta de ar. — É a altitude. Lhasa fica a quase 3.500 metros de altitude. E Tingri fica ainda mais acima que isso. Não é mortal que nem o Everest, mas vamos sentir os efeitos.

Nellie parecia preocupada:

— Será que a gente ainda não pode... tipo... passar mal de verdade?

— Tomara que a gente não fique aqui por tempo o bastante para isso acontecer. O guia turístico diz que beber muita água ajuda. A desidratação é grande parte do problema.

— Vou fazer o possível — Nellie falou, azeda — mas boa sorte na hora de explicar isso pro Saladin. Ele já é tão pentelho. Isso provavelmente vai fazer ele pirar.

A única parada delas, antes de se arrastarem até a fila do táxi para perguntar sobre um passeio um tanto fora do comum, foi num telefone público. Nenhuma mensagem nova de Dan.

Amy tinha receado que fosse difícil encontrar transporte até a vila de Tingri, a cerca de três horas de distância. Mas o aeroporto estava apinhado de táxis em busca de passageiros. Quando Nellie ofereceu 300 dólares pela corrida,

aquilo deflagrou uma guerra de preços entre os taxistas, o que reduziu a tarifa a 225.

Em pouco tempo, elas estavam partindo com o que tinha oferecido o menor preço, um rapaz que não parava de sorrir e falava um pouco de inglês. De acordo com o documento de identidade no painel, seu nome possuía 31 letras, mas ele se apresentou como Chip.

— Tingri. Sem problema. Perto do Chomolungma. Vocês chamam de Everest. Vão escalar?

— Espero que não! — Nellie resmungou profundamente. Ela se virou para Amy. — Você tem um plano, certo? Não vamos até o Everest só pra ficar olhando pro topo onde está à pista, né?

— Vai ser meio complicado — admitiu Amy.

— Não era isso que eu queria ouvir — retrucou a *aupair*.

— Um dos motivos de o Everest ser tão perigoso é porque a maior parte da montanha é alta demais para ser alcançada por helicópteros de resgate. O ar é tão rarefeito que as hélices não conseguem sustentação. Mas, em 2005, os franceses desenvolveram um helicóptero ultraleve, o Esquilo, que pousou por alguns minutos no topo. Esse helicóptero está parado num aeródromo perto de Tingri.

Nellie a encarou com um misto de admiração e surpresa:

— Você é doida... até para um Cahill! Quem vai pilotar esse treco?

— Você tem licença de piloto. Eu estava pensando que, juntando forças, nós duas podíamos dar um jeito.

— Eu piloto aviões! — explodiu Nellie. — Não vou pilotar um helicóptero experimental supertecnológico até o topo do monte Everest!

— Eu sei que parece maluquice — implorou Amy — mas acho que isso estava predestinado a acontecer. Em 2005, quando os franceses pousaram o helicóptero no topo, a Grace fez um estardalhaço a respeito disso. Levou o Dan e eu para passear no fim de semana e passamos o tempo todo falando sobre o Esquilo, lendo sobre o Esquilo e vendo os vídeos na internet. Ela sabia que talvez a gente tivesse que fazer isso um dia. A Grace nunca se enganava em relação às 39 pistas.

— A não ser uma vez — emendou Nellie num tom sombrio. — Quando ela achou que ia viver o bastante para que os coitados dos netos não tivessem que passar por isso sozinhos.

Capítulo 22

A carroça puxada por um iaque rangia ao descer a rua de terra na periferia da vila de Tingri, no distrito de Xigaze. Nela havia gravetos para acender fogo, estrume seco de iaque para ser usado como combustível e Dan Cahill.

Ele saiu da carroça e entregou suas últimas moedas para o motorista. Dan estava resfolegando no ar rarefeito, suas pernas estavam tão duras que mal conseguiam sustentá-lo e ele estava sem um centavo no bolso, no meio do nada.

Mas ele tinha chegado! Depois de trinta horas num trem, quatro horas num ônibus fedido e vinte minutos na companhia de gravetos e cocô de iaque, ele realmente estava no heliporto do qual sua avó tinha lhe falado.

O hangar não era nada além de um celeiro velho. Apenas a bandeira francesa que servia como biruta indicava que aquele lugar remoto era o lar de um Esquilo AS 350, o helicóptero que havia pousado no topo do mundo.

O Everest. O pico assomava sobre Dan quando ele se aproximou do celeiro. Ali, o monte era apenas mais um traço numa paisagem colossal, porém era o mais poderoso, o senhor e mestre. A visão daquela montanha o deixou sem fôlego... E recuperar o fôlego era difícil naquela altitude.

Ele espiou pela janela do celeiro, vivenciando um breve momento de pânico. E se o helicóptero não estivesse ali? Será que ele tinha feito um caminho terrivelmente longo para descobrir que o veículo estava (bate na madeira) na oficina ou algo assim?

Mas não: lá estava ele, igualzinho ás fotos que Grace tinha mostrado, futurista e esbelto. A bolha estava levantada e havia alguém observando o painel de instrumentos.

Por que está tão escuro aí dentro? Por que a pessoa não acende logo as luzes?

Dan estava prestes a bater na porta do helicóptero quando avistou o cadeado arrombado pendendo do trinco.

Esse cara vai roubar meu ultraleve!

Sem hesitar um instante, Dan entrou correndo no celeiro e derrubou o intruso, voando em cima dele. Os dois caíram amontoados no chão de concreto, debatendo-se. Um cotovelo descontrolado atingiu Dan na boca e ele sentiu o gosto do sangue. Enraivecido, esticou o braço e com a palma da mão apertou o rosto do adversário contra o chão. Sua confiança aumentou ao notar que o intruso não era muito maior que ele e tinha mais ou menos a mesma força.

De repente, uma dor se alastrou por sua mão e ele berrou de susto.

Ele me mordeu!

Os dois se engalfinharam, rolando um por cima do outro, até que Dan ficou com o rosto esmagado contra uma grande grade de metal, olhando bem na cara de...

— *Saladin?*

A força do adversário que o prendia desapareceu.

— *Dan?*

— *Amy?*

— Oh, meu Deus! — Nellie soltou o pé de cabra que estava prestes a acertar na cabeça de Dan.

Os dois Cahill ficaram em pé, ambos de olhos arregalados, como se a visão do outro fosse uma miragem. Depois eles se uniram num extasiado e forte abraço.

— Para com isso! — reclamou Dan. — Você está me estrangulando!

Porém ele não soltava a irmã.

Amy esteve preocupada por tanto tempo que a evaporação repentina da tensão deixou seu corpo mole. Se ela o soltasse, provavelmente cairia com tudo no chão.

— Achei que tinha perdido você! Que nem a gente perdeu a mamãe e o papai!

— Nós procuramos! Nunca paramos de procurar!

— Ah, é? Então o que vocês estão fazendo aqui?

— Bom, parece ter sido exatamente o lugar certo! — retrucou Amy. — Você apareceu, não é mesmo?

— Eu vi os Holt na televisão! — Dan se libertou dela. — Para de gritar comigo! Eu senti *tanta* saudade de você! Achei que nunca mais ia te ver! — Ele vasculhou o hangar com os olhos. — E se você perdeu meu computador...

Amy lutou para recuperar a compostura.

— Você parece mais alto — ela disse por fim, estudando avidamente o irmão.

— Não seja imbecil. Foram só cinco dias.

— Eu sei... — Havia um tremor em sua voz. — Mas foram cinco dias muitos longos. Dan, eu sinto muito... — E então ela finalmente assimilou as palavras do irmão. — Peraí! Os Holt estão na TV?

— Eles estão escalando o monte Everest! — exclamou Dan. — Tipo, *agora mesmo*! Deve ter uma pista lá em cima!

Amy se voltou para olhar outra vez o Esquilo

— Podemos chegar no topo antes deles. Certo, Nellie?

— Errado — disse a *au pair*, triste. — Foi mal, crianças, mas nem sonhando eu consigo pilotar esse treco. Não tem nada a ver com uma aeronave. Eu com certeza iria matar todos nós.

Amy e Dan se entreolharam angustiados. Será que o destino os trouxera ao mesmo lugar, naquele vilarejo à sombra do Everest, apenas para frustrá-los no final?

Naquele instante, as luzes do celeiro se acenderam e uma voz estridente perguntou:

— *Que faites-vous ici*? O que vocês estão fazendo aqui?

Assustados, os três se voltaram para o recém-chegado, um homem baixinho e magrelo de meia-idade que vestia um macacão de piloto.

Tímida como sempre, Amy ficou muda. Dan, nem tanto.

— Precisamos subir no monte Everest — ele deixou escapar.

O homem deu uma gargalhada:

— Eu não presto serviços turísticos. Se são fotos bonitas que vocês querem, eles vendem cartões-postais na vila.

Amy recuperou a voz:

— Não, ele quis dizer que temos que chegar ao topo da montanha. Imediatamente.

O homem estreitou os olhos:

— Ah, então vocês sabem do que o Esquilo é capaz. *Alors*, isso é impossível. Saiam desta propriedade agora mesmo.

— Vamos pagar — disse Nellie.

O homem fez uma careta:

— O Esquilo é um equipamento tecnológico sem igual. Não se aluga por hora como se fosse um *jet ski* na praia.

O desespero dos irmãos Cahill era palpável. Até aquele momento, eles tinham conseguido se virar pensando rápido, improvisando e superando obstáculos. Agora era diferente. Só havia um único jeito de subir o monte Everest depressa; um jeito que evitaria os meses de treinamento, abastecimento, aclimatação e escalada. Era o helicóptero, e ponto-final. As leis da ciência e da natureza não forneciam um plano B. Se o piloto se recusasse a levá-los, o que seria deles?

Nellie apontou para o telefone via satélite no canto de uma bancada:

—— Deixa eu ligar para o meu chefe. Talvez a gente consiga entrar num acordo.

Amy e Dan se entreolharam, perplexos. Até onde eles sabiam, a chefe de Nellie era sua tia Beatrice, irmã de Grace, a responsável legal por eles. A tia Beatrice era tão mesquinha que não queria pagar nem TV a cabo para eles, quanto mais uma viagem de helicóptero até o topo do mundo.

O piloto ficou enojado:

— Vocês americanos acham que podem comprar tudo com seu *dinheiro*!

— Só um telefonema — insistiu Nellie.

Havia uma confiança e autoridade em sua voz que Amy e Dan nunca tinham ouvido antes. A *au pair* sempre fora prestativa e algumas vezes tinha

salvo a vida deles. Mas, na busca pelas pistas, ela sempre ficava no banco de trás. Agora havia alguma coisa diferente.

— Ouça o que o meu chefe tem a dizer — Nellie continuou — realmente acho que vai valer a pena para você.

Ele parecia ofendido, mas fez um gesto na direção do telefone.

Ela digitou os números e esperou que se fizesse a conexão por satélite.

— Peço desculpas por acordar o senhor. Sim, eu sei que horas são aí. — Ela resumiu brevemente a situação e então passou o fone para o francês. — Ele quer falar com você.

Amy e Dan observaram com atenção enquanto o piloto ouvia a voz a muitos milhares de quilômetros de distância. Seus olhos se arregalaram e sua expressão foi ficando cada vez mais atônita. Ele não disse uma única palavra, apenas devolveu o fone para Nellie e anunciou:

— Partimos em dez minutos!

Enquanto o homem cuidava dos preparativos para o voo, Amy chegou perto da *au pair*:

— Pra quem você ligou?

Nellie deu de ombros:

— Pro meu tio. Ele é uma pessoa muito convincente.

— Mas o que ele disse? Ele subornou o cara?

— Como é que eu vou saber? — rebateu a *au pair*. — Eu não estava participando da conversa.

Ela olhou feio para eles, como se desafiando os dois a continuar fazendo perguntas.

Os irmãos Cahill não eram tontos de discutir com a pessoa que tinha lhes arranjado uma carona até o topo do Everest. Mesmo assim, Amy não conseguiu se conter:

— Você algum dia vai contar pra gente quem você é de verdade?

Nellie hesitou:

— Sou a babá de vocês...

— *Au pair* — corrigiu Dan automaticamente.

Ela deu um grande abraço nos dois.

— E sua amiga — concluiu. Porém a expressão em seu rosto era estranhamente culpada. — É melhor vocês se aprontarem. Esta é a sua única chance.

O piloto ajudou os irmãos a vestir os casacos especiais e lhes forneceu botas e luvas. A temperatura no cume do Everest podia atingir os 70 graus negativos. Isso sem contar o vento, que em média passava dos 190 quilômetros por hora.

Na sequência eles colocaram o equipamento de respiração: máscaras faciais conectadas a cilindros presos às costas. Os trajes eram incômodos e

desconfortáveis. Dan não conseguia evitar sentir algo como uma crise de asma, leve, porém interminável, e Amy ficou perturbada com o som de sua própria respiração reverberando em seus ouvidos. Mas o equipamento era absolutamente necessário. A 8.848 metros de altura, o ar continha apenas um terço do oxigênio encontrado no nível do mar. Sem um reforço, eles não permaneceriam vivos nem por trinta segundos.

Por fim, o piloto cuidadosamente os pesou numa balança. No ar incrivelmente rarefeito e naquela pressão baixa, cada grama era essencial. Uns poucos quilos a mais podiam fazer a diferença entre realizarem uma decolagem perfeita e ficarem presos num lugar onde ninguém conseguia sobreviver por muito tempo.

Nellie deu um passo à frente:

— Minha vez.

— Este é o famoso senso de humor americano, não é? — exclamou o francês, descrente. — Não podemos acomodar nem mais um miligrama. É só porque esses dois são crianças que posso levar ambos sem arriscar nossas vidas.

— É minha função cuidar da segurança deles! — protestou a *au pair*.

— Nesse caso, sua incompetência é incomensurável — o piloto disse sem hesitar — aonde estamos indo, segurança é uma palavra que não significa nada. Agora, vamos ou não vamos?

— Vamos — respondeu Amy, torcendo para que sua voz soasse decidida, e não simplesmente apavorada — senão, vamos entregar a pista para os Holt.

Eles abriram as portas do hangar e o Esquilo foi conduzido até o heliporto sobre uma plataforma de deslizamento. Era tão leve que o piloto conseguia empurrá-lo sozinho, principalmente porque não confiava que mais ninguém encostasse nele. Os metais de baixa densidade eram tão delicados que “crianças estabanadas talvez afetem a integridade da aeronave”.

Os assentos ocupavam menos espaço que os cintos de segurança que os prendiam sentados. O helicóptero era mínimo e o mais vazio possível.

Nellie se virou para as crianças:

— Prometam que não vão fazer nenhuma loucura.

Os Cahill estavam apavorados demais para responder. Além disso, já não era mais hora de fazer promessas. Não havia loucura muito mais do que a que estavam prestes a cometer.

Nellie se afastou e a hélice começou a girar, primeiro lentamente, depois ganhando velocidade. O Esquilo decolou do planalto tibetano.

Próxima parada: o zênite do planeta – um pico acidentado de gelo e pedra, a quase cinco quilômetros acima deles.

Capítulo 23

Escalão Hillary era o nome de um rochedo que subia 16 metros em direção ao céu, a última peça cruel que o monte Everest pregava nos alpinistas exaustos, sem fôlego e hipotérmicos. Numa altitude mais baixa, não seria um obstáculo tão complicado para um montanhista treinado. Porém, a mais de 8.800 metros – muito além do topo do K2, o segundo pico mais alto do mundo – cada gesto mínimo era uma visita guiada por um mundo de dor.

Extenuados, os três Holt observavam com desânimo a equipe de xerpas arrastar escarpa acima do rival Ian Kabra, carregando-o nos braços enquanto subiam pelo emaranhado de cordas presas, abandonadas por décadas de expedições.

— *Não é justo!* — berrou Hamilton.

O que normalmente teria sido um bramido quase não conseguiu atravessar o plástico de sua máscara de oxigênio.

— Lucian ladrão! — disse Reagan ofegante.

A força dos Tomas tinha permitido que os Holt se aclimatassem para a subida do Himalaia em menos tempo que o normal. No entanto, eles ainda estavam sujeitos à devastação impiedosa do Everest. Os três estavam exaustos, congelando, desidratados e com pouco oxigênio. Ian, por sua vez, ia quentinho e confortável em seu traje especial. E, graças a seus carregadores, provavelmente não estava nem cansado.

A escarpa do cume tinha uma cobertura de neve que ia até a cintura, resultado das nevascas recentes. Mais que escalar a montanha, os Holt estavam quase nadando nela. Reagan agora pensava com inveja no leito de hospital da irmã. Ela sabia que não poderia ir muito mais longe.

Eisenhower Holt soltou um urro nervoso que causou uma pequena avalanche no rochedo. Eles *não* iam perder para aqueles Kabra outra vez! Quando ele falou, ouvia-se o inconfundível foco de atleta campeão por trás de sua fadiga esmagadora:

— Crianças, o resto da família não nos respeita muito. Mas somos parte de uma grande tradição, que se estende há quinhentos anos desde o próprio Thomas Cahill. Ham, fique aqui com a sua irmã. Vou mostrar ao mundo do que os Tomas são capazes!

Ele partiu, cruzando os grandes montes de neve, um exemplo de determinação e força bruta. Alcançou as cordas que pendiam do Escalão Hillary, escalando com uma mão após a outra, sem parar para descansar. Qualquer alpinista teria afirmado que aquilo era fisicamente impossível.

Essas palavras não existiam no vocabulário dos Holt.

No topo, Eisenhower sumiu dentro da neve soprada pelo vento, porém eles ouviram sua voz trovejante:

— *Come poeira, Kabra!*

— Ele passou na frente! — disse Reagan numa voz rouca.

Hamilton fez que sim com a cabeça, cheio de admiração e orgulho. Ele havia passado a maior parte da vida pensando que o pai era um pateta. Mas ali, no monte Everest, Eisenhower Holt era o pateta que você queria ter no seu time.

— Agora ninguém vai conseguir chegar ao cume antes dele!

* * *

O Esquilo AS 350 subia cada vez mais no ar rarefeito, atingindo altitudes muito além do possível para qualquer outro helicóptero do mundo.

Para Amy e Dan, já que tinham vivido algumas experiências um tanto apavorantes, aquele foi o cúmulo do terror. O Esquilo era tão minúsculo e aparentemente frágil que eles se sentiam completamente desprotegidos, como se aquilo fosse algum brinquedo descontrolado de parque de diversões, ao ar livre e dez quilômetros acima do nível do mar.

Os ventos brutais do Himalaia castigavam a aeronave ultraleve, jogando-a de um lado para o outro feito uma bola de pingue-pongue num furacão. Amy e Dan se agarraram um no outro, pois não havia lugar nenhum onde segurar.

Quanto mais eles se aproximavam da montanha, mais o Everest se distinguia de seus vizinhos: mais alto, gigantesco, o cume coberto pela neve.

— Isso é uma nuvem? — perguntou Dan, gritando para fazer as palavras atravessarem o equipamento de respiração.

O piloto forneceu a resposta:

— O topo do Everest penetra na corrente do jato — ele gritou de volta. — O que vocês estão vendo são milhões de cristais de gelo soprados para cima do cume. Eu avisei que isso não era um passeio turístico. Preparem-se para uma bela sacudida.

Não era exagero. Quanto mais perto eles chegavam do cume, mais ferozes ficavam os giros do Esquilo.

— Como nós vamos aterrissar? — Amy gritou em pânico. — Vamos nos arrebentar na montanha!

O tronco do piloto tremia, como se fosse ele quem estivesse sendo manipulado pelos controles, e não o contrário. Exceto pela turbulência, agora eles quase não se mexiam, tentando pairar sobre o pico. De repente, a nuvem de gelo que eles atravessaram fez o mundo desaparecer. Eles estavam voando às cegas na margem da atmosfera.

Uma queda e um tranco repentinos fizeram ambos os irmãos Cahill gritarem.

— O que aconteceu? — gemeu Dan.

— Vocês queriam o pico, aqui estão vocês — o piloto informou.

Ele apontou para o altímetro: 8.848 metros. Não podia haver altitude maior. Não na Terra.

— Nós... nós conseguimos? — gaguejou Amy.

Ela acreditara que estaria em pedacinhos muito antes.

— *Vite!* Depressa! — ele ordenou. — Temos cinco minutos no máximo! Não posso desligar o motor porque talvez ele não ligue de novo!

Com um estalo, a bolha se abriu.

Amy e Dan gastaram preciosos segundos desafivelando os cintos e lutando para sair do Esquilo. Sua expectativa de chegar até ali era nula, por isso não possuíam nenhum plano concreto do que fazer agora.

A busca pelas 39 pistas os tinha levado a alguns lugares incríveis, porém o topo do monte Everest ficava literalmente muito acima de todos os outros. O frio era indescritível, o vento os fustigava sem cessar. Eles precisaram rastejar para longe do helicóptero para se afastar das hélices. Mesmo com o oxigênio suplementar das máscaras, o esforço os deixou ofegantes, em busca de um ar que simplesmente não estava ali.

No entanto, nada podia afastar a mente de Amy da magnitude daquele lugar.

— *Tudo está abaixo!* — ela exclamou, maravilhada. — Não existe mais *acima*! Até as nuvens estão abaixo de nós!

O topo do mundo! Pesquisa nenhuma poderia ter preparado Amy para aquele lugar espetacular. Picos descomunais se erguiam à sua volta, mas o deles era o mais alto de todos, dominando a região mais elevada do planeta. Lhotse, a quase 8.400 metros, parecia muito abaixo deles. A cor do céu era um azul-cobalto tão incrivelmente escuro que não parecia real. Naquela altitude, eles estavam no limite da troposfera terrestre, próximos do começo do espaço sideral.

As botas de Dan amassavam a neve no teto do mundo. Ele gritou para o piloto:

— Se você deixar a gente aqui, aquele cara no telefone vai ficar *muito* bravo!

Ele não fazia ideia de quem pudesse ser “aquele cara”; obviamente não era o tio de Nellie. Mas não havia dúvidas quanto ao poder de influência dele.

— Dá pra acreditar nesse lugar? — Amy berrou mais alto que o som do vento forte.

— Demais! — Dan desviou os olhos da paisagem e se concentrou no terreno do cume. A visão o deixou conturbado. — Ei, isso aqui é um lixão!

Um espaguete de bandeiras de oração budistas tremulava loucamente com a ventania. Também havia dezenas de bandeiras de países e cilindros de oxigênio vazios espalhados por toda parte. E havia uma exótica coleção de objetos e

bugigangas enterrada na neve: todo tipo de coisas, desde fotos da família emolduradas, joias e até mesmo brinquedos.

Dan ficou desnorteado:

— Quem trouxe todas essas coisas aqui pra cima?

— São suvenirs — explicou Amy, sem fôlego — todo alpinista quer deixar alguma coisa no topo. A questão é: o que o Mallory deixou?

Dan pegou um medalhão e o abriu, revelando a foto desbotada de um bebê gordo.

— Como vamos saber qual dessas porcarias é a pista? Só temos cinco minutos, Amy! Agora provavelmente só uns quatro!

Amy pensou bem:

— Mallory esteve aqui primeiro. O que quer que ele tenha trazido deve estar no fundo. Vamos cavar.

Eles começaram a cavoucar a neve, removendo uma camada espessa de pó coberta por centenas de objetos aleatórios. Mais para baixo, a neve era um pouco mais compacta e mais dura, e Amy pegou uma grande foto emoldurada para servir de pá, enquanto Dan usava um frasco de oxigênio vazio como martelo. Por sorte, não havia grandes formações de gelo, graças à corrente de jato, que levava embora a maior parte da umidade.

Àquela altitude, cada simples movimento era como um triatlo. Em poucos segundos, os dois estavam resfolegando e tossindo violentamente. O corpo de um ser humano não era feito para sobreviver naquelas condições, muito menos para fazer tanto esforço. Amy sentiu sua visão estreitar enquanto seu cérebro berrava por mais oxigênio. Ela deu uma dolorosa mordida na lateral da boca para se manter alerta e não perder o foco. No Everest, a exaustão mental podia ser tão fatal quanto a física.

— Se nós cavarmos muito mais — bufou Dan — o K2 talvez tenha que assumir o posto de montanha mais alta do mundo!

— Não acho que precisamos nos preocupar com isso — disse Amy, ofegante — olha lá... já tem menos coisas enterradas aqui. Estamos chegando às camadas das primeiras expedições ao Everest.

— Dois minutos! — veio um grito do helicóptero ultraleve.

Parecia impossível, mas eles começaram a cavar ainda mais rápido. Dan batia loucamente com o cilindro e Amy peneirava com seus dedos gelados, descartando amuletos e medalhas de São Cristóvão. Tinha sido muito difícil chegar ali. Deixarem o tempo acabar antes de acharem a pista era impensável.

— *Para!* — ela gritou de repente.

Dan congelou no meio do movimento, com o cilindro a poucos centímetros de um frasco de vidro enterrado pela metade.

Delicadamente, Amy afastou a neve ao redor e puxou a garrafa para fora. Era um recipiente grosso de vidro, fechado por uma rolha, com alguma substância congelada dentro.

Em uma superfície plana havia um sinete chinês que Amy reconheceu na hora. Ela abriu o zíper do casaco e tirou o pedaço de seda que Dan tinha achado na Cidade Proibida. O vento quase arrancou o tecido de sua mão, porém Amy continuou segurando com toda a força. Juntos, ela e Dan conseguiram desdobrá-lo.

— Esse é o sinete de Pu Yi, o último imperador! — ela gritou contra o vento. — Combina perfeitamente, está vendo? Pu Yi deu isto para George Mallory esconder para ele!

— Mas o que tem na garrafa? — perguntou Dan.

— Lembra daquele frasco de Paris... O que os Kabra roubaram? Talvez isto seja alguma coisa parecida.

Ela virou a garrafa. Entalhado do outro lado estava a imagem de um lobo em pé: o brasão dos Janus.

A emoção da descoberta fez o sangue retumbar em seus ouvidos, alto o bastante para abafar o uivo da corrente do jato.

— Dan, eu entendi! — Ela apontou para as figuras na seda: a "equação" feita com símbolos da família. — Isso não quer dizer que a família é a soma de seus clãs. Olhe as formas em volta desses brasões! São frascos, que nem este e que nem o de Paris! Existem quatro fórmulas químicas, uma para cada clã. E quando você mistura todas, elas fazem algum tipo de soro-mestre! É isso que são as 39 pistas: os ingredientes do soro!

— Vocês só tem um minuto! — berrou o piloto.

Nem mesmo o fato de o tempo estar acabando podia distraí-los quando a verdade das 39 pistas começava a se revelar.

— Pense nos clãs da família e a habilidade especial de cada um! — continuou Amy. — Os Lucian são mestres da tragédia e da astúcia, os Janus são criativos e dramáticos, os Tomas são atléticos e fortes, e os Ekat podem inventar qualquer coisa. E esses traços foram transmitidos de geração em geração, por isso o efeito químico na verdade deve passar a fazer parte do DNA de cada um. Com o soro-mestre, a pessoa seria todas essas coisas ao mesmo tempo! Seria invencível!

Houve uma comunicação silenciosa entre os dois. Uma fórmula tão poderosa nas mãos erradas...

— Trinta segundos! — O piloto estava praticamente histérico. — Se vocês vêm, a hora é *agora!*

Dan ajudou Amy a guardar a seda tremulante dentro do casaco e saiu correndo. Ela estava prestes a ir atrás dele quando o sol, refletindo na neve,

brilhou em outra inscrição na garrafa, muito menor do que as outras. Amy segurou o recipiente na altura dos óculos e espremeu os olhos para ver o que estava escrito no fundo.

A mensagem tinha sido riscada no vidro, provavelmente com um canivete, ou talvez a ponta de uma picareta. Lia-se:



Porque está aqui - *GM*, é o que diz ali

GM – George Mallory. Gerações tinham se inspirado em suas lendárias palavras: que ele ia escalar o Everest "porque estava lá". Mas ele não estava falando do pico! Referia-se ao soro dos Janus, e ao único lugar na terra onde ele estaria seguro.

A energia de Amy estava quase no fim. Ela se sentia exaurida pela altitude e pelo feito hercúleo de cavar a mais de oito mil metros. Com as mãos trêmulas, ela segurou o frasco, a última prova de colaboração entre dois Cahill separados por milhares de quilômetros. Os conspiradores não poderiam ter sido mais diferentes. Um era imperador, o último de uma gloriosa dinastia que remontava a séculos; o outro, um simples professor britânico que escalava montanhas como hobby. O que tinha sido necessário para unir aqueles dois? Nada menos que as 39 pistas.

— *Dez segundos!*

— Vamos, Amy! — Dan agarrou o braço dela, tirando-a do devaneio com uma sacudida.

Os dois caíram na neve, rastejaram por baixo do barulhento rotor do helicóptero e mergulharam pela abertura na bolha.

— Vai! Vai! Vai! — incitou Dan com uma voz rouca.

O piloto operou os controles. Ouviu-se o som de algo raspando e o Esquilo resistiu por um instante, o rotor lutando para extrair sustentação do ar inexistente.

Por fim, a aeronave ultraleve começou a se erguer lentamente do pico mais alto do mundo.

— Não acredito que conseguimos! — exclamou Amy, sem fôlego.

Então uma mão muito grande, coberta por uma luva, agarrou o trem de pouso esquerdo do Esquilo.

Capítulo 24

Eles pararam de subir. O helicóptero começou a sacudir com violência.

— Porque está enguiçando? — berrou o piloto.

Urrando com o esforço, Eisenhower Holt puxava o trem de pouso para baixo, impedindo que eles partissem.

— Não é um enguiço, é um Holt — gritou Dan. — Continue o voo! Ele vai ter que soltar!

— Ele é pesado demais para esta altitude! — insistiu o piloto. — Está gastando nosso combustível! Temos que partir agora, senão não voltamos para casa!

Ainda segurando com uma mão, Eisenhower brandiu sua picareta e cravou a ponta afiada na junta entre a aeronave e a bolha. Então usou toda a energia que lhe restava para forçar o acrílico a se abrir. Uma fração de segundos depois, surgiu sua enorme cabeça, castigada pelo frio e com olhos ensandecidos.

— *A pista!* — ele rosnou.

Amy continuou sentada, petrificada de medo, enquanto seu primo Holt arrancava o frasco de seus dedos inertes. Ele recuou e soltou o helicóptero.

Eisenhower se afastou três passos daquele ponto. Então quatro xerpas saíram de dentro da nuvem de gelo e o agarraram pelos braços. Uma quinta figura, Ian Kabra, vestindo o traje espacial, veio cambaleando contra o vento e arrancou o frasco da mão do concorrente.

O que aconteceu a seguir permaneceria gravado na memória de todos. Uma lufada de vento apanhou o Esquilo e o jogou para o lado. Dan caiu do assento, batendo a cabeça com força na bolha de acrílico. Amy foi arremessada direto para fora, aterrissando na neve. A cauda do helicóptero girou sobre o topo do mundo, atingindo Ian nas costas e derrubando-o do cume.

Ele agitou as mãos, procurando algo para agarrar, enterrando os braços numa saliência na neve. Gritando de horror, Ian se segurou na borda, com as pernas penduradas sobre a gigantesca geleira Kangshung, uma queda de mais de três mil metros.

Amy tentou agarrar a mão dele e acabou segurando não Ian, mas sim o frasco que continha o soro dos Janus.

Seu primeiro pensamento foi um enorme entusiasmo. *Peguei de volta!*

Mas então ela viu o rosto apavorado do adolescente por trás do capacete do traje espacial.

De repente, a saliência que estava sustentando Ian se desmanchou sob seu peso.

Não havia nada abaixo dele por praticamente três quilômetros.

Capítulo 25

A decisão de Amy foi instantânea. Ela soltou o soro dos Janus e agarrou o braço de Ian com as duas mãos. O frasco despencou pela encosta, sumindo de vista muito antes de se espatifar lá embaixo. Os xerpas se juntaram a ela e Ian foi içado em segurança para cima do cume.

Amy não tinha mais fôlego. Enquanto disparava rumo ao helicóptero, já sabia que era tarde demais. Estava correndo com o que restava de suas energias, já desabando e a neve do cume vindo ao seu encontro...

Dan passou os braços em volta da irmã e a puxou para dentro do Esquilo. Enquanto os dois caíam dentro da cabine, o piloto ergueu o braço e fechou a bolha. Com um tranco, a pequena aeronave deixou o Everest para trás.

— O soro! — Dan exclamou aflito.

Amy fez que não com a cabeça, recuperando a consciência.

— Se espatifou — ela encarou o irmão com um pedido de desculpas nos olhos — eu não podia deixar ele de morrer.

Assim as palavras brotaram de sua boca, ela se deu conta da importância do que acabara de dizer.

— Dan... Eu tive escolha! E eu salvei o filho de Isabel Kabra!

— Não me lembre disso — disse Dan com os dentes cerrados — da próxima vez que o Ian e a Natalie me enfiarem numa máquina de pirulitos, já sei a quem devo agradecer.

— Você não entende? — insistiu Amy. — Se os Madrigal fossem tão maus quanto todo mundo diz, eu teria salvado a garrafa em vez do Ian! Eu tomei a decisão mais humana. — Ela olhou sério para ele. — Não temos que ser malvados só porque somos Madrigal. Os Madrigal são horríveis, mas nós podemos mudar nosso destino.

— Mas e mamãe e o papai? — perguntou Dan.

— Não sei... — Se Amy tinha aprendido uma lição com a busca pelas pistas e suas diversas trapaças, era valorizar a verdade acima de tudo. Ela daria qualquer coisa para acreditar que seus pais eram boas pessoas. Porém seus olhos encontraram os de Dan e o nome se transmitiu entre eles como se por radar: *Nudelman.*

— Eu também não teria deixado o Ian morrer — admitiu Dan depois de uma pausa solene — só odeio ter perdido o frasco. Principalmente porque nem conseguimos uma pista depois de todo esse esforço.

Amy abriu um sorriso largo.

— Conseguimos sim. Já tínhamos a pista desde a Cidade Proibida — ela disse ao irmão — eu só não tinha entendido agora. Alistair traduziu o poema de Pu Yi:

“Aquilo que buscas está na tua mão,
Fixo para sempre no seu nascimento
Onde a Terra encontra o céu.”

— Eu entendo a parte “onde a Terra encontra o céu” — comentou Dan. — Mas e isso de “está na tua mão”? A única coisa que pode estar na sua mão é o tecido com o poema.

— Que é seda — acrescentou Amy, com os olhos iluminados. — A seda é feita pelo bicho-da-seda, que na verdade é...

— A lagarta Bombyx Mori — completou o irmão, pensando no petisco no templo Shaolin — tem gosto de frango.

Ela lançou um olhar estranho para ele e continuou:

— A substância sai líquida e vira sólida, formando um filamento de seda em contato com o ar. Mas o ingrediente está “fixo para sempre no seu nascimento”. Em outra palavra, é a seda em forma líquida: a secreção bruta do bicho-da-seda.

Dan balançou a cabeça embasbacado.

— E Pu Yi não tinha freezer, então pediu para o Mallory guardar aquilo no monte Everest. Uau!

Amy confirmou com a cabeça:

— Você consegue imaginar o que devia estar se passando na cabeça de Mallory quando ele deixou aquele frasco no topo da montanha em 1924? Ele tinha acabado de conquistar o Everest. Isso foi 29 anos antes de Sir Edmund Hillay — ela fez uma pausa, pesarosa — mal sabia o coitado que ia morrer na descida. Ele ainda está na montanha, sabia? Seu corpo está congelado, por isso ele vai ficar lá sempre.

— Legal — disse Dan. — Quer dizer, não o fato de ele estar morto. Mas, tipo, o ponto maior do triunfo dele virou o lugar de seu repouso final. Faz sentido.

Amy o encarou com censura.

— Eu tinha esquecido como você é estranho.

A voz do piloto interrompeu a conversa deles:

— Nenhum dos dois valentões americanos se deu ao trabalho de perguntar se temos combustível suficiente para pousar, mas a resposta é sim. Por pouco.

— Que ótima notícia! — exclamou Amy, envergonhada. — Obrigada pela... hã... carona.

— *De rien, mademoiselle.* Você tem amigos poderosos. Pelo menos, sua amiga de piercing no nariz tem.

— Pois é, qual será o segredo dela? — especulou Dan. — Quantas *au pairs* são capazes de dar um telefonema e arranjar uma passagem pra subir no Everest num helicóptero desses?

— Ela com certeza não é só uma simples *au pair* — concordou Amy. — Você devia ter visto a Nellie na Grande Muralha. Ela arrombou uma fechadura como uma profissional. — Sua expressão se amaciou. — Mas quem quer que ela seja, está do nosso lado. Eu acho.

Eles olharam de volta para o Everest, silencioso e severo em sua poderosa majestade.

— Você tinha imaginando estar lá em cima? — Amy perguntou num sussurro.

— Claro — respondeu Dan com entusiasmo. — Várias vezes. Um dia vou escalar esse monte.

Ela fez uma careta:

— Não esqueça de mandar um cartão-postal.

Eles agora voavam baixo o bastante para distinguir a vila de Tingri, um pequeno agrupamento de construções antigas no vasto planalto tibetano. Pouco mais de um quilômetro fora da cidade, o heliporto surgiu à vista e, de pé do lado de fora, Nellie protegia os olhos com a mão enquanto vasculhava o céu. Não longe dela, um pontinho cinza: Saladin.

Era a família deles, esperando para recebê-los de volta. Para dois órfãos, aquilo era algo que não tinha preço.

Capítulo 26

No estacionamento subterrâneo do Hotel Bell Tower em Sian, na China, Jonah Wizard saiu da sua limusine bem a tempo de ver a figura de um guerreiro de terracota de quase dois metros sendo transportado cuidadosamente para dentro de um caminhão por dois operários de uniforme.

— Ei, onde vocês arranjaram...?

As palavras mal tinham acabado de sair de sua boca quando um segundo guerreiro entrou carregado, desta vez sob a supervisão de Cora Wizard.

— Mão... de onde vieram essas estátuas?

— Nós somos Janus — ela explicou — você acha mesmo que não podemos arranjar umas estátuas para substituir as que você quebrou? *Cuidado com isso!* — ela disse, ríspida, quando um dos carregadores bateu de raspão numa pilastra. — É para parecer que ela tem dois mil anos de idade, não dois milhões!

Ela se virou novamente para o filho:

— Estive pensando no seu pedido de dispensa das suas responsabilidades na busca pelas pistas.

— E...? — ele perguntou ansioso.

Em resposta, a mão de Cora se ergueu e deu um tapa no rosto dele, forte o bastante para derrubá-lo no chão.

Ele conseguiu ficar em pé outra vez:

— Aê, o que foi isso?

— Não me chame de "aê" — repreendeu Cora Wizard entre os dentes. — Eu sou a líder deste clã, que é maior que você ou eu ou Mozart ou a própria Jane Cahill. O futuro da espécie, desde Spielberg até o mais reles malabarista num monociclo, depende das 39 pistas e não vou permitir que meu filho nem ninguém tire os Janus da corrida pelo prêmio. Principalmente agora que sabemos que os Madrigal estão envolvidos.

— Tem certeza disso? — contestou Jonah. — E se Dan só estava blefando?

— Eu devia ter me dado conta disso há muitos anos — ela se censurou. — Não foi à toa que Grace e sua filha perfeitinha jamais se aliaram a nenhum dos clãs. Todos achávamos que era parte do showzinho de poder das duas... Sempre acima do resto, nunca sujando as mãos. E esse tempo todo, elas eram as mais baixas.

— Eu não fui feito para a busca pelas pistas, mãe — implorou Jonah. — Não sou bom nisso.

— Você é um Janus — retrucou a mãe com voz firme. — Você é mais talentoso e brilhante que todos os trogloditas Lucian, Tomas e Ekat juntos. Durante séculos, nós servimos de escada para aqueles açougueiros Lucian, quando nossas qualidades são muito superiores às deles. E você quer saber o motivo?

Ele olhava fixo para ela, totalmente desconcertado.

— O motivo é que os Lucian não se deixam deter por nada na hora de alcançar seus objetivos. Eles mentem, enganam, roubam. — Os olhos de Cora, como se fossem laser, fixaram-se nos do filho — E eles matam.

Jonah Wizard passara a vida inteira a serviço do clã Janus. Seguindo as instruções deles, tornara-se um cantor de rap, um astro de TV e um milionário internacional.

Ele não tinha dúvida do que esperavam dele agora.

* * *

Com o fim da temporada de montanhismo, Tigri não era exatamente uma atração turística e por isso eles tinham a pensão só para si. Amy, Dan e Nellie estavam sentados em volta do fogo da cozinha, completamente exaustos, porém excitados demais para dormir. Saladin não tinha esse problema. Estava encolhido em cima da lareira e não se mexia havia horas

— Isso é *maravilhoso* — Nellie murmurou, contente — o calor do fogo, o ar frio e seco. Alguém devia abrir um resort em Tingri. Até a fumaça tem um cheiro mais intenso, mais terroso. Talvez seja a altitude.

Dan riu sem humor.

— Talvez seja o cocô de iaque. É isso que usam como fonte de energia aqui.

— Até para cozinhar? — perguntou Amy.

E empurrou para longe sua xícara de chá aromático.

Eles tinham passado a noite relatando suas aventuras separadas em vários lugares da China, admirando-se com o fato de que caminhos tão diferentes haviam levado ao pé do Everest quase ao mesmo tempo.

Dan se deleitou quando Amy descreveu a queda de Saladin de cima da murada. E Amy deu gargalhadas quando o irmão tentou convencê-la de que o primo Jonah não era de todo ruim.

— Sério mesmo — ele insistiu — não dá para ficar com pena de alguém que está tentando se equiparar as caras com Mozart e Rembrandt. E aquela mãe! Ele pode vender um trilhão de CDs e nunca será bom o bastante para ela. Ela é tipo um cruzamento entre a tia Beatrice e a Medusa. Cara, ela praticamente engoliu a própria cabeça quando contei que nós éramos Madrigal.

Amy levou um susto:

— Você contou isso para ela?

— Não consegui evitar. Eu estava bravo demais.

Ela concordou com a cabeça:

— Entendo. Mas você sabe o que os Cahill pensam dos Madrigal. As outras equipes vão redobrar os esforços para destruir a gente. Não temos ideia de onde procurar a próxima pista. E qual dos nossos queridos primos vai querer trocar informações com a gente agora? Ninguém formaria uma aliança com um Madrigal.

Dan pareceu abatido, então ficou de pé num pulo:

— Peraí! Talvez a gente não esteja tão perdido assim. Lembra do Buda Barbado que tinha na casa da Grace? Bom, a estátua verdadeira fica na montanha Song Shang. Numa caverna atrás dela, achei uns equipamentos antigos de laboratório queimados. O laboratório de Gideon Cahill não foi destruído num incêndio?

Amy confirmou com a cabeça, intrigada:

— Onde estão essas coisas agora?

— Não dava para trazer tudo, por isso escondi de volta. Mas tinha uma coisa que eu não podia deixar para trás — ele enfiou a mão no bolso dos jeans e tirou o medalhão com a miniatura.

Amy ficou atônita.

— Uma foto da mamãe?

— Olhe mais de perto. As roupas, o cabelo. Essa não é a mamãe. A miniatura é velha. Talvez tenha séculos de idade.

Amy pegou o objeto e examinou a imagem:

— Então é uma antepassada

— Uma antepassada Cahill — emendou Dan — e quando se trata dos Cahill...

— Eles geralmente estão envolvidos nas 39 pistas.

Com cuidado, Amy tirou a miniatura oval de dentro da moldura. O retrato não tinha marcas nem assinatura. Porém, gravada no interior do medalhão estavam as seguintes palavras: PROPRIEDADE DE ANNE BONNY.

— Anne Bonny! — repetiu Amy. — Era uma pirata do Caribe... A pirata mulher mais famosa de todos os tempos! Será que ela era uma Cahill?

— Só tem uma maneira de descobrir — respondeu Dan — pelo jeito, nós vamos para o Caribe.

Nellie, que estava tirando um cochilo, de repente se endireitou na cadeira.

— Alguém falou em Caribe?

— A próxima pista talvez esteja lá — confirmou Amy.

— Opa, assim é que eu gosto — comemorou Nellie — protetor solar fator 25, biquíni, praia, drinques servidos em cocos... Já topei!

Do lado de fora da pensão, o vulto sombrio do Everest assomava sobre eles, agora guardando um segredo a menos...


THE
39
CLUES

"Gordon Korman criou uma história com todos os elementos típicos das aventuras dos Cahill, e sua **escrita impressionante** conduz o leitor nessa viagem cheia de emoção."
KIDSREADS.COM

"Até agora, *O código do imperador* é **um dos melhores livros** desta ótima coleção, cujo final está a apenas dois títulos de distância."
MYSTERIOUSREVIEWS.COM

GORDON KORMAN nasceu em Montreal (Canadá), em 1963. Quando tinha apenas 14 anos, escreveu seu primeiro livro. Sua mãe o datilografou (naquele tempo não havia computador) e ele enviou para uma editora. O livro foi aceito e publicado. O segredo de escrever, para ele, consiste em partir de um fato real e deixar que a sua imaginação melhore a história. Na escola, Gordon gostava bem mais de ciências e matemáticas que de literatura, e se não fosse escritor, seria engenheiro. Ele também escreveu *Uma nota errada*, segundo livro da coleção The 39 Clues®.

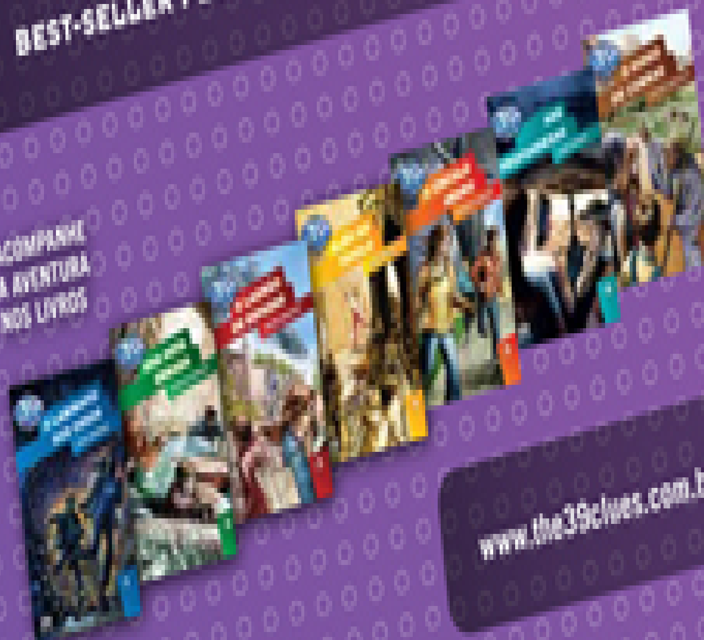
EM UMA SEPARAÇÃO, VOLTAR NEM SEMPRE É UMA ESCOLHA.

AMY E DAN NÃO TINHAM DÚVIDA de que formavam o único grupo com boas intenções na competição. Mas a descoberta na África mudou tudo o que sabiam sobre os pais e sobre si mesmos. Incertezas tomam conta dos irmãos e, no centro de Pequim, eles acabam se separando. Com Dan perdido no país mais populoso do mundo, Amy terá de decidir se procura a próxima pista ou o irmão. Nos diferentes caminhos que percorrem, eles descobrem dicas deixadas por Pu Yi, o último imperador da China. Mas a viagem pela Ásia vai ainda revelar a eles o significado das 39 pistas. E a importância de que esse segredo não caia nas mãos erradas.



BEST-SELLER PELO THE NEW YORK TIMES

ACOMPANHE A AVENTURA NOS LIVROS



www.the39clues.com.br



8

O CÓDIGO DO IMPERADOR GORDON KORMAN